



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES-CH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS-PPGCS
LINHA DE PESQUISA: CULTURA E IDENTIDADES

NÁDIA VANESSA GONÇALVES DA SILVA

O CORPO DIVERGENTE: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DE
AUTOESCARIFICAÇÃO EM UM ADOLESCENTE

Campina Grande/PB

2021

NÁDIA VANESSA GONÇALVES DA SILVA

**O CORPO DIVERGENTE: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DE
AUTOESCARIFICAÇÃO EM UM ADOLESCENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior

Campina Grande/PB

2021

NÁDIA VANESSA GONÇALVES DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior

Prof.^a. Dr. Maria de Assunção Lima de Paulo

Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva

Campina Grande/PB

2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
POS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM 06 DE ABRIL DE 2021

CANDIDATA: **Nádia Vanessa Gonçalves da Silva**. COMISSÃO EXAMINADORA: Ronaldo Laurentino de Sales Júnior, Doutor, PPGCS/UFCG, Presidente da Comissão e Orientador; Vanderlan Francisco da Silva, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador Interno; Maria de Assunção Lima de Paulo, Doutora, PROFSOCIO/UFCG, Examinadora Externa. TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: "*O CORPO DIVERGENTE: uma análise da prática de autoescarificação em um adolescente*". ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Sociologia. HORA DE INÍCIO: 14h00 – LOCAL: **Sala Virtual (Google Meet), em virtude da suspensão de atividades na UFCG decorrente do corona vírus**. Em sessão pública, após exposição de cerca de 45 minutos, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema de sua dissertação, obtendo conceito APROVADA. Face à aprovação, declara o presidente da Comissão achar-se a examinada legalmente habilitada a receber o Grau de Mestre em Ciências Sociais, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que a mesma faz jus. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, RINALDO RODRIGUES DA SILVA, e os membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, 06 de Abril de 2021.

Recomendações:

RINALDO RODRIGUES DA SILVA
Secretário

RONALDO LAURENTINO DE SALES JÚNIOR, Doutor, PPGCS/UFCG
Presidente da Comissão e Orientador

VANDERLAN FRANCISCO DA SILVA, Doutor, PPGCS/UFCG
Examinador Interno

MARIA DE ASSUNÇÃO LIMA DE PAULO, Doutora, PROFSOCIO/UFCG
Examinadora Externa

NÁDIA VANESSA GONÇALVES DA SILVA

Candidata

2 - APROVAÇÃO

2.1. Segue a presente Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata **NÁDIA VANESSA GONÇALVES DA SILVA**, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.

2.2. No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da tese e tomaram conhecimento do teor deste documento.



Documento assinado eletronicamente por **VANDERLAN FRANCISCO DA SILVA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 06/04/2021, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RINALDO RODRIGUES DA SILVA, SECRETARIO**, em 07/04/2021, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nádia Vanessa Gonçalves da Silva, Usuário Externo**, em 07/04/2021, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RONALDO LAURENTINO DE SALES JUNIOR, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/04/2021, às 13:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

S586c Silva, Nádya Vanessa Gonçalves da.
O corpo divergente: uma análise da prática de autoescarificação em um adolescente / Nádya Vanessa Gonçalves da Silva. – Campina Grande, 2021.
109 f.
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação: Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior".
Referências.
1. Psicologia Social. 2. Prática Autolesiva – Corpo – Adolescência.
3. Autoescarificação – Adolescência. I. Sales Júnior, Ronaldo Laurentino de. II. Título.

CDU 316.6(043)

Resumo: Esse trabalho tem a intenção de investigar sociologicamente a produção de significados em torno da prática de autoescarificação em um adolescente. Revisitando suas memórias e estabelecendo vínculos com seu presente, essa pesquisa busca elucidar os sentidos adotados na prática dos cortes e como essa resolução de corpo desviante que transcende a noção de preservação corporal denota a intensidade de um sujeito que inserido em um paradoxo transfere sua dor e angústia sobre a forma de escarificação. Os cortes nessa pesquisa são lidos como estratégias de sobrevivência e resistência, em que nosso depoente estabelece através do corte uma relação de controle e conexão consigo mesmo e com o mundo exterior, apesar de todos os estigmas e precariedade no processo de compreensão social, esse corpo que desvia de todas as normatizações sobrevive.

Palavras-chave: autoescarificação; corpo; adolescência

Abstract: This work intends to investigate sociologically the production of meanings around the practice of self-scarification in an adolescent. Revisiting his memories and establishing links with his present, this research seeks to elucidate the meanings adopted in the practice of cuts and how this deviant body resolution that transcends the notion of bodily preservation denotes the intensity of a subject who inserted in a paradox transfers his pain and anguish over the form of scarification. The cuts in this research are read as survival and resistance strategies, in which our interviewee establishes, through the cut, a relationship of control and connection with himself and with the outside world, despite all the stigmas and precariousness in the process of social understanding, this body that deviates from all norms survives.

Keywords: self-scarification; body; adolescence

Sumário	
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 01	18
TENSIONANDO CATEGORIAS ANALÍTICAS	18
1.1 O corpo	18
1.2 Autoescarificação	20
1.3 Autoescarificação: o corpo que resiste	21
1.4 Corpo sobrevivente?	24
1.5 Corpo autoescarificado	29
1.6 História de Vida	36
1.7 Memória e implicações metodológicas	42
1.8 Cartografia da travessia de Mar	50
CAPÍTULO 02	55
ENTRE O PATÓLOGIO E O NORMAL: O ESTIGMA DO CORTE	55
2.1 Algumas considerações a partir dos estudos da psicanálise e da psicologia	55
2.2 O estigma da autoescarificação	59
2.3 Desnaturalização da adolescência: uma crítica à definição da psicologia	70
CAPÍTULO 3	77
NARRATIVAS: ANALISANDO AS CATEGORIAS TENSIONADAS	77
3.1 Afeto: ações provocadas	77
3.2 Corpo, transitividade e devir	81
3.3 Duplamente estigmatizado	88
3.4 O que dizem as marcas?	91
3.5 O desejo de ser	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100

INTRODUÇÃO

Marcas corporais são, em diversas sociedades, um ato simbólico de afirmação da identidade cultural. Em vários contextos sociais é possível observar que crianças, jovens e adultos inscrevem em seus corpos marcas que, em certa medida, são legitimadas coletivamente. Essas marcas corporais podem ser percebidas como ritos e cerimônias contundentes de passagem de um ciclo de vida para outro ou como símbolos de pertença grupal. Mas, como interpretar essas marcas quando elas não se encaixam nos padrões culturais de grupos, tribos ou clãs específicos? Nesses casos, as marcas corporais se tornam um fenômeno social inquietante. Elas desafiam o pensamento social a pensar em um acesso situacional, a destrinchar as nuances de um contexto social que permita compreender as relações interpessoais e socioculturais que possam ajudar a identificar o principal problema formulado: Como compreender a produção de significados a partir e em torno da autoescarificação? Quando o sujeito marca seu corpo por fatores externos, mas que não correspondem a uma simbologia de pertencimento grupal, entende-se que por trás do ato há elementos que possibilitem a investigação sociológica para a compreensão dessas ações que não estão nos moldes de tradições culturais, mas que indicam que há inscrito nessas práticas um tipo de problemática social a ser estudada.

É significativo o volume de estudos em torno da automutilação. A maior parte dos estudos relativos a essa temática pertence ao campo da psicologia e psiquiatria, levando os estudiosos a analisarem o fenômeno pelo viés patológico mental. Na área da sociologia não são numerosos os estudos realizados. Em razão desse fato, nosso trabalho tem como objetivo pensar sobre esse fenômeno, mediante uma perspectiva sociológica. Para tanto, recorreremos às teorizações, instrumentos metodológicos e *insights* sociológicos visando trazer para o campo científico social análises que busquem não só compreender a subjetividade dos atores sociais, como também a teia de interações sociais que influenciam os agentes em suas práticas de autoescarificação.

A partir de uma breve observação, poderia concluir-se que as práticas corporais autolesivas, em certa medida, refletem uma figuração social que reconhece no corte a existência de um tipo de corporeidade específica, uma corporeidade marcada pela dor física e moral, e que é integrada e mantida na vida coletiva por laços sociais frágeis. A prática da autoescarificação esconde, por trás das relações, contextos sociais que permitem ser analisados através do viés sociológico, não descartando os estudos da área

da saúde, mas criando possibilidades de compreensão do comportamento de autolesão como prática social.

Ao lecionar numa pequena escola de ensino médio, no *locus* onde realizei a pesquisa, me deparei com estudantes entre 15 e 17 anos com infinitos conflitos pessoais, resultantes, em parte, das tensões vivenciadas nos contextos sociais onde esses jovens estão inseridos. Nos primeiros meses, notei algumas peculiaridades nas formas de comportamento de alguns alunos. Os discursos eram de sujeitos insatisfeitos com a vida, com a família, com os estudos, com as possibilidades do futuro e com a própria existência. Inicialmente, pensei que fossem apenas discursos dramáticos de uma fase socialmente marcada por mudanças e cobranças sociais, porém algumas situações me chamavam atenção. Discorrerei sobre isso mais à frente.

Por ser uma das professoras mais jovens da escola, construí um laço de proximidade com os alunos. Dessa forma, percebi que, eles depositaram em mim confiança para falar dos seus conflitos e problemas pessoais. Era sempre convidada para participar das festas internas que faziam, os conhecidos “rôles”, para aniversários, ou, até mesmo, para assistir um filme. Sempre que pude, estava presente. Nesses espaços, percebi o quanto esses jovens expressavam um sofrimento que os provocavam. Os discursos suicidas, o nível de álcool consumido, a falta de responsabilidade com o corpo e as conversas sobre cortes corporais eram temas centrais nas rodas de conversa. Meus alunos estavam definhando num processo de sofrimento, que marcava seus corpos de forma dolorosa e inquietamente. Esse fato causou em mim uma série de questionamentos. Passei, então, a pensar sobre os sentidos que estavam por trás desses discursos e dessas práticas de “infração” ao próprio corpo.

O *locus* em questão é um município da zona urbana no interior da Paraíba. A cidade é um lugar tradicional, onde a população preza muito pelo discurso moral e pela vivência dos valores cristãos sobre a vida e o corpo, transmitidos pelas instituições religiosas, fato que se evidencia tanto pela quantidade de adeptos católicos, como protestantes. A religião desempenha papel de forte influência na comunidade, desenvolvendo projetos para ampliação do público jovem, oferecendo encontros menos ortodoxos com o objetivo de atrair e manter a permanência desse público nos ambientes religiosos, assim como a inserção desses, nas tarefas semanais das igrejas para que o foco não se desvie. Existem rituais a serem cumpridos a cada etapa da vida, no seguimento romano isso é mais

comum, como por exemplo, a primeira eucaristia, o crisma, o encontro jovem com cristo e assim por diante, quando há a quebra desse ciclo questionamentos e pressões passam a ser feitas, pela comunidade religiosa e principalmente pela família, é uma quebra no sentido dos valores muito forte e o jovem que rejeita seguir esses passos sofre sanções punitivas como apontamentos, estigmatização por não compartilhar da mesma fé junto com os demais, sendo considerado um estilo de vida inadequado para as tradições da comunidade.

Os contatos sociais são próximos. O curto tamanho do território, normalmente, não deixa espaço para que existam segredos entre os moradores. Por ser um espaço em que todos se conhecem, o acesso a algumas informações podem ser fáceis, fato que não assegura uma comunicação em profundidade sobre assuntos considerados *tabus*. Uma vez que se consegue certa proximidade com algumas pessoas, perguntar sobre diferentes vivências e obter respostas de forma espontânea pode também levar certo tipo de fechamento em relação a determinados assuntos para evitar que a intimidade dos depoentes fique em exposição, já que, embora exista essa cultura de compartilhamento das particularidades alheias, existem também certos limites nesse ato de exposição.

Na cidade não existe um ambiente específico para prática de lazer em que os adolescentes dediquem seu tempo. A escola se torna o principal meio de socialização e construção de afeto entre eles. Eles não se sentem seguros e confortáveis em seu seio familiar para desabafar e falar daquilo que os fere, pois é comum da parte deles esperar da família atitudes de julgamento perante seus conflitos internos e externos, observei isso durante nossas conversas dentro e fora da escola. O silêncio se torna característica principal na relação pais e filhos. E diante desse e outros conflitos buscam refúgio, muitas das vezes, no consumo de álcool, por exemplo, o que presenciei diversas vezes e nas práticas de autoescarificação, buscando sentido para suas angústias. No decorrer da nossa pesquisa, nos depararemos com discursos de insatisfação com a relação familiar e o forte sentimento de abandono e solidão.

Dos adolescentes aos quais tivemos acesso, optamos por convidar apenas uma para participar e narrar sobre sua trajetória e construir esse trabalho, a opção foi tomada pela possibilidade de aprofundar e intensificar as questões que envolvem sua história de vida. Nomeamos nossa adolescente de Mar, tão forte e tão fluída como as águas do nosso planeta. Na subjetividade de sua existência, com a dor que a aflige fez essa pesquisa

acontecer. O método da história de vida será nossa via metodológica auxiliando no desenvolvimento e andamento da pesquisa. Justificaremos mais a frente.

Mar é carismático, mas também muito fechado num mundo particular seu e bate de frente quando suas verdades são confrontadas. Ele se diz amante da liberdade e essa liberdade implica sempre em grandes conflitos com a mãe, um deles é assumir sua postura ateuista e também sua sexualidade.

A escolha por Mar se deu pelo fato da sua disponibilidade em contribuir com a pesquisa e pelas singularidades que sua personalidade apresenta, um misto de emoções compõe sua performatividade, por vezes brincalhona, mas dando espaço para breves instantes de acidez que entregam uma dinâmica de vida de solidão. O que torna a pesquisa mais desafiadora. Alguém que disfarça sua sede de gritar com piadas sem graça e que evita falar sobre si, falando sobre várias coisas aleatórias não pessoais, se dispôs a narrar sua trajetória para uma pesquisa acadêmica. Diante disso, deixamos claro que o entrevistado em questão em todas as etapas esteve ciente de que estaria contribuindo para uma pesquisa. Discorreremos com mais profundidade sobre o percurso percorrido até a escolha de Mar na próxima seção, evidenciando os motivos e possibilidades dessa opção.

O recorte da pesquisa se afinou em adolescentes e nessa perspectiva é possível pensar num aprofundamento das análises, justamente pela compreensão do processo de movimento entre a saída da infância e o caminho para a vida adulta. Buscaremos analisar para reafirmar o quanto os processos sociais que formam o sujeito contemporâneo estão interligados à ideia de adaptação e adequação do corpo. O corpo que é forjado a situações e performances no intuito de agregar valores e símbolos nesse processo de formação subjetiva e objetiva.

Pesquisar os mecanismos que compõem o cotidiano de uma jovem autolesionada pode ser entendida como uma abordagem rica em conhecimentos e descobertas. Mediante uma abordagem de ordem qualitativa, é possível se identificar os elementos que permeiam a relação entre autoescarificação, construção da identidade e integração/resistência a laços de sociabilidade. Pesquisar a prática de escarificação na adolescência pode ser um novo caminho para uma abertura sociológica que possibilite o entendimento dessas práticas e seus efeitos sobre o corpo do sujeito mutilado.

A partir das minhas vivências enquanto docente de uma escola pública, na qual compartilhei com os alunos, dias de dor e superação, dias em que os via muito alegres,

com ótimo desempenho escolar, sorridentes e fazendo planos para o futuro, e também dias em que eles não suportavam o mundo e inseriam em seus corpos a angústia da própria existência, percebi o quanto havia algo de inquietante em suas vivências, quando me dei por total compreensão da externalidade desse sofrimento, voltei meu olhar sociológico para essa questão.

Passsei a prestar mais atenção nos diálogos, nos comportamentos, me dediquei a ouvi-los melhor para entender que tipo de problema estava por trás disso. Ao me atentar para os discursos e os comportamentos de desprezo à vida e ao corpo, percebi como essas práticas eram comuns naquela rede de jovens. Quando me refiro ao desprezo à vida, falo dos discursos sobre não se sentirem importantes e não fazerem questão alguma em seus discursos de externalizar a pouca vontade de viver.

De acordo com a titular do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos os números de automutilação e suicídio¹ de adolescentes vêm crescendo nos últimos anos, estima-se que entre cinco a nove mortes por 100 mil habitantes em 2018 tenha como causa o suicídio, já a automutilação, por não ter até então, a notificação compulsória, não existem estatísticas oficiais, mas a partir dos dados computados, posterior a Lei que recentemente (2009) foi instituída, será possível mapear a situação. A automutilação é uma questão real e silenciosa que afeta os jovens. A Lei de Política Nacional de prevenção à automutilação e ao suicídio no país, publicada no Diário Oficial, de autoria do Ministério da Cidadania, estará em cooperação com os estados e municípios, articulando o tratamento dos fatores condicionantes, cobrando a notificação compulsória, não só dos casos de tentativa de suicídio, como também das práticas de autolesão, presando pela saúde mental dos indivíduos e buscando formas para solucionar o problema que tem atingido os jovens brasileiros². A automutilação é um problema social e demanda,

¹ Segundo a CID, quem pratica a autolesão não possui necessariamente intenção suicida, mesmo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos apresentando os dados lado a lado, a prática autolesiva pode ser compreendida como uma ação de preservação a vida acessada principalmente através de inserções de cortes no corpo e que, apesar de agressivas, não são autodestrutivas. Mesmo as estatísticas apontando o crescimento da autolesão e do suicídio de forma conjunta, neste caso, essa pesquisa busca entender a prática dos cortes como uma prática desviante de sobrevivência. Compreendendo desta forma, discutiremos de modo mais intenso essa questão no primeiro capítulo.

² O Brasil ainda não tem estatísticas oficiais sobre os dados que indicam a porcentagem de jovens automutilados no país, mas de acordo com o site oficial do Governo Federal (2019), os estudos indicam que o percentual chega a 20% o que representa cerca de 14 milhões de jovens.

com urgência, políticas públicas.

Numa visão mais geral e comum, há uma tendência, em nossa cultura, de invisibilizar os adolescentes. É como se de forma generalizada eles fossem vistos como uma massa idiotizada que não precisasse ser ouvida. Esse comportamento parte da família, da escola, do Estado, da sociedade no geral. Os chamam erroneamente de “aborrecentes”. Seus conflitos não interessam, é tudo “uma fase” e logo vai passar, mas esquecem que são indivíduos que, assim como em qualquer outra etapa da vida, pertencem e existem em sociedade.

A adolescência é uma época especialmente difícil da vida, sobretudo quando, somadas às questões relacionadas às vicissitudes da idade, se apresentam problemas relacionados à rejeição ou perda familiar, álcool, drogas, como também, de uma sociedade, muitas vezes, pouco acolhedora. Nesse contexto, a formação da identidade pode se constituir num processo penoso e complicado, considerando que ela é instaurada a partir do olhar do outro, na forma de um espelho. É na generosidade desse olhar que é construída a imagem de valor e às vezes, da significação humana. (2019)

É necessário dar voz aos problemas internos e externos que os afligem. Realizar um trabalho voltado para a perspectiva adolescente é de suma importância para o campo científico, pois, esse período é vivenciado pelo jovem como uma dilaceração constante de transformações e construções. São travessias feitas que intensificam as circunstâncias vivas em suas trajetórias. Nas sociedades ocidentais, sobretudo, a moderna, a menina vai se encaminhando e se redesenhando para se tornar mulher, este é o esperado pelo ponto de vista da identidade de gênero feminina. Nessa fronteira, há uma carga de significados que julgam e subjugam sua representação no mundo. Tudo é questionável, até mesmo a relevância da sua existência. O sofrimento jovem existe e ele carrega consigo uma tendência de manipulação dos corpos, nele recai todas as rejeições e o caos que circundam o jovem. E por isso, a importância de estudar suas experiências, práticas e representação de mundo e compreender as variáveis por trás da autoescarificação se faz tão necessário.

O conceito de adolescência tomou várias interpretações ao longo dos anos. No geral, sua definição sempre foi relativa à época e espaço, ou seja, é definido culturalmente de acordo com as normas e tradições culturais de cada lugar, levando também em consideração o período histórico, mas vale salientar que o conceito é recente e que nem

sempre foi debatido. Discutiremos, sociologicamente, ao decorrer da dissertação esse conceito, mas por hora, fiquemos com a noção de que a adolescência é um fato sociocultural. Em poucas palavras podemos caracterizar o significado de adolescência como “o ato de crescer”. Na contemporaneidade, adolescência remete geralmente à ideia de crise, pela dificuldade dos jovens de se estabelecerem enquanto identidade e ser social ativo na sociedade, a passagem da infância para a maturidade desencadeia uma série de conflitos que marcam a trajetória de meninos e meninas que buscam se afirmar em meio ao turbilhão de sensações que constituem esse período. Le Breton destaca:

Contudo, tornar-se adolescente é ainda mais difícil hoje do que a tarefa de ser um indivíduo. Ser um indivíduo, no sentido moderno do termo, implica a dificuldade de ser ele próprio, o fato de não se dispor de referências já estabelecidas, mas de ter que construí-las por si mesmo. As regulações coletivas se apagam, o jovem é obrigado a encontrar em si mesmo os recursos de sentido para permanecer ator de sua existência. (LE BRETON, p. 120, 2017)

Até o século XX, os indivíduos tinham uma identidade bem definida e localizada, nas sociedades ocidentais, porém com os processos de liquidez e fragmentação, em que aceleradamente transformações acontecem, reformulando comportamento, significados e modos de enfrentamento, o adolescente é levado a reconsiderar e projetar novas noções sobre si, essas noções que antes eram fixas e sólidas, passam agora por um encadeamento de metamorfoses. Esse movimento de fluidez, sem dúvida, mexe com os mecanismos de interação social e narrativas da construção do eu. Pensar sobre essa complexidade que se colocou diante nos nossos olhos sem pensar o efeito que isso causa em adolescentes é praticamente impossível. Segundo Le Breton:

A adolescência é o momento no qual se elabora um sentimento de identidade, ainda maleável, para o jovem que não para de se interrogar sobre sua pessoa. Conduzido por um processo de reconquista de si, ele ignora o objeto de sua busca e tenta se tornar o que é e o que continua a ser tão estranho para ele. A evidência do caminho escapa de repente, sobretudo se os pais não são suficientemente afetuosos, disponíveis, provedores e limites. O sofrimento é um bloqueio do sentimento de identidade (LE BRETON, p.124, 2017).

O adolescente, noção criada pela modernidade, participa de um processo muito intenso de aceleração e instabilidade. Diante disso, a vulnerabilidade e a falta de referências para a construção da sua própria narrativa e condição de existência tornam-no inserido num ciclo social muito difícil em termos de construção de si, enquanto parte integrante da sociedade. O adolescente submetido a essa aceleração intensificada está

imerso num contexto de várias dimensões do consumo e rapidez das relações e coisas. Ele é totalmente afastado das noções que o ligam com o futuro. Não há um engajamento para se pensar em ações próximas. Com o crescente individualismo, bases que se apresentavam com solidez vão se desfazendo no tempo e no espaço, e torna-se cada vez mais complexo se pensar na construção das questões sólidas.

É importante pensar como há um contraste na realidade do lugar onde nossa adolescente fala, pois de um lado o sistema comunitário, moral, coercitivo e familiar atua exercendo influência, e por outro, com as mudanças contemporâneas, a fluidez presente nas grandes cidades passam a penetrar nas estruturas das comunidades, que passam também a sofrer influências. Ao analisar a vivência e a relação da adolescente com o meio em que vive é possível perceber esse paradoxo. Ao passo que a comunidade oferece certa segurança, ao proporcionar acolhimento, ela priva, diminuindo a capacidade de liberdade. Mas ao não privar, e deixar livre, ela deixa de fornecer referências para a construção de si. Trouxemos essa reflexão acerca da comunidade para contextualizar a importância do espaço em que se constrói o indivíduo histórico-sociocultural que dará voz as narrativas dessa pesquisa.

Diante das considerações feitas, esse trabalho tem a pretensão de analisar os significados que envolvem a autoescarificação. Gostaríamos de construir fundamentadas análises, para compreender a produção social de significados a partir e em torno da prática de autoescarificação. As crenças e os sentimentos que estimulam esses jovens para executar em seus próprios corpos esse tipo de prática. Por outras palavras, a partir da observação das interconexões sociais, se trata de entender a mecânica dos processos de vida e como estes dão sentido a essas ações de autolesão, assim como de compreender a dinâmica subjetiva de jovens atores sociais que executam essas práticas.

Pretendemos trazer ao campo sociológico a problematização das práticas de autolesão, e assim evidenciar seus significados. Desse modo, em virtude do que se pretende pesquisar, tomamos como objetivos específicos os seguintes pontos: 1) analisar a produção social dos sentidos identificados na prática de autoescarificação; 2) Identificar os significados da prática de autoescarificação para a adolescente e 3) a partir das múltiplas linhas narrativas, analisar os vínculos sociais e afetivos que envolvem e (de)marcam o corpo adolescente. Nossa metodologia, focada na história de vida, nos dará suporte para o alcance dos objetivos e assim apresentar os resultados da pesquisa. Esse

método nos auxiliará no contato profundo não só com a história de vida, mas com a interpretação que a adolescente e o coletivo de que faz parte dá aos fatos que sua lembrança recorda.

O desenvolvimento do nosso trabalho acontece em três capítulos que sucedem a introdução. Nela é feito um apanhado introdutório das características gerais da pesquisa, apresentando nossas indagações sobre a problemática suscitada a partir das práticas de autoescarificação e o porquê da importância de ter como temática de pesquisa esse problema que desafia o pensamento investigativo social, um escopo da nossa proposta, assim como nossos objetivos e hipóteses acerca do problema em questão, como também introduzimos o processo de construção da pesquisa.

Dedicamos o primeiro capítulo para destacar as categorias analíticas que compõem o desenvolvimento da pesquisa e sobre a construção metodológica. Discorreremos sobre o nosso contato com o adolescente entrevistado e as dificuldades que se apresentaram no desenvolvimento dessa etapa da pesquisa. Lidar com as emoções e sofrimento alheio é uma tarefa de flego. E este capítulo, para além das considerações teóricas sobre metodologia, traz para o cerne da reflexão a dificuldade humana em ouvir o outro falar sobre aquilo que o machuca e, ao mesmo tempo, captar a importância disso para a análise sociológica. Então, nesse capítulo será enfatizado as implicações metodológicas sobre a relação pesquisador/entrevistado e como somos afetados em níveis por esses contatos. Além de trazer as contribuições teóricas do método que forneceu possibilidades para a pesquisar se desenvolver.

Posteriormente dedicamos o segundo capítulo para apresentar algumas das contribuições teóricas que dão suporte ao desenvolvimento do estudo. Dedicaremos este capítulo para trazer à reflexão não só a discussão interdisciplinar sobre corpo, afetos, adolescência e automutilação, mas também buscar discorrer sobre os sentidos dessa prática para nossa depoente. Nessa perspectiva trabalharemos com definições e compreensões do campo da psicologia, mas não deixaremos de tentar interpretar a problemática pelo viés sociológico. Esse suporte teórico da psicologia é fundamental para que tenhamos base sobre o que é a autoescarificação, porém ele não é suficiente para este trabalho e será imprescindível para a pesquisa sociológica que busquemos ir além e compreende-lo a partir dos significados dados por Mar.

Abordamos a noção de adolescência, trazendo reflexões e interpretações acerca daquilo que envolve a construção do ser adolescente e como o social está diretamente relacionado a essa etapa da vida. Traremos para o nosso trabalho perspectivas que visam

conceituar a adolescência buscando a compreensão a partir da desnaturalização de uma fase exclusivamente biológica, enfatizando o caráter social. Desse modo poderemos construir um panorama sobre a definição sociológica da adolescência a qual nossa pesquisa se interessa e a partir disso poder correlacionar as dinâmicas da vida adolescente com os vínculos sociais e afetivos construídos no processo de socialização da nossa entrevistada.

Uma vez identificadas as ferramentas metodológicas a serem utilizadas, das quais conseguimos recolher dados para fundamentar empiricamente nossa pesquisa e caracterizando as categorias analíticas que dão forma a pesquisa, dedicaremos o terceiro e último capítulo para a análise do material produzido, colocando em evidência a adolescente e sua subjetividade.

CAPÍTULO 01

TENSIONANDO CATEGORIAS ANALÍTICAS

1.1 O corpo

A natureza da sociedade humana é, sobretudo, um sistema de significações, e se analisarmos o corpo da maneira mais simples possível veremos que, como sistema biológico, o corpo humano é afetado por causas exteriores, cultural e socialmente construídas (José Carlos Rodrigues, 1975). Produzimos e manipulamos nosso corpo em função de coisas, de caráter social, cultural, espiritual, sexual, etc.

A autoescarificação ou as marcas corporais autoproduzidas são entendidas por vários campos da ciência como uma patologia mental que pode ser tratada através de um profissional da saúde, mas essa temática também pode ser um fenômeno pesquisável no campo sociológico, construindo pontes para compreender os atos de autoescarificação em adolescentes como circunstâncias de caráter sociocultural, procurando problematizar o entendimento da prática e pensar se a patologia está “dentro” ou “fora” do sujeito que insere cortes em seu corpo. Além disso, essa pesquisa se propõe a problematizar a própria concepção de patologia, do que é visto como doença ou anormalidade, pois são questões interligadas à nossa abordagem de pesquisa.

Entendendo o corpo como categoria de análise, este nos permite pensar sobre as

práticas de autolesão. Não menos importante, a noção de adolescência também faz ponte com os estudos sobre o corpo nos possibilitando um viés analítico para a compreensão da nossa problemática de pesquisa, já que nós estamos tratando de corpos adolescentes. Pensar essas duas variáveis através das teorizações do campo sociológico nos permite construir um panorama de análise que inclui pensar essas questões como ponto de partida para a construção da pesquisa.

Para Rodrigues (1975), um dos primeiros antropólogos a escrever um trabalho científico em língua portuguesa sobre o caráter simbólico do corpo humano, a sociedade é uma entidade provida de sentido e significação, e, portanto o corpo não é apenas biológico, mas é também uma construção social e cultural tomada por símbolos e significações. Ao nosso corpo se aplica crenças e sentimentos, portanto ele está sobreposto a valores que indicam algo.

Em *A Sociologia do corpo*, David Le Breton empenha-se em sistematizar as lógicas sociais, culturais e simbólicas entrelaçadas na corporeidade. “Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (LE BRETON, p.07, 2007). O corpo não é apenas um *dado natural*, ele é imanente ao contexto social e cultural. O autor adota essa perspectiva social e cultural para compreender a lógica dos ritos e comportamentos nas interações do cotidiano. O corpo é simbólico e se torna receptor e emissor de símbolos no processo de introdução da vida coletiva ou individual produzindo sentidos em ações físicas como, por exemplo, a autoescarificação. Segundo Lima:

Existem condicionantes sociais e culturais que modelam a corporeidade humana e constroem a relação do homem com o mundo, ou seja, a expressão corporal é socialmente construída e modulável a partir da interação com os outros e com o conjunto de dados da simbologia dos grupos de aperfeiçoamento de cada indivíduo. O corpo é visto como mediador das ações humanas e compreendido na trama social de sentidos e objeto de representações ritualísticas e morais, bem como na linguagem, na ética e em cada movimento da cultura. (LIMA, 2015).

Nosso corpo está tomado de sentidos. São eles das mais diversas categorias. Nesse processo em que adequamos o corpo a determinadas funções, que parecem nos colocar num ramo de sociabilidade padrão aos elementos estabelecidos, modelamos nossas performances e utilizamos nosso corpo para expressar as influências externas que nos são determinadas. Entende-se que o corpo é casa. Nele depositamos uma enxurrada de simbologias e dinâmicas. Nosso corpo é, na cultura ocidental, um instrumento de

permanência, pois é através dele que mostramos e demonstramos os mecanismos de acesso a uma cultura que, pensa o corpo seguro, sem infrações ou marcas que transmita uma imagem de fragilidade.

1.2 Autoescarificação

O ato de marcar o corpo não é uma prática recente, ao contrário, ela é praticada desde a antiguidade (LORENA, 2016, p.62), onde diversas sociedades, de diferentes períodos ou culturas faziam uso das marcas para fins específicos, até mesmo como simbologia de um rito de passagem. A marcação tem um sentido para os povos, sentido de identidade e de pertencimento ao grupo. Em alguns países da África Subsaariana, por exemplo, acredita-se que é necessário marcar o corpo para que ele possa existir. Esse reconhecimento parte da esfera social e religiosa, evidenciando o fator de pertencimento. Mas como aponta os estudos de Costa (2003), a prática de marcar o corpo na Idade Média deriva de um apontamento de práticas desviantes. As marcas corporais ao longo da história serviram tanto para dignificar como para desonrar indivíduos, revelando assim, seu caráter relativo e sociocultural.

Geralmente, o ato de inserir cortes pelo corpo é visto, conhecido e estudado pelo campo da psicanálise e da psicologia, como já citamos em nossa introdução. Em conexão com estas áreas, buscamos trazer as contribuições e atribuições dos estudiosos que compõem estes campos, mas não se ausentando de problematizá-la a partir de noções sociológicas acerca do poder e suas aplicações sobre o corpo, da transgressão e do estigma que a prática carrega. Neste capítulo, nos empenhamos em provocar uma reflexão acerca das considerações feitas sobre o que é a autoescarificação e o que ela representa nos corpos marcados pela prática, tentando estabelecer a relação de significados e sentidos para o entrevistado em conexão com o suporte teórico.

Para iniciar nossas discussões, é importante ressaltar que existem várias discordâncias na literatura científica sobre a nomenclatura a se usar para identificar a prática de inserir cortes nos próprios corpos. Automutilação, autolesão, escarificações, *cutting*, todos esses termos são encontrados em estudos sobre a prática autolesiva. Nos países que possuem maior volume de estudos sobre o tema, como o Reino Unido, por exemplo, é comum utilizarem termos como *self-harm* e *self mutilation*. A depender do tipo de lesão e comportamento do sujeito, essas terminologias também variam (Lopes, 2017). Trabalharemos em nosso texto com o termo autoescarificação como uma prática

autolesiva.

Se recorrermos ao dicionário, a definição do termo escarificação é “um conjunto de arranhões ou pequenos talhos sobre uma superfície” (Dicionário Michellis, 2015). A escarificação é uma das diversas formas de se praticar a autolesão, nas pesquisas sobre o tema é comum os pesquisadores afirmarem que este é uma problemática que vem crescendo (Lorena, 2016), porém existe uma dificuldade de encontrar dados acerca dessa, considerada epidemiologia na população brasileira, dificuldade enfrentada também nesta pesquisa.

Segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e problemas Relacionados à Saúde - CID 10 (Organização Mundial da Saúde, 2008), a prática autolesiva é definida como um comportamento intencional repetitivo, de lesão ao próprio corpo, seja por meio dos cortes, queimaduras, puxões de cabelo, socos na parede, bater a cabeça ou morder as mãos, sem necessariamente a intenção suicida. De acordo com Silva e Botti (2018), esse comportamento autolesivo é predominantemente praticado por adolescentes e sendo mais frequentes em meninas. Ainda de acordo com as autoras, no Brasil ainda não há estudos que quantifiquem as ocorrências, porém, acredita-se que o número de casos que chegam aos serviços de saúde é mínimo, comparados aos casos sem tratamento ou notificado, já que é um fenômeno oculto e silencioso, devido ao estigma que carrega.

Segundo Tori DeAngelis (2015), há também outro aspecto a se destacar sobre a autoescarificação. Recentemente, os estudos comprovam que ela está relacionada geralmente a pessoas que apresentam avaliações negativas sobre si e também baixa autoestima. A dor seria nesse caso uma forma de validar as avaliações negativas que essas pessoas têm sobre si mesmas.

1.3 Autoescarificação: o corpo que resiste

Em toda sociedade há dispositivos regularizadores que selecionam os modos de ser através do corpo e funcionam de maneira que seja possível ditar éticas e afetos o que pode ou não ser no âmbito do saber e do poder (ARCOVERDE, 2013, p.10). O ato de se autolesionar pode estar relacionado a sistemas religiosos, culturais ou até mesmo estéticos, esses atos, com essas finalidades são aceitos e compreendidos no campo social, porém os atos autolesivos que fogem dessa lógica, do instinto de “autopreservação”, infringindo

seus corpos sem a legitimação de estruturas sociais, caem no discurso do não compreendido, do inaceitável e rasgam as noções de controle.

Interessa-nos destacar nesse trabalho o caráter transgressor da autoescarificação, principalmente porque Mar é um garoto transexual. Ele nos afirma que os motivos da sua autolesão é pela não aceitação do corpo em que nasceu. Nos cortes, Mar vê a possibilidade de matar aos poucos um corpo que não o pertence. Nele está canalizada a dor e as angústias que carrega desde a infância. Se trans-formar em garoto já é em si uma forte transgressão e os cortes ratificam isso. Mar foge dos padrões de normatização daquilo que foi esperado para ele, um corpo que representasse feminilidade que pudesse cumprir com as expectativas da família e dos demais. Mar transgride no ser e no fazer. Violando expectativas, transformando o corpo com dor, sangue e coragem.

Nosso objetivo não é em nenhuma hipótese romantizar as práticas autolesivas, mas reconhecer nesses atos que há um caráter que rompe não só a pele, mas noções de poder, de controle, de disciplina. Cortar-se infere desobediência. Mesmo que a prática seja comunicativa, que externalize emoções, afetos, sentimentos, ela quebra a noção do corpo preservado, intocável, da vida como bem mais precioso. Os cortes contrariam os discursos médicos, desafiam a sociedade e provocam estudiosos, e por isso é visto nessa pesquisa como uma prática transgressora.

Nessa etapa do trabalho, queremos reconhecer o caráter transgressor da autoescarificação e as implicações disso sobre a disciplina dos corpos e as relações de poder existentes na não aceitação da prática autolesiva e a consequente estigmatização que ela gera. A diferença entre ferir o próprio corpo de forma aceitável e não aceitável carrega consigo interesses. Para iniciar o debate é preciso entender o corpo como construção política, histórica e social e a subjetividade historicamente determinada, sendo o resultado de lutas de forças que o indivíduo estabelece e consegue com o meio (ARCOVERDE, 2013, p. 10, *apud* TEIXEIRA. 2006).

De acordo com Arcoverde (2013), as pessoas que se autolesionam, ao ferir seu próprio corpo e colocar em risco sua integridade física, fogem da compreensão do que é ser uma vida, já que a sociedade a considera o nosso maior bem e que se deve protegê-la. Vivemos em uma sociedade de direitos, temos lutado e falamos muito atualmente sobre o direito ao próprio corpo e a necessidade de respeitá-lo enquanto esfera do privado, mas quando a vida entra em risco, o poder público e político assume a tarefa de protegê-lo. A

autora nos explica sobre esse poder através da leitura de Michel Foucault:

Esse poder tem dois pólos: o primeiro, cujo centro é o "corpo como máquina". Nesse caso, busca-se adestrar o corpo, ampliar as suas aptidões, extorquir suas forças, torná-lo dócil e útil, integrá-lo a sistemas de controle eficazes e econômicos. Essas ações são realizadas através de procedimentos de poder característicos das disciplinas anátomo-políticas do corpo humano. Esse primeiro atua pela repressão, disciplinarização do corpo; o segundo polo formou-se por volta da metade do século XVIII e o centro é o corpo-espécie. Trata-se da regulação da população: natalidade, mortalidade, saúde pública, duração de vida (longevidade). É uma biopolítica da população. Esses dois pólos "caracterizam um poder cuja função mais elevada é investir sobre a vida, de cima a baixo" (ARCOVERDE, 2013, p.11).

Viver torna-se, a partir do que foi dito, parte do campo do controle, sendo o poder, agente que controla e transforma. As noções do direito, principalmente o direito a vida na esfera do privado, encontra-se também sobre o domínio do público/político. O corpo se torna, nesse sentido, instrumento de resistência e também alvo de normatizações. A prática de automutilação é subversiva porque ela está em oposto aos contratos sociais de preservação da vida. Quem se autolesiona "escapa dos mecanismos de dominação e regularização da vida" (ARCOVERDE, 2013, p.13). Para além disso, é a reconexão com sua potência de vida.

As normas padrões de saúde, não só individual, como coletiva, passam a ser questionadas. As discussões acerca da liberdade do indivíduo também coloca-se em questionamento, porque há uma responsabilidade com a saúde, legitimada e reproduzida pelos estados de poder. Ainda de acordo com Arcoverde:

A autolesão ataca o biopoder em duas facetas, portanto: o controle sobre o corpo individual, normatizado sob o argumento da saúde; e o controle sobre a humanidade, em sua perseguição pela preservação da vida e sobrevivência da espécie, pois ainda que a autolesão não seja suficiente para causar morte, ela não deixa de ser afronta à regulação da existência, representando um ato também político (ARCOVERDE, 2013, p.13).

Os saberes produzem discursos, sejam eles medicinais, psicológicos, jurídicos, religiosos ou sociológicos, por exemplo. Esses discursos legitimados são exercícios do poder que agem sobre os corpos e, a depender das convenções sociais, autoriza ou não determinadas práticas. Se trouxermos as contribuições de Foucault (2005), veremos que não importa a origem do poder, mas como ele se instaura e se perpetua. O poder se faz por meio das relações, delega até mesmo no meio das resistências, é inevitável e se constitui através dos laços de micropoderes entre pessoas e instituições.

Mas não podemos pensar o poder apenas na instância da negatividade, de controle e restrições, porque ele também produz saberes que legitimados socialmente justificam normas. Exemplo disso é a ressignificação do uso da violência física pela vigilância dos corpos, porém não podemos deixar de observar essas normas disciplinadoras no corpo. Arcoverde nos diz:

A medicina, a pedagogia, a justiça e a política são algumas das instâncias que tentam normatizá-lo, através da circulação de discursos disciplinares sobre higiene, saúde, formas de controle de natalidade, penalidades concertantes ao aborto, maneiras adequadas de se relacionar com o próprio corpo e cuidar dele (ARCOVERDE, 2013, p.18).

Mas os corpos resistem e não se moldam totalmente às normas. Apesar do controle, sempre há a possibilidade de infração, de fugir das restrições. A automutilação é uma dessas formas, ultrapassando os limites e causando estranheza, provocando dor e infringindo o corpo docilizado pelas normas. Esses corpos incompreendidos, não reconhecidos, geram desconforto, principalmente nos profissionais destinados a cuidar e prolongar a saúde e vida dos indivíduos. Geralmente a prática provoca, em quem está de fora, sentimentos negativos. Ela é estigmatizada.

Ser um corpo que resiste às formas de controle e de poder de preservação à vida e ao corpo intacto, o corpo sem máculas, possui algumas consequências. Pensar esse corpo numa cultura que valoriza, não só a vida, como maior bem do indivíduo, como também a imagem que esse indivíduo transfere em contato com o social, inclui pensar que essas infrações são alvos de atos estigmatizantes, e para além de pensar a matéria corporal numa esfera privada de “esse corpo é meu”, resistir a padrões inferem implicações e o estigma é uma dessas implicações.

1.4 Corpo sobrevivente?

Os dados de autolesões incluídos lado a lado na mesma linha do suicídio, denota um certo despreparo sociológico sobre o real processo de escarificação e as possíveis ramificações de significados que possui. A prática autolesiva não declara intenção de morte, mas de sobrevivência, embora seja direcionada de maneira agressiva, gerando dor, todo a dinâmica em torno é produzida para que o indivíduo autolesionado possa, de alguma, forma encontrar na pele rasgada e no sentimento que isso provoca, um alento. Isso porque existe a necessidade de canalizar as angústias e insatisfações que fogem do seu domínio. Assim a construção de todo o significado é particular, mas também, gera

um campo que é capaz de concentrar cenários factíveis para compor uma visão aplicável em outras situações, afinal com um olhar sensível é possível enxergar o reestabelecimento, a vontade de querer continuar apesar de se estranhar no mundo, e isso transmuta entre o desvio, a permanência e o intransigente desejo de ser e estar como deve ser. Morrer não é uma hipótese, não neste caso. Sobre isso, Mar nos conta:

[...] No quesito da automutilação, acho que era uma forma de descontar todo sofrimento e angústia dentro de mim. Era mais comum nos tempos em que eu n me aceitava, por recordar de momentos na minha infância, no qual me fazia sentir o que eu sou hoje e isso eu não podia aceitar, pois eu tinha um padrão a ser seguido. Os efeitos eram dolorosos, angustiantes, mas também me tiravam um certo peso. Minha disforia não ajudava e eu via isso como um refúgio, meu corpo rasgado e queimado marcam o início de toda aceitação. É isso, tenho vivido grandes descobertas e aprendendo a lhe dar com a disforia. mas, ainda sofro com questões psicológicas das quais são marcadas por toda trajetória sofrida e que sei que é só o início.

Além da dor, alívio. Alternativas criadas para expurgar o sentimento que causa aversão, desconforto dentro do seu próprio eu. É uma tentativa de direcionar esse turbilhão de sensações causadas por cada palavrada e ação direcionada ao seu corpo, ao seu gênero, a sua vida e até mesmo pela ansiedade que o processo de transição de gênero pode causar, é um mix de sensações entre o medo e a realização. Exercer essa função ativa, de reestabelecimento consigo, mesmo que de forma desviante, é uma maneira de preservação da vida, de dar continuidade. Le Breton diz:

O jovem sente o aumento do afeto como uma asfixia. Entalhando seu corpo e fazendo sair aquilo que o sufoca, ele recupera sua respiração, e encontra entre si e o mundo um espaço de simbolização que restaura sua posição como ator. O invólucro do sofrimento é perfurado por uma agressão voltada a si mesmo, porque apenas ela é controlável. A incisão corporal é um freio para o colapso. O choque de realidade que ela introduz, a dor consentida, o sangue que corre, reconectam os fragmentos de si mesmo. Ela permite juntar seus pedaços. Ela alimenta a sensação de estar vivo e restaura os próprios limites. A incisão permite uma autorrepresentação, uma individuação que permite romper o sentimento de queda, de vertigem. A despersonalização é cortada rente ao ato (LE BRETON, 2010, P.29).

Porém, apesar de compreender a significação do corte, dentro da esfera da recuperação do poder e domínio do próprio corpo, como maneira de sobrevivência e resistência, é preciso pensar também que a prática conduz a uma conduta de risco (Le Breton, 2012). Não é nossa tarefa e nem pretensão estabelecer aqui o que seria mais viável a se fazer, ou estabelecer uma relação entre noções de certo e errado, mas incluir ao debate a existência das possibilidades de perigo na produção do comportamento autolesivo. Essa experiência de canalização do sofrimento através do corte no corpo pode trazer à vida do indivíduo uma desestruturação na sua saúde física, colocando-a em vulnerabilidade, ou até mesmo o desenvolvimento de uma toxomania, se tornando uma prática permanente para o resto da vida. É claro que pode demarcar um ato temporário, em situações específicas, mas é importante destacar que há a probabilidade do risco, para além do corte em si.

Mas mesmo diante da probabilidade de risco, esses comportamentos afunilam ainda mais nossa posição interpretativa sobre a questão da autoescarificação como um processo de rompimento da insuficiência, aproximando o indivíduo do controle. Ao final, esse risco torna-se produção de sentido para conservar-se em vida, porque violar a própria pele é mais próximo do controle do que o sofrimento dilacerante. O próprio Le Breton, traz ao debate a relação dessas condutas com um processo de rito de passagem solitário, onde o adolescente se coloca numa posição de superação, de enfrentamento para então pertencer ao mundo adulto e se desligar totalmente do universo infantil, como uma autoiniciação. É uma restauração do sentido da existência (Lorena, 2016). É a criação do novo, em busca de si, evitando os perigos do perder-se na dinâmica da reconciliação entre o Eu e o mundo. A autoescarificação é real, e está para diversos jovens como possibilidade de fuga. É preciso que os estudos se aprofundem nos casos para que esses atos não sejam negligenciados e assim, através de um olhar sensível a busca por cuidados seja efetivada de maneira que haja, por parte dos profissionais a devida compreensão do sentido da ação desses cortes, entender seu direcionamento é fundamental para fornecer suporte aos jovens e demais indivíduos que enxergar na autolesão uma linha de fuga que desvia do sofrimento e da angústia.

Aliás, é impreterível observar o modo como ainda é tratado aquele que se autolesiona nos espaços clínicos, estigma e rótulos são frequentemente direcionados a esse público, o que dificulta a identificação da forma como o funcionamento psíquico do indivíduo ocorre gerando descaso recorrente. É importante voltar-se para a revolução

particular de cada ser, não no intuito de estabelecer diagnósticos e sentenças médicas, tais como medicalização e diagnósticos precoces sobre transtornos e doenças psíquicas, mas para viabilizar um lugar de escuta, mais intenso, um processo de busca pela recuperação do simbólico, compreendendo o significado dos cortes e as consequências deixada por eles, ao final, saber o que essas incisões denunciam, revogam, que linguagem elas expressam e como isso afeta no modo como o indivíduo encara o mundo real.

Diante de tudo que foi exposto e abordado nesse capítulo, podemos a partir das problemáticas e teorizações levantadas elencar algumas análises acerca do problema da autoescarificação. A primeira e mais desafiante é que, é necessário desconstruir a noção de autoescarificação como um problema autodestrutivo. Em todo o percurso, os resultados alcançados apontavam para um caminho, o da autoescarificação como um processo de produção de resistência. Os cortes produzidos por Mar expressam um significado cheio de intensidades e estigmas.

As ações cortantes de Mar frustram toda e qualquer expectativa de normalidade existentes na nossa sociedade, o que é delicado porque nossos instintos de sobrevivência nos indicam que o corpo deve ser cuidado e não lesionado. Essa frustração social, em relação as práticas autolesivas de Mar, leva a uma marcação de apontamento de irregularização. O corpo cortado é estigmatizado porque fere o pacto social de autocuidado, mas o que é pouco discutido é que o corte para Mar é justamente um processo de autocuidado, uma forma de lidar com intensidades e assim continuar existindo e atuando em sociedade, criando seu próprio modo de vida resistindo ao corpo orgânico que lhe foi imposto. Nesse sentido, o estigma do corte se caracteriza como uma marca social de frustração ao não compreendido.

A autoescarificação ilustra a tentativa de sobreviver em um corpo ao qual não se identifica, é a produção dos cortes que conseqüentemente gera a produção de dor, constitui um canal de conexão consigo mesmo, uma retomada de poder sobre sua vida, seu corpo, o que pode causar de imediato um certo contrassenso nas nossas noções preestabelecidas sobre o que é o cuidado do corpo, de si e a preservação da vida, mas diante da complexidade que nosso depoente discorre é possível enxergar essa potência de desejo em se encontrar em plenitude consigo mesmo, mesmo que para isso, ele precise fazer sacrifícios para reestabelecer a conexão entre interior e exterior.

Mar enfatiza sua preocupação em relação ao processo de transição de gênero e como isso tem sido um processo de duas faces, em que há toda a ansiedade e angústia, e até um certo temor pelo que pode acontecer um dia ao seu corpo, devido da discriminação que precocemente já sofre e sabe que existe mundo a fora, e por outro lado a descoberta da movimentação, da aceitação da reconstrução de si. Como já citado em outras passagens desse trabalho, há todo um jogo de sacrifícios em que Mar se submete para poder sentir-se ele mesmo, o que gera mais um paradoxo, o de se desfazer de si, para tornar-se si mesmo e por isso que a produção dos cortes tem um sentido tão profundo. Como pertencer ao não pertencimento? Como lidar com essa extraordinária movimentação do Eu?

Estar inundado nessas questões num período que socialmente é visto como conturbado e ter essa tomada de decisão em meio aos turbilhões de acontecimentos da adolescência requer coragem, coragem para existir, porém é preciso compreender que nesse processo corajoso de existência há percalços, que não necessariamente indicam falta de coragem, mas que é preciso tomar o fôlego vez ou outra para voltar a lutar. E é então que a autoescarificação entra em jogo, não só como resistência e enfrentamento transgressor que desvia das normatizações de poder e governabilidade, mas como processo encorajador, que a faz lembrar do porquê de estar lutando, resgatando em si mesma a direção da vida.

Trazer as palavras de Mar a essa pesquisa, dar voz ao que ele sente, torna o trabalho vivo, uma história real aplicada a teoria e ao afeto. Esse capítulo nos proporcionou compreender de perto sobre a existência na resistência, onde Mar se mantém no liame entre viver e sobreviver, isso porque se sente estranho no corpo em que nasceu e no momento em que esse estranhamento começou a vir a torna, a provocar questionamentos, causar aversão e mexer nas estruturas da sua subjetividade, a autoescarificação aparece como um suporte capaz de externalizar no corpo aquilo que excedia ao seu controle. O corte se instalou como enfrentamento do sofrimento.

Há uma frase de Guimarães Rosas que diz “viver é um rasgar-se e remendar-se”, na experiência de Mar, o rasgar-se é a própria tentativa de remendar-se, mas não qualquer remendo. Esse remendo gera potência de sobrevivência, de resistência, de desvio, transgressão e acima de tudo gera o novo. Os cortes como prática de subjetivação criam um reconfigurar-se constante. Essa metamorfose percorre a existência de Mar, desde

muito cedo, se descobrindo, se reinventando, pertencendo ao não pertencer. Essa suspensão em que as categorias não dão conta de explicar completamente, porque transita nesse espaço do fazer e refazer constante conta a história de alguém que está imergindo na transformação. O poema de Gabriela Vargas é um escrito necessário para finalizar esse capítulo, porque ele permite nos aproximar, através das palavras, dessa sensação de atravessamentos, sentidos e afetos que a arte de existir nos permite:

Quando faltam palavras e o corpo entra em choque.
Tudo aquilo que é difícil falar, mas que atravessa a alta voltagem.
Há curto-circuitos mais prazerosos e outros que parecem a morte.
Ou será a lembrança da vida?
Temos vários fios, prontos a incendiar, caso não encontrem o caminho
para a descarga simbólica...
As faíscas são as lembranças do que está ali, próximo a queimar ou
explodir. (VARGAS, GABRIELA)

1.5 Corpo autoescarificado

A baixa autoestima, seja ela intelectual ou física, os problemas com a imagem, a aceitação e até mesmo gênero e sexualidade são postos como ponte entre o sentimento, a carne e a dor. Mar, em sua narrativa, nos conta sobre sua inquietude que o deixa vulnerável: “*sou uma pessoa muito insegura, com tudo, aí bate um sentimento tóxico que desestabiliza*”. Baixa autoestima e insegurança são sentimentos, sensações, construções afetivas que interferem nas suas relações e no modo como enxergam seu corpo. É considerável ressaltar porque o corpo é dimensão de destaque na base dessa pesquisa, pois o corpo é o meio pelo qual acessamos, habitamos e percebemos o mundo. Nas palavras de Merleau-Ponty (1945, p.122) “o corpo é veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”. A superação do corpo como um objeto, enxergando-o não apenas como um polo para percepção, mas como o próprio modo de ser no mundo, faz da ótica de Merleau-Ponty uma base necessária para pensarmos o corpo que se revela como consciência encorpada (Samara, 2015) em dinâmica com o todo.

A nossa consciência perceptiva atua, acessa e age no mundo, explorando e constituindo relações a partir das experiências corporais, o corpo é a forma pela qual o sujeito se desenvolve e opera no mundo. Merleau-Ponty aponta para uma consciência perceptiva porque é através dela que podemos conhecer o mundo e as coisas e essa percepção está sempre vinculada às atividades corporais. Essa dinâmica dá o significado

das nossas ações motoras. O corpo que é mediador através de uma consciência que se constitui por ele mesmo num esquema corporal:

O que chamamos de esquema corporal é justamente esse sistema de equivalências, esse invariante imediatamente dado pelo qual as diferentes tarefas motoras são instantaneamente transponíveis. Isso significa que ele não é apenas uma experiência de meu corpo, mas ainda uma experiência de meu corpo no mundo, e que é ele que dá um sentido motor às ordens verbais. (MERLEAU PONTY, 1945. p. 195)

O que Merleau-Ponty quer dizer é que o esquema corporal é como o indivíduo se engaja no mundo e isso implica na forma como ele maneja as coisas no mundo. Cada ser reage e dá significado às situações de maneira singular, através daquilo que é o seu esquema corporal adquirido ao longo das suas experiências. A ideia de modificar esse esquema pode ser tomada como uma ação dificultosa e sofrida, justamente porque habitou esse esquema corporal por toda vida.

As escarificações são produções voluntárias manifestadas no corpo e são lidas como resultado de conflitos psíquicos ou processos de comunicação, esses se encontram como práticas de subjetivação do indivíduo que se autolesiona. Sobre a subjetivação é importante destacar que há uma complexidade no termo, no modo de compreensão. Foucault analisa isso a partir de tempo e lugar, recorre a história e busca compreender esses processos de subjetivação, percorrendo um campo que analisa como o homem se torna sujeito. O movimento que Foucault faz, pra compreensão da subjetivação em dias mais atuais é diferente de tudo aquilo que ele vinha trabalhando até então. A dimensão do poder sempre esteve presente em seu pensamento e os desdobramentos de entender como são constituídas as maneiras de existir do sujeito também e a partir do resgate do pensamento grego antigo, Foucault perpassa pela noção do cuidado de si, a questão da sociedade disciplinar e o papel do Estado atuando através da biopolítica que atravessa os corpos. Todo esse percurso levou Foucault a percepção dos modos de subjetivação que formam o sujeito e como ele se constitui e se difunde.

A compreensão dos modos de subjetivação sofreu transformações no desenrolar da história da humanidade, e se pensarmos os modos de subjetivação hoje, veremos que estes estão direcionados a um esforço de resistência as formas de dominação. Essa possibilidade de resistência marca o entendimento acerca da subjetivação. É uma ação de política necessária do sujeito, resistir a formas dadas como regras, contrapondo com novas formas de vida que abrem acesso ao processo de construção do sujeito enquanto

agente da sua própria existência. Pensar o sujeito a partir de práticas de autoformação como um exercício de si, governado para si, adotando maneiras, formas de viver e de se movimentar em sociedade, deslocando ou não jeitos, afetos, posições, performances, sexualidade, e todos os outros símbolos constituintes da vida social, a subjetividade se encontra nesse processo, na “maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo.” (FOUCAULT, 2004, p. 236).

A relação entre o indivíduo humano e seu corpo é objeto de estudo desde a Antiguidade e se estende por toda a história, em diferentes tempos e espaços da existência humana. Social, cultural, político e até mesmo economicamente, o corpo humano atende as especulações e curiosidades do campo do conhecimento. O corpo enquanto conjunto é uma potência inserida e afetada pelo social. Pensando enquanto construção histórica ele ascende o caráter representativo e simbólico. A ideia de preservação e cuidado do corpo sempre foi muito difundido, na tentativa de livra-lo dos possíveis perigos do mundo, mas quando somos levados a pensar sobre a inserção de cortes, produzidos de forma autônoma projetamos a quebra desse contrato feito entre corpo e social. A barreira do individual é inexistência, o corpo é antes de mais nada instrumento de construção da subjetividade.

A chave para o entendimento do sentido da produção dos cortes por Mar vem da compreensão dos modos de subjetivação. Não é possível fugir das nossas experiências, elas nos constituem, vindo de fora e se introjetando no nosso interior. Porém, nossa subjetividade está em permanente construção, não é acabada e definida, mas processual, num conjunto de informações e linguagens que nos atingem durante toda a dinâmica da vida. É como nos entender para além de objetos passivos e, a partir disso, gerar reflexões sobre quem somos e interpelar saberes e poderes. Se colocar no foco e construir resultados a partir de embates e se metamorfoseando na produção da imaterialidade refletida na materialidade.

Os processos de subjetivação do indivíduo manifestam a tomada de direcionamento do ser enquanto forma, que se desloca da esfera da substância e se configura enquanto transformação, num processo de constituição de si, através da possibilidade do fazer-se existir, que se organiza enquanto capacidade criativa de elaboração de si, como sujeito ativo na sua própria existência. Pensar a subjetivação em Foucault nos leva a refletir mais sobre processos de liberdade do que enclausuramentos prestados pelos mecanismos de

poder e com isso conduzir o cuidado de si como ferramaneta de análise nos estudos da autoescarificação, isso porque a noção de cuidado de si elenca um caminho de possibilidades de experimentação da liberdade.

Esse modo de se reinventar, de construir e reconstruir a existência, faz emergir a condição de resistência do indivíduo, agregada a uma ética de si, de um cuidado, renascendo a partir da liberdade e criando seu próprio destino e isso abre a possibilidade para resgatar a nossa subjetividade das prisões que tendem a polida-lá como um fato natural, incapaz de modificações. Foucault diz:

Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos desse “duplo constrangimento” político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas de poder moderno. A conclusão seria que o problema político, ético social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado nem das instituições do Estado, porém nos liberarmos tanto do Estado quanto do tipo de individualização que a ele se liga. Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos (FOUCAULT, 1995, p.239).

Essas práticas de enfrentamento representam a possibilidade de autonomia do indivíduo. As relações de poder estimulam as práticas de liberdade, o poder viabiliza a resistência que se apresenta sobre o cuidado de si, implicando a manifestação de uma arte da existência, estilizando a vida como uma obra criativa. Essa construção estética através da transformação, que é capaz de modificar a subjetividade do indivíduo, fornece uma possibilidade singular. O cuidado de si, visto como um labor resulta num processo de conhecimento e numa técnica sobre si, que produz direcionamentos sobre as formas de exterioridade, é a experiência do corpo, como ele se movimenta e se conduz nessa dinâmica.

O Eu se encontra numa cinesia de transformações que classifica a ação da existência. A entrega ao devir vai delineando o caminho do sujeito num múltiplo e aberto acontecimento de si, inclusive de seu corpo. Segundo Foucault (2001), isso permite a tomada de direção sobre corpo e alma:

Técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com ajuda de outros, certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seu modo de ser; de se transformarem a fim de alcançar certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (p.1605).

Tratamos de pensar sobre uma crítica prática, que confere ao estado de

rompimento ao estabelecido da vida como universal, o de ser e pensar de forma unilateral. As técnicas de si permitem ilustrar o caráter singular da existência, na reconstrução ativa e permanente da liberdade e questionar permanentemente a noção de verdade que carregamos em nós mesmos (Brandão, 2015). Essa prática ontológica, supõe a resistência como produto das relações de poder, a racionalização desse processo gera a criação dessa potência de vida que permite ao sujeito uma possibilidade ética sobre a transformação da existência. A resistência aqui é o poder que surge a partir da desintegração de outro poder, num movimento que atraí novos sentidos.

1.6 PERCURSO METODOLÓGICO

O homem e o objeto de estudos estão conectados. O homem estuda o homem como artefato cultural do fenômeno e não como algo distante, ou seja, ciência e ideologia estão juntas no processo de pesquisa. Sendo assim, o indivíduo humano não é imune ao mundo cultural. Este constrói sua compreensão simbólica. Não podemos desenvolver um processo de conhecimento humano se não nos incluirmos nele. Conseqüentemente, os dois estão interligados e a partir disso desenvolvem a subjetividade da compreensão social. Desse modo, torna-se difícil o afastamento da pesquisadora para o objeto pesquisado. Por isso, as Ciências Humanas não podem ter a pretensão da objetividade, da mesma forma que nas Ciências Naturais, por exemplo.

Nesse caso, para a compreensão de uma problemática, numa perspectiva simbólica, é necessária uma análise da significação do objeto, para além da explicação. Assim ela se torna uma ciência histórica de interpretações, significações e ressignificações, impossibilitada de ser objetiva e portadora de uma verdade absoluta. O ser humano, como ser social, tem a finalidade de modificar o mundo e isso limita a objetividade da pesquisa.

A questão é que vamos lidar com a dor e as emoções dos outros, ou seja, estamos trabalhando com a subjetividade de uma adolescente que se dispôs a falar sobre sua vida. E nesse aspecto, tomaremos como ponto para análise e procedimentos metodológicos não só nossas interpretações enquanto pesquisadora, mas também a própria interpretação e significação que a depoente atribui à sua vivência. Desse modo, trazer para a pesquisa as contribuições metodológicas das teorias interpretativas e compreensivas é uma ratificação da nossa proposta, sendo possível através delas a condução dos nossos elementos.

A ciência não consiste numa objetividade pura, mas sim de escolhas compostas de juízos de valores do pesquisador, valores simbólicos. A prática sociológica está relacionada a valores, a fenômenos significativos para o pesquisador. Seu objetivo é realizar uma cristalização dos objetivos coletivos. As disposições para pesquisar um determinado objeto fazem parte de um processo de conhecimento, de interesse do pesquisador, geralmente relacionado à sua biografia. O conhecimento sociológico está condicionado a um sistema de valores que nos remete ao conflito social. Esta é a singularidade do que fazemos.

Nesse sentido, visando uma perspectiva de método voltada para aspectos subjetivos, que possam acompanhar a importância da compreensão dos fatos e da interpretação das performances dos indivíduos que fazem parte do tema estudado, levando em consideração seus valores particulares enquanto indivíduo e coletivo, pertencentes a culturas que possuem mecanismos e dispositivos próprios que não podem ser excluídos no processo de análise científica, pois faz parte da capacidade humana enquanto seres sociais, esse trabalho se objetiva por traçar contribuições de perspectivas metodológicas de cunho qualitativo.

A proposta de levantar as categorias qualitativas no desenvolvimento desse estudo parte da necessidade e da compreensão de que, para a análise de corpos adolescentes marcados pela autoescarificação, os métodos cuja finalidade expressam procedimentos de exploração subjetivas, são aliados para traçar um conjunto de interpretações que detalham os significados por trás das ações da personagem que contribui para nossa pesquisa.

A interpretação trata de uma forma mais complexa de compreensão. Por meio dela, podemos supor que determinado processo mental utilize uma forma específica de um processo geral para o desenvolvimento do estudo. A interpretação histórica estabelece uma relação funcional com os meios racionais reflexivos e analíticos correlacionados ao passado, dando sentido à lógica do espírito que consiste no saber comum das experiências, tornando-a também psicológica.

Faz-se necessária a imersão do pesquisador na realidade social do objeto pesquisado a fim de elaborar suas próprias análises, dessa forma, a interpretação simbólica das ações sociais individuais/coletivas é de máxima importância num estudo que tem como objetivo traçar análises sobre corpos autolesionados.

A mera explicação não seria capaz de cessar todos os questionamentos e problemáticas suscitadas pelo problema inicial da pesquisa. É necessário ouvir, observar e interpretar os discursos, as histórias por trás dos comportamentos incompreendidos, pois quando ouvimos falas do tipo “*eu e minha mãe mal nos falamos, nossa convivência nunca foi boa de verdade, o motivo eu não sei, mas ela já chegou a me dizer que fui uma gravidez não desejada, talvez eu seja um problema até hoje*” entendemos que são desabafos que precisam não só de atenção, mas de uma tentativa de interpretação, que possa apontar no drama da trajetória da vida a compreensão de problemas tão dolorosos como a autoescarificação.

Os diálogos teórico-metodológicos aqui apresentados tiveram o intento de contribuir para a formação de uma bibliografia que pudesse traçar algumas características emblemáticas das teorias que cercam os métodos qualitativos. Dessa forma, podemos entender que para uma análise das questões da autoescarificação em adolescentes, a interpretação e compreensão das performances dos indivíduos pesquisados são de suma importância para a construção da pesquisa, levando em consideração que neste caso, mesmo considerando a importância dos métodos quantitativos, uma análise voltada para os valores simbólicos e culturais da subjetividade do sujeito investigado, seria o mais viável para alcançar os resultados esperados desta proposta de trabalho.

Significados, particularidades, crenças e valores são características que a pesquisa qualitativa se preocupa em responder, sendo assim, ela dá conta de perceber a profundidade que não pode ser quantificada nas relações sociais e seus fenômenos nos espaços individuais e coletivos. Dessa forma, a pesquisa qualitativa é o método mais pertinente em assegurar as obtenções de dados e interpretações desses, para o desenvolvimento dessa pesquisa. Em entrevista escrita, Mar me confidenciou passagens fortes sobre a infância que diz muito sobre os comportamentos autolesivos praticados por ela na adolescência:

Lembro-me de pressões psicológicas que sofri durante a infância, eu sempre apanhava por motivo algum. Lembro-me de quando eu estava andando de bicicleta com o meu primo e ele caiu quando passou no quebra-mola, a minha mãe me culpou pela queda dele. Todos que estavam na rua escutaram, eu fiquei tão mal. Acredito que minha infância não foi das melhores, eu queria ter tomado sorvete com meus amigos, brincado na rua, mas nunca foi como

eu desejei, talvez seja pela minha infância que me culpo por coisas que nunca fiz.

São relatos cheios de significados, de passagens da vida que marcaram e marcam o andamento da sua trajetória e que se encaminham para interpretações da nossa questão de pesquisa, e pensando por essa perspectiva, a metodologia capaz de nos ajudar no desenrolar desse trabalho é a história de vida. Ao realizar um estudo em que as subjetividades estão em campo e, a pesquisa exige um exercício de reflexão interpretativa das significações das ações da nossa problemática, o método autobiográfico que resgata e constrói significações de acordo com as vivências dos indivíduos, possibilitando a compreensão de situações e circunstâncias atuais nos leva em direção à história de vida, como ferramenta analítica de corpos automutilados.

Mas será preciso ir além dos significados e valores para mapear linhas de intensidades impessoais, inclusive os rastros e traços corporais, que atravessam, marcam e constituem, mas também subvertem o corpo adolescente, autoescarificado e trans. Trata-se de cartografar processos de (des)organização, (des)subjetivação e (des)significação.

1.6 História de Vida

De fato, em muitos casos, o pesquisador escolhe seu campo, seu objeto de pesquisa e a metodologia a ser usada de acordo com o enredo que a pesquisa oferece. No meu caso, o campo me escolheu, Mar me escolheu para fazer essa pesquisa acontecer. De tanto observar e ouvir de forma despreziosa, me foi despertado o desejo de trazer para o campo sociológico o sofrimento adolescente. Dentre os casos de autoescarificação de que eu estava ciente, a história de Mar me cativava quase que de forma intuitiva. A singularidade da sua personalidade e de como expressava suas emoções, me colocava a pensar sobre a existência de algo muito intenso que inquietava seu ser. Em meu exercício imaginativo isso foi critério de escolha, sem contar na proximidade que construímos na relação professora/aluna

Como já registrado a ocorrência de casos de autoescarificação no *locus* estudado era significativamente preocupante. Diversos casos, a maioria deles entre as meninas. Inicialmente a proposta desse trabalho se dedicaria a analisar de dois casos, duas histórias de vidas, duas cartografias, estabelecendo conexões e distanciamentos, analisando

paralelamente as situações. Cheguei a conversar e entrevistar outra adolescente a qual relatou relevantes questões para pensar os conflitos enfrentados pelos jovens atualmente. As pressões presentes nesse período da vida, conflitos familiares, afetos e emoções, um amplo campo de possibilidades de fato. Em entrevista, a jovem, que chamamos de Luz, deixou o seguinte depoimento:

Eu não gosto de viver, não vejo nada que valha a pena, não tenho nenhum sentimento pela minha vida. Eu já tentei pensar em um mundo sem mim, sei lá, seria diferente, tipo, geralmente eu me sinto como um problema, um peso e aí a vida seria melhor e mais fácil sem mim. Ninguém nunca disse isso, mas as atitudes das pessoas que convivo me fazem achar isso, amigos, família.

É perceptível que na fala de Luz, a angústia do cotidiano a faz pensar na possibilidade de não existir, e é exatamente nesse ponto que justificamos a escolha de trabalhar unicamente com a história de vida de Mar. Esse trabalho, em sua construção, vem levantando apontamentos, bibliográficos e empíricos, de que a produção dos cortes é um processo de resistência, que visa na dor, a superação da dor. É isso que Mar vem nos mostrando. Focar nesse aspecto possibilita alimentar uma perspectiva mais humanizada em relação a autoescarificação, sensibilizando o olhar para a interpretação do que a prática revela.

É de consciência de que cada trajetória é uma experiência única, não podemos enquadrar todos os autolesionados numa mesma definição. Luz, ao decorrer da sua fala, também nos esclarece que se cortou algumas vezes, mas não fazia mais isso por temor do que a mãe poderia falar. Reforço que a história de Luz nos permitiria grandes análises sobre a vida adolescente, mas a autoescarificação como processo de produção de sentidos, será, a partir da trajetória de Mar, intensamente explorada. Um sujeito em transição que encontra na autolesão subsídios para permanecer vivo em potência.

Luz se mostrou em vários momentos pouco confortável em contribuir com a pesquisa, sempre dizia “*não tenho nada para falar*”, mesmo sabendo que a prática autolesiva aconteceu em algum momento na sua vida, por razões que não foram possíveis investigar, Luz deixa claro que a partir do momento que a mãe descobriu ela não se utilizou mais de práticas cortantes. Luz era a filha mais nova de quatro irmãos e era cobrada diariamente pela figura paterna que os quatro exerciam na sua vida. A forma como a cobrança masculina de seus irmãos interferia nas suas ações a irritava de forma

que ela sempre buscava meios de se rebelar contra as normativas estabelecidas, tirando notas ruins na escola, faltando aula, saindo sem permissão. Luz sempre foi muito cobrada para cumprir com as expectativas criadas por sua família, especialmente seus irmãos, as comparações entre um e outro eram inevitáveis e pesava demais no seu comportamento. Diante das características da vida de Luz, tomou-se como prioridade criar um espaço mais significativo nessa pesquisa para Mar, não porque a história de Luz seria menos atrativa para a pesquisa, mas porque diante dos percalços que o trabalho enfrentou e das perspectivas investigativas que tomamos como método, direcionar apenas para um pesquisado, forneceria a análise algo muito mais profundo. Como Mar esteve sempre mais aberto para nos ajudar a construir essa pesquisa, foi feita a escolha.

Construir uma pesquisa envolve uma série de elementos que são indispensáveis para a obtenção dos resultados. Interesse, disponibilidade, relação entre pesquisador e situação pesquisada, todos estes são aspectos importantes para o desenvolvimento de um estudo. E quando nos referimos ao campo das Ciências Sociais, a problemática da pesquisa não vem ao pesquisador de forma aleatória, ou espontânea, mas decorre das condicionalidades presentes no campo social em que o pesquisador esteja historicamente inserido. Diante disso, ao se deparar com o problema da pesquisa, o pesquisador deve se dedicar à caracterização e definição daquilo que será estudado: seu objeto de pesquisa, para a posteriori, definir seu método de análise e obtenção de resultados. O objeto definirá a metodologia (Santos; Spindola, 2013, p. 120).

A história de vida é uma técnica de pesquisa qualitativa que fornece principalmente ao campo das ciências humanas, a possibilidade de dar voz aos sujeitos que fazem parte das dinâmicas sociais. Em tal caso, a história de vida permite que pessoas comuns que constroem e desconstroem subjetividades e objetividades na realidade social, possam falar sobre aquilo que interessa na pesquisa social, de forma que, sua história seja vista para além de uma realidade comum, mas como uma problemática social que instiga a pesquisa e o pensamento social. Desse modo, situações corriqueiras do dia a dia, que percorrem as diversas vivências do mundo social, fornecem ferramentas analíticas para a compreensão de fenômenos, fatos e situações, e a história de vida possibilita essa ponte entre vida real, pesquisa e análise.

A história de vida é um instrumento de compreensão da subjetividade humana, que se realiza por meio da narrativa das experiências dos sujeitos. A maneira como esses se apresentam e apresentam as experiências da sua história de vida no presente, narrando

seu passado, constrói como produto final uma metodologia capaz de solicitar através dos relatos interpretações para problemáticas e questões de pesquisa que associadas ao contexto e estruturas externas aos indivíduos permitem a compreensão de questões da pesquisa. Segundo Araújo et al:

A pesquisa com histórias de vida é, assim, um processo de construção de conhecimento a partir da relação específica entre dois atores: pesquisador e sujeito pesquisador - pelo pesquisador, como método que pressupõe a existência de vínculo; pelo sujeito, participante da pesquisa que narra sua história, num dado momento de sua vida (ARAÚJO et al, 2015).

É uma estratégia de investigação que nos permite pensar nas questões de pesquisa a partir das versões dos relatos. É uma técnica que trabalha com biografias de vidas narradas por aqueles que as tenham vivido. Esse processo metodológico se designa pelo modo em que damos enfoque a um problema e buscamos respostas na trajetória do entrevistado. Podemos observar pelo seguinte discurso da nossa depoente, a solidão de quando criança e que reflete até hoje na sua adolescência, Mar:

Em todos os ciclos da minha infância eu fui uma criança sozinha, se tornava raro quando minhas irmãs ou meus primos queriam brincar comigo, talvez pelo fato de ser a mais nova da família. Quanto a ter amigos e sair para me divertir, era raro também, minha mãe nunca me deu essa liberdade. Então acabei me isolando, não tive aquela infância de brincar na areia (ao menos que estivesse na escola), jogar bola, enfim, essas coisinhas de criança.

A história de vida nos permite perceber as relações existentes entre o sujeito e o coletivo, através da reconstrução da história individual, da qual nos permite averiguar os pontos de quebra que constroem e formam sua história e sua trama particular nos diversos processos sociais e culturais.

Podemos definir que o método de história de vida se classifica como uma metodologia de cunho qualitativo biográfico. Por meio de entrevistas, onde a narração de vida do personagem entrevistado é registrada pelo pesquisador para que possa ser feita uma análise profunda do material que irá ser instrumento de compreensão para o problema da pesquisa, os dados vão sendo recolhidos. De certo que, para a utilização dessa metodologia, é necessário um vínculo de confiança entre pesquisador e

entrevistado. Assim as possibilidades de dinâmica no processo de pesquisa serão feitas de forma mais eficaz, no sentido de abertura e não fechamento de diálogo do personagem em questão.

A pesquisa pela mediação do método em história de vida preocupa-se em analisar o indivíduo e suas relações de sociabilidade sem descartar suas mais diversas complexidades nos espaços de interação. Desta maneira, tudo aquilo que se refere ao entrevistado, e que pode ser relatado através da experiência pessoal vivida, é importante no processo de obtenção de informações para realização da pesquisa, já que o que interessa nesse tipo de metodologia é a própria definição, dada pelo indivíduo, e as significações atribuídas por ele, no processo da narrativa. Tendo em vista esse modo de fazer pesquisa, Santos e Spindola dizem:

Assim sendo, uma investigação que priorize a informação do entrevistado exige uma aproximação do pesquisador com os pesquisados para que se estabeleça um contato, uma relação de confiança. Essa modalidade de pesquisa tem no ambiente a fonte direta dos dados e o pesquisador como seu principal instrumento (SANTOS, SPINDOLA, 2003, p. 121).

A história de vida funciona com a obtenção de dados descritivos que se dá por meio de contato direto do pesquisador com a problemática em questão. Nessa perspectiva, o processo que se constrói, para o alcance das informações precisas, se torna de grande importância. Os significados dos entrevistados, seus sentidos e atribuições às experiências vividas são percebidos como fundamental nesse procedimento metodológico. O importante aqui é o ponto de vista do narrador e atribuição de sentidos que este dá ao que relata (Santos; Spindola, 2003).

Essa prática de incorporação de lembranças que narram toda uma trajetória de acontecimentos é uma ferramenta de historicidade que restaura e reconstrói o passado, possibilitando ao sujeito, narrador, reencontrar nesse movimento que recorre à memória elementos que possam indicar uma interpretação que dê conta de articular passado e presente e elaborar compreensões da narrativa, resolvendo um problema de pesquisa. Segundo Oliveira (2013):

A memória é o esforço por fazer vir à superfície o que estava imerso e oculto, movimento este que restringe o campo de indeterminação e a dúvida do sujeito, levando-o a retomar práticas consagradas, que anteriormente tinham sido bem-sucedidas. A memória brota do embate entre a subjetividade do espírito e a exterioridade da matéria, que, por

sua vez, se apresenta como obstáculo à emergência dessa lembrança (p.92).

O relato consiste na narrativa da história de vida que o sujeito entrevistado tenha vivenciado. Dessa forma, os critérios de validação de autenticidade absoluta das narrativas não é primordial, nesse tipo de pesquisa, já que o ponto principal é compreender as subjetividades e significações que o sujeito atribui a suas experiências. Porém iremos discutir o problema da validação autenticidade no próximo tópico, uma vez que as experiências, seus significados e até o sujeito que as vive não são puramente individuais ou pessoais, mas se constituem mediante processos tanto pré-subjetivos como impessoais, pré-individuais ou coletivos. “Por mais objetivo que se tente ser, todo relato é sempre uma construção imaginária que pode ser mais ou menos próxima da realidade” (Abreu, 2004). Rosenthal reitera:

Partindo, inicialmente, da percepção de que as vivências narradas se referem a lembranças que se apresentam no processo narrativo, essas lembranças não se referem a um estoque de memórias que contenha lembranças firmemente armazenadas ou fixadas. Pelo contrário: o presente da narração ou escrita biográfica define o olhar retrospectivo sobre o passado e gera um passado recordado específico em cada caso. A recordação se baseia, como Edmund Husserl já discutiu, num processo de reprodução em que aquilo que passou está sujeito, de acordo com as condições e exigências do presente da situação recordada e do futuro antecipado, a uma modificação constante (ROSENTHAL, 2014, p.229).

Por meio do relato, é possível identificar práticas sociais de grupo ou as particularidades de um indivíduo, porém, vale lembrar que toda entrevista/entrevistado carrega consigo uma bagagem de valores culturais que definem o grupo a qual pertence. Portanto, esse método pode, não somente compreender os elementos gerais contidos nos relatos, como também particularidades históricas e elementos constituintes de vivências singulares, “nesse sentido, histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte” (Santos; Spindola, 2003). Mediante as narrativas de história de vida, é possível identificar e mapear os processos e relações a partir das quais as vivências e significações individuais e subjetivas são produzidas.

Essa possibilidade de conexão com o passado não pode ser dissociada no processo interpretativo das próprias condições de passado, porque essa relação pode acontecer desde perguntas concretas até mesmo da própria ação de evitá-las no processo investigativo da pesquisa.

A relação conectiva entre passado e presente, confirma que memorar reflexivamente o passado pode ser uma tarefa inevitável como também evitável. Esse duplo sentido construído a partir daquilo que foi vivido, nos mostra como as experiências de vida são postas no relato a partir do contato com o novo, este torna o presente condicionante do passado. Mead nos diz:

Os passados nos quais estamos envolvidos são tanto irrevogáveis quanto revogáveis. Não faz sentido –ao menos para a experiência– recorrer a um passado “real” dentro do qual pudéssemos fazer descobertas contínuas, pois esse passado tem de ser contraposto a um presente em que aparece o emergente, e o passado, que precisa, então, ser visto do ponto de vista do novo, torna-se um outro passado (ROSENTHAL, 2014, p. 230 *apud* MEAD, 1932[1969], p. 230).

É necessário levar em conta, no momento da análise dos textos da narrativa da história de vida a diferença existente entre o ato da recordação, que se faz no presente, a vivência do passado e a narração. Há diferenciações entre a temporalidade e a percepção daquilo que nos recordamos. É essencialmente importante levar em consideração que existe uma distância entre a sequência do que foi recordado e a sequência com a qual os fatos aconteceram no passado. Assim é imprescindível saber que a memória possui suas limitações no processo da narrativa. Mas a memória pode se expressar para além do conteúdo da narrativa, explícito ou implícito, posto ou pressuposto, como nos rastros e traços corporais, nas cicatrizes, nos lapsos, nos sintomas, nos tiques, nos gestos ritualizados etc.

Ainda que não nos lembremos de algo, ou queiramos evitar ou extirpar de nossas vidas as experiências passadas, aquilo que fomos se insinua ou se impõe naquilo mesmo que somos (se repete ali mesmo onde nos tornamos diferentes), pois definem as forças, dificuldades e impotências que nos habitam e nos habituam, para além de nossa capacidade de narrativa reflexiva.

1.7 Memória e implicações metodológicas

A história de vida possibilita a interpretação tanto de fenômenos como de situações do presente que se colocam na atualidade das condições de vida dos entrevistados, assim como também dá conta das subjetividades desses sujeitos entre seu cotidiano e a realidade sociocultural que o atravessa. As narrativas autobiográficas se caracterizam pelos relatos vivenciados no passado pela pessoa entrevistada, isso pode ocorrer de forma falada ou escrita e envolve fortemente as condições que a memória traduz e dá seu significado as

situações vivenciadas. A referência da história narrada são as lembranças que surgem no processo de narrativa. Partindo disso, baseando-se na perspectiva de Husserl (1966), as memórias nesse processo de reprodução das vivências passadas se colocam de forma a adaptar as condições do presente, passa por um constante fluxo de modificações, “cada novo produz uma reação no velho” (Husserl, 1996, p. 303). Isso quer dizer que as condições do passado com as vivências do novo, transforma, no sentido de modificação da memória, as recordações no processo da narrativa do velho. Assim, a narrativa do passado será determinada a partir das possibilidades do novo. Segundo Nogueira et al.:

Nossos olhos não veem a realidade tal como ela é, tampouco nossa memória acessa o vivido objetivamente. Ao contrário, parece que tal relação perfeita e precisa com o passado seria, de fato, insuportável. Nessa medida, sabemos que a memória é sempre instável. É construída e reconstruída, inventada, podemos dizer. Ela não é feita de virtudes impecáveis, é criada, cultivada, transformada – sempre (NOGUEIRA et al., 2017).

Nossa memória é instável. A percepção da realidade vivida, acessada a partir da ferramenta da lembrança não dá conta de enxergar a realidade tal como ela é. De fato, a relação entre recordar o passado e viver o presente é uma tênue linha onde a incerteza pode habitar, pois nossas memórias estão no fluxo da metamorfose, onde se reinventa num processo de construção e desconstrução cultivada a partir do tempo. Há um caminho delicado pelo qual as narrativas das histórias de vidas passam.

Já Antony Giddens (1998), desenvolve um conjunto de conceitos e os sistematiza para falar sobre a capacidade reflexiva dos indivíduos, ou como ele costuma chamar, dos agentes sociais. Para que compreendamos as ações humanas, devemos antes examinar aquilo que os próprios indivíduos conhecem sobre suas condutas. E nessa perspectiva, para que se compreenda as condutas reflexivas é importante estabelecer que: a reflexividade está associada a consciência discursiva e consciência prática dos indivíduos, ele caracteriza:

A consciência discursiva implica as formas de recordação que o autor é capaz de expressar verbalmente. A consciência prática envolve a recordação a que o agente tem acesso na *durée* da ação, sem ser capaz de expressar o que assim “sabe” (GIDDENS, 1998, p. 56).

Preocupado com o caráter reflexivo da conduta humana, considerando a proposição de que explicação é contextual, com o auxílio da linguagem e sem deixar de lado aspectos

subjetivos que constituem o indivíduo, Giddens (1998) discorre sobre os aspectos intrínsecos que compõem a capacidade reflexiva dos sujeitos. Essa capacidade reflexiva está diretamente envolvida continuamente no fluxo das ações cotidianas, nas rotinas da vida social. Mas a reflexividade se operacionaliza no campo do discurso. Tudo aquilo que é feito pelos indivíduos e o porquê disso, está prontamente ligado a consciência prática.

Giddens (1998) discute a partir da crítica referida a Freud sobre a noção de inconsciente, para ele o inconsciente é o oposto da consciência discursiva, destacando a importância de se compreender a memória e principalmente os diferentes meios de construção da recordação. Ele desenvolve, dentro da teoria da estruturação, uma ideia mais detalhada sobre a noção de inconsciente. Ao perceber temporalidades diferentes e os mecanismos de conhecimento que se apresenta no corpo humano, a consciência discursiva se elucida a partir das formas de recordações que o indivíduo é capaz de expressar verbalmente. Já o inconsciente diz respeito as formas de recordações que o indivíduo não consegue acessar, visto que, é criada uma barreira que dificulta a incorporação na monitoração reflexiva. Essas barreiras são acionadas a partir de dois elementos: sistema de segurança e conjunto de recalcamientos.

Nessa perspectiva, a noção de inconsciente trazida por Freud não é bem aceita por Giddens, porque para ele dificilmente o inconsciente decide sobre as ações reflexivas de conduta. Neste caso, o *self* humano é a soma dos modelos de recordações, que por vias reflexivas levam o indivíduo a orientar suas ações: “self, corpo e memória estão, portanto, intimamente relacionados” (GIDDENS, 1998, p. 59).

A memória atende ao chamado do presente (BÓSI, 2012, p.197), porém não podemos esquecer que pode haver uma grande distância entre aquilo que foi narrado e o que realmente aconteceu. O passado é um espaço singular que só se torna possível através do relato do nosso narrador. Segundo Bósi (2012), essa tarefa do pesquisador se torna de fato, muito difícil, pois narrativas hesitantes, com silêncios nos coloca numa posição imediatista que busca preencher pausas, dar voz ao silêncio, porém é nesse exato momento que o pesquisador deve respeitar e interpretar a fala emotiva e fragmentada do narrador, pois nela residem significados que podem nos levar a verdade. Esse momento é crucial na pesquisa, é a partir dele que compreendemos a complexidade do real, esse movimento entre história e cotidiano oferece, a nós pesquisadores, um apoio para a construção do presente.

Nós pesquisadores não fazemos parte daquilo que está sendo narrado, não vivenciamos aquelas histórias. Tendo isso como certeza, não podemos avaliar a veracidade da história contada. Não buscamos o sujeito da verdade, mas a verdade do sujeito. Ainda de acordo com Bósi, não é tarefa do pesquisador colocar o narrador em julgamento. Ele conta a sua verdade, assim como nós contamos a nossa em nossos discursos. Nogueira et al. nos diz:

Parece que não existe, nem na mente nem no cérebro, nenhum mecanismo para garantir a verdade de nossas recordações, ou pelo menos o caráter verídico delas. Não temos acesso direto à verdade histórica, e aquilo que sentimos ou afirmamos como sendo verdadeiro [...] depende tanto de nossa imaginação quanto de nossos sentidos. Não existe um modo pelo qual os acontecimentos do mundo possam ser transmitidos ou gravados diretamente em nossa mente; eles são experimentados e construídos de modo altamente subjetivo, que é diferente em cada indivíduo, para começar, e reinterpretado ou revivido diferentemente a cada vez que são recordados. [...] Com frequência nossa única verdade é a verdade narrativa, as histórias que contamos uns aos outros e a nós mesmos - histórias que reclassificamos e refinamos sem cessar. Essa subjetividade está embutida na própria natureza da memória e decorre de seus mecanismos e bases no cérebro. (NOGUEIRA et al., 2017).

O passado é um dos mais misteriosos e difíceis dos conceitos (BÓSI, 2012, p. 198), lidar com isso não é restaurar uma visão do passado, mas construir um futuro, a partir das significações que a nossa memória dá ao que passou. É pensar nas possibilidades do presente a partir do que foi vivido, este é a base da história de vida. A narrativa dos nossos entrevistados possui tanto como função avaliação como descrição. No processo do relato ele mesmo reflete sobre os fatos que discorre, há um exercício reflexivo no ato de contar, nessa perspectiva, o pesquisador é levado a acreditar no que está sendo dito, pois a função de dar significados a aquilo que se narra não é tarefa do pesquisador, mas de quem conta.

Como já mencionamos, existe uma aproximação e relação de confiança entre pesquisadora e entrevistada. Criamos essa relação de proximidade na escola e isso se estendeu para a vida social fora do ambiente escolar. Com frequência, nos víamos nos mesmos ambientes de socialização, marcávamos de conversar e geralmente acontecia alguns desabafos por parte dela em redes sociais, sempre estava por dentro do seu cotidiano, o que alimentava ainda mais o meu desconforto em relação ao problema da autoescarificação e as angústias que ela enfrentava. Isso me colocava sempre numa posição de análise das falas e das ações da adolescente. Não era possível ficar ciente das situações e não as colocar em contraste como problemáticas sociais.

Certa vez, saindo da escola, Mar levantou a blusa e me mostrou um corte. Tinha formato triangular, ficava um pouco abaixo dos seios. Aparentemente fazia dois ou três dias que tinha sido feito, pela aparência de cicatrização. Perguntei o porquê, e como resposta só o silêncio. Dessa garota, até o momento da entrevista, eu nunca ouvi uma só explicação para os cortes, nem raiva, nem tristeza, nenhum sentimento que justificasse as ações cortantes. Nada saía dela verbalmente em relação a isso, porém nas semanas em que alguma discussão com a mãe a afetava, era certo de que os cortes eram feitos. Ela expressava de alguma forma comportamental, indicando que o corpo sentiu mais uma vez o peso das relações desconcertantes com a mãe. Eu sabia, porque ela impunha com ainda mais rigor suas perspectivas de vida, principalmente da relação com a quebra de fé com a religião. Elucidava discursos anticristãos e frequentemente falava “eu odeio o ser que me pariu”. Palavras fortes que expressavam a complexidade de um laço frágil entre mãe e filha. Até o presente momento da escrita desse capítulo, não tive oportunidade de conversar com a mãe da garota, mas os amigos sempre comentavam o quanto a mãe desaprovava as atitudes da adolescente e como a relação entre as duas era conflituosa.

Durante meses, comportamentos e discursos foram analisados. Como Cientista Social, não era possível encarar essa situação como natural, ou pensar que esse problema seria exclusivamente de ordem psicológica. As questões sociais, morais e culturais que rodeavam sua vida estavam intrinsicamente ligadas ao problema do sofrimento adolescente. Isso era perceptível, por exemplo, quando por diversas vezes ouvi “*minha vida está um inferno, minha mãe não me aceita*”. Frequentemente, isto estava relacionado à religião ou a sexualidade, ou quando “*quero beber, porque não aguento essa pressão*”, relacionado ao peso de ter que ser bem sucedida nos estudos e se comportar como a garota “bela, recatada e do lar”.

Existe um inconveniente empecilho na relação de proximidade entre pesquisador e entrevistado. Não há como se desprender totalmente da sensibilidade e ser indiferente em relação à dor alheia no processo de pesquisa, principalmente quando você sente afeto e compartilha de momentos significativos da vida do seu entrevistado. Isso me colocou numa situação delicada em relação ao processo de pré-entrevista, pois na minha condição de professora e amiga eu não poderia passar isenta de qualquer direcionamento em relação aos conflitos e tensões das quais ela me relatava. Eu estava na posição de conselheira e talvez isso tenha me custado, em questões de pesquisa, uma perda de objetivo, no sentido de, em alguns momentos, a minha principal preocupação era garantir que ela ficasse bem e não, por exemplo, de aproveitar o enredo das situações e registrar informações, de

aprofundar o assunto e começar uma entrevista indireta, perguntando e descobrindo mais. Existe algo de perverso e de terapêutico em pesquisar a dor do outro. É nesse ponto que quero registrar a dificuldade da aproximação do pesquisador com seu problema de pesquisa, porque o envolvimento emocional em alguns momentos nos faz refletir sobre a fragilidade da vida, sobre a complexidade da nossa mente e principalmente, além do inquietamento sociológico, há o incomodo enquanto ser humano.

Lancei a proposta e o convite para participação da pesquisa. Obviamente não foi dito o tema real, porque falar sobre isso, talvez machucasse mais do que os próprios cortes. Independente do tema da pesquisa, o convite a falar sobre si, em algum momento a levaria as causas do seu sofrimento e conseqüentemente as causas da autolesão. Caracterizei a pesquisa como uma análise de vivências adolescentes, nisso ela seria submetida a algumas entrevistas para obtenção de dados e nessas entrevistas Mar estaria sendo chamada a contar sobre sua história de vida. Assegurei-a também a preservação da identidade, nome não seria citado e tudo que fosse falado em entrevista serviria como análise pra pesquisa e nada mais que isso. Mar se prontificou em colaborar, mas já me deixando claro que, falar sobre si seria difícil, e realmente foi. Difícil para ela e para mim. Ouvir e calar, diante de uma problemática tão intensa é no mínimo angustiante.

Mar estava animada para a entrevista. Certa vez, depois de esmurrar a parede e deslocar um dos dedos da mão, me procurou para conversar, disse que não entendia porque fazia aquilo e me pediu conselhos. O semblante era triste, inquieto, o olhar era tão distante e profundo que incomodava. Mar é divertida, mas quando estava em situações angustiantes se fechava e a única resposta para todas as perguntas era “*não sei*”. Neste dia, Mar queria ser entendida, no sentido estudado mesmo, que alguém pudesse dizer a ele qual era o motivo das lesões ao próprio corpo. Talvez ele soubesse, mas não tinha clareza.

Marcamos a primeira entrevista com Mar. Algo tinha acontecido em casa e ela estava inquieta. Como já havia explicado, a entrevista deveria acontecer de forma que a depoente relatasse sobre sua história de vida e tentassem resgatar na memória suas trajetórias a partir do momento que lembrasse. Mar estava preocupada, olhava sempre para o celular. Não conseguia falar, era perceptível que queria fazer a entrevista acontecer, mas algo travava. Emocionada disse que não conseguiria falar sobre sua vida porque isso inclui falar sobre sua mãe e isso a machucava, por coincidência, sua mãe ligou no exato momento da entrevista, e Mar, que já estava demonstrando inquietude, ficou ainda mais nervosa. Decidi encerrar aquele momento.

Optamos em nossas entrevistas em utilizar o suporte do método de entrevista semiestruturada. De início deixamos livre nossa entrevistada para relatar algo que sentisse que fosse necessário contar e assim esse algo pudesse ser o fio condutor das nossas conversas. Mas não deixamos de elaborar um roteiro com seguimentos da vida da garota para ser dialogado no processo da entrevista, tais como, infância, família, escola, amigos, corpo, identidade, socialização, afetos e desafetos.

O que fluía normalmente em conversas comuns, em qualquer hora, ambiente e dia, não fluiu no momento escolhido e registrado como entrevista. Após esse fechamento agudo e o silêncio violento que o rumo das entrevistas tomava, pensei sobre a dificuldade que tive para encontrar referências no campo das Ciências Sociais e especialmente na Sociologia em termos de pesquisas sobre o tema. Eu estava ali, posta a ouvir, como sempre estive, sobre a vida, nada de muito específico, não era sobre os cortes, era sobre cotidianos, coisas que aparentam, num rápido pensar, serem fáceis de dissertar. Mas retomar ao ponto de partida, memórias, narrativas, desabafos, pareciam não ser possíveis, pois nas tentativas o “eu quero, mas não consigo” estava presente na trava do discurso.

A partir disso, o problema da falta de referências ia se emoldurando. Acessar as vivências de alguém sabendo que, nesse processo, dores e angústias seriam revividas, e revividas por alguém que já está diante de um período delicado da existência, é, em primeiro momento, complicado, porque não é fácil lidar com as emoções alheias, quando isso te toca de alguma forma, mas ao mesmo tempo é sádico, pois provocar a memória, sabendo que esta será acessada e lembrada de fatos aos quais despertam dor e sofrimento me fez questionar sobre os meus limites enquanto pesquisadora e se eu saberia lidar com o tema dessa pesquisa até a conclusão.

Mas história de vida não é somente oral, ela também pode ser escrita, e diante disso e das dificuldades que enfrentei, busquei reformular a metodologia. Criei um caderno com as mesmas pautas citadas acima (infância, família, escola, amigos, corpo, identidade, socialização, afetos e desafetos). Conversei com ela, separadamente, explicando que ali serviria como diário, e estaria livre para escrever sobre sua trajetória e para além daquilo que se encontra no passado, poderiam escrever o que sentissem que deveriam dizer. Mar achou muito pertinente, já que por várias vezes afirmou ter dificuldade em expressar sentimentos e falar de si.

Feito isso, destacaremos agora parte dos relatos (que serão analisados e interpretados posteriormente no próximo capítulo) sobre a fala exata em que nossa entrevistada narra claramente que marca seus corpos através dos cortes. São narrativas

doídas que ilustram a realidade da complexidade da vida e a forma como essa complexidade é expressa a partir das emoções que se inscrevem no corpo através dos cortes:

Mar:

Minha adolescência tem sido algo bem conturbado, cobranças são feitas diariamente sobre estudo, melhorar de vida... Período da adolescência é um período de descobertas. Na infância eu era totalmente apaixonada por uma menina que estudava comigo. Desde mais nova eu sempre tinha esse relacionamento com menina. Daí o tempo vai passando e a gente segue um padrão que a sociedade nos ensina (homem com mulher, mulher com homem). A partir disso eu me tornei uma pessoa inaceitável. Eu sentia aquela atração, cheguei a gostar de outra garota novamente aos 15 anos de idade, mas para mim isso era algo errado e que eu não era o que sou de verdade. Com isso veio o fato de não conseguir me relacionar com homens, estava lá só pelo padrão, e me sentindo mal. O tempo foi passando, minha irmã se assumiu para minha mãe e família, e aí comecei a ir me aceitando, libertando quem eu realmente era, enfim, me aceitei. Com isso, mesmo aceitando o que eu realmente sou nunca tive a aceitação com meu corpo. Por isso, de dois anos até aqui eu me automutilo, por estar preso³ em um corpo que não me identifico. Sentimentos como raiva e tristeza se ligam a isso.

Verificamos, ao ler o relato, que sentimentos e emoções a acometem e a posteriori cortes são feitos. Mar caracteriza os sentimentos de raiva e tristeza como fato antecedente a prática de autolesão, isso abre espaço para que possamos em nosso trabalho levantar a

³ Desde o início dessa pesquisa tratávamos a pessoa aqui entrevistada no feminino: garota, ela, narradora. Agora, em processo de transição, ela se identificada como ele, sendo assim, respeitando toda e qualquer diversidade, passamos a trata-lo como assim deseja, este é Mar. Optamos por não editar o início do nosso texto para assim ilustrar os percalços do processo da pesquisa e a complexidade da vida humana em sua cíclica metamorfose. A partir daqui, Mar é Mar. Em um ano ele cortou os longos cabelos, mudou o estilo das roupas e se apresenta no masculino. Ele não nos contou sobre esse processo de transição, nem quando começou e nem como está lidando com isso, mas a escrita dele deixa claro sobre estar se transformando em um garoto. Registramos essa nota com a certeza de que esse fato será importantíssimo para analisarmos e compreendermos nossas questões.

discussão sobre uma sociologia das emoções, que busque os significados e os traduza para que possamos compreender a partir desse levantamento as influências dentro do contexto sociocultural da história de vida de Mar.

As emoções são materializadas através do corpo, é ele quem se coloca em campo transcendendo os limites da sensibilidade, se as emoções fazem parte do jogo da vida, emitindo-se a partir das interações e dos fluxos entre os indivíduos, o corpo surge como efeito dessa interação, ele é a mais concreta construção das emoções que presentes no processo de interação formam a complexidade do que entendemos como sociedade.

Vale ressaltar que pensar sobre a emoção abre um leque de possibilidades para além das abstrações, pois como já citado a construção social dessas emoções que não são ideias soltas sem pretensões ou objetivos, se constituem a partir das modulações da vida social, o corpo autolesionado, neste caso, é resultado de todo um conjunto cultural, das bases socioculturais, que em sintonia com o todo exterior forma um laço de interações. Nesse caso, não só o corpo, como coloca Le Breton, é uma construção cultural e social, como também os sentidos emocionais, mas fugindo das dicotomias, essa construção sociocultural só se torna possível pelo entrosamento dos dispositivos individuais na dinâmica da interação da vida. Para Rodrigues (1975) o corpo humano possui um caráter simbólico, a sociedade é uma entidade provida de sentidos e significações, e, portanto o corpo que não se trata apenas de biológico é também uma construção social e cultural tomada por símbolos e significações. Ao nosso corpo se aplica crenças e sentimentos, portanto ele está sobreposto a valores que indicam algo. Porém, se está ligando com algo que parece não ter significado ou propósito, que se furta às formas de simbolização, justificação e reconhecimento sociais, sendo significado socialmente como abjeto, estranho, assustador, mórbido, doentio, disfuncional, patológico. Por isso, metodologicamente, faz necessário ir além dos significados manifestos, rastreando e mapeando os sentidos não articulados ou articuláveis verbalmente.

1.8 Cartografia da travessia de Mar

O método da cartografia social, diferentemente da cartografia geográfica, designa-se por evidenciar as dinâmicas nas relações entre os modos de objetivação e subjetivação dos sujeitos, bem como mapear as práticas, produções e enfrentamentos de si ou os modos de resistências e ações de liberdade, analisando o conjunto de construção e desconstrução existentes nas formas de ser e existir no mundo social (FILHO E TETI, 2013, p.47). A

cartografia nas Ciências Sociais é um método desenvolvido por Deleuze a partir de uma série de diálogos com Foucault. A perspectiva foucaultiana, juntamente com as ideias deleuzianas, permitiu se pensar sobre uma cartografia social que empregue dimensões rizomáticas⁴.

É corrente que a cartografia tradicional é a “ciência dos mapas”, um tipo de conhecimento que insere matemática, dados estatísticos e técnicas sofisticadas. O objetivo é traçar mapas que representem além de territórios, características da população em questão. Já a cartografia social, proposta por Deleuze se propõe a mapear os intensos processos que cercam a esfera do campo social. Criando estratégias de análise, a cartografia acompanha, descreve e aponta as relações, trajetórias, composições, rupturas e resistências (FILHO; TETI, p.47,2003). Na verdade, a cartografia social, não cria mapas, mas diagramas que expõe as densidades e intensidades das relações dos homens no mundo.

A cartografia se apresenta como um método que se apoia no eixo saber-poder-subjetividade, e, a partir disso, possibilita ao pesquisador desenvolver a análise dos enfrentamentos dos dispositivos (FILHO; TETI, p.48, 2003). A proposta de Deleuze é pensar na cartografia como um método que desembarace as linhas desse dispositivo, uma maquinaria complexa que organiza as relações de saber e poder e que produz ações a partir da subjetividade. A cartografia surge justamente nesse espaço de enfrentamento dos dispositivos, como meio de produção da realidade.

O enfoque principal na prática cartográfica remete às questões do campo afetivo, como ordenador das dimensões do campo social. Dentro desse aspecto a noção de dispositivos se faz presente, ele é a máquina de pulsão, esse maquinário é produzido, criando realidade, a ideia de cartografia é um registro que maquina e produz, remetendo ao rizoma, agenciado os desejos e potências.

Essa máquina abstrata que capta o real, para além das objetividades, examina os modos de vida, os jogos de poder e saber, os vários enredos e complexidades dos movimentos no mundo, ou seja, a zona imediata de encontro do acontecimento de nós mesmos, fora de todos os encaixes idealistas e objetivistas. É preciso estar atento a essas questões para que seja possível cartografar. Nesse sentido, a produção da subjetividade é

⁴. O Rizoma é “um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, 1980).

a principal característica desse dispositivo que produz realidade.

Em Deleuze, a realidade é um processo de contínua produção. Não há uma estrutura universal, preestabelecida que se impõe à realidade nas coisas, mas agenciamentos, conexões, arranjos, processos desejantes que acontecem nas relações de poder e saber num dinamismo subjetivo. É preciso entender a perspectiva da conectividade da realidade, pois ela não é algo externo que está para nós como um mistério, mas um processo de criação contínua, sendo assim, um mundo construído nas relações que configuram as estruturas, de modo não fechado, mas possível de novos arranjos, produzindo possibilidades inéditas de mundo, dos corpos e das subjetividades. Mas tais possibilidades são condicionadas pela configuração estável ou instável das relações de força que compõem o agenciamento.

A pesquisa cartográfica abandona a realidade como representação e adota um método de produção. Mais importante que seguir a verdade é seguir o rizoma, seguir as conexões e as redes, pra alcançar as produções e identificar as ações subjetivadas nas relações construídas. A verdade é sempre circunstancial, produzida por um momento e passível de reconstrução. Cartografar é seguir as tramas de um rizoma sem saber onde irá chegar, é estar entregue ao devir. O pesquisador estará nas mãos da sua própria afetividade em campo. A pesquisa cartográfica não serve a uma universalidade, mas acompanha processos, redes e modos de vida no mundo. Somos uma potência de produzir realidades apesar de nós mesmos. Nós nos efetuamos necessária e constantemente.

Os elementos rizomáticos se colocam para além das articulações binárias de causa e efeito. A cartografia propõe modos alternativos de compreensão do indivíduo humano no mundo, inserindo os movimentos, intensidades e afetos como linhas de possibilidades para produzir realidades. Como método, não consiste num conjunto de procedimentos definidos e prontos para ser aplicado em campo, mas uma prática de experiência no labor da pesquisa. Sendo assim, ela será sempre um método em construção, em movimentos, criando, produzindo, sem pretensão a neutralidade ou objetividades. O homem e o mundo estão mutuamente conectados e envolvidos pelo devir.

Cartografar é estar aberto as experiências que o território pode apresentar, sem intensão do controle, de explicações, conceitos enquadrantes que fogem da própria experiência. A atenção derivada da dedicação efetivará a produção da realidade. Essa proposta supera modelos dicotômicos presentes na pesquisa e traz o cuidado como aquisição do processo de construção do texto, evitando as verdades categóricas. É por isso que ela se encontra no campo da experiência, do aprender com os movimentos, e não

no campo da explicação, de saber sobre como os movimentos acontecem.

A cartografia nos permite delinear a história de vida de Mar, dois suportes que nos conduzem ao caminho da tradução dos cortes, desdobrando-se entre passado e presente e voltando-se para a construção de uma arena de significados, os significados dados por Mar a partir da prática autolesiva e a composição dos sentidos alocados no ato cortante. Nesse sentido, cartografar a história de Mar trata-se muito mais da prática ilustrativa dos percalços da sua existência, do que apenas ferramenta teórica. Construir uma narrativa que declara a tradução de uma vida marcada de estratégias de sobrevivência, destacando a formação do desejo na via da existência.

É nesse encontro entre afetos, sentidos, histórias de vida e transitividade que será composto a cartografia, desvelando significados a partir de Mar “Acompanhar um território de existência é, portanto, identificar agenciamentos para então desconstruí-los e perceber as múltiplas linhas que o compõe” (MOURA E OLIVEIRA, 2020, p.129). O desejo encontra-se no cerne da prática cartográfica, no caso de Mar, desejo e existência se fundiram e produziram a verdadeira potência do ato de existir, a construção de si para além das expectativas, criando a própria existência a partir de mecanismos que forjam na pele a realidade latente de uma vida em busca do reconhecimento de si e aparecimento para os outros:

Não há eclosão de desejo, seja qual for o lugar em que aconteça, pequena família ou escolinha de bairro, que não coloque em xeque as estruturas estabelecidas. O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos. (DELEUZE e PARNET apud ROLNIK, 2006, p. 29)

O método cartográfico é provocativo, principalmente porque nos leva a pensar sobre a construção da subjetividade e os movimentos múltiplos que nos levam ao ato da existência, de ser no mundo como agentes em potencial, conectados ao devir. A cartografia não apresenta normas de investigação, procedimentos diretos e incisivos, mas permite ao pesquisador cartografar a partir um princípio rizomático, percebendo as conexões e as múltiplas agências dos sujeitos. Cartografia aliada a história de vida possibilita ao estudo trabalhar com a memória e as afetações de Mar, num movimento corpóreo, subjetivo e existencial. Esse mapeamento designa uma prática interventiva de pesquisa e se constrói no processo, fornecendo dados e revelando caminhos.

Na cartografia sujeito e objeto compartilham de uma mesma experiência que produz conhecimento e produz a si mesmo (Moura e Oliveira, p.148) e o pesquisador não é

apenas observador, mas também parte de um mesmo plano de interação fazendo parte da pesquisa, o movimento cartográfico na pesquisa caracteriza-se em conhecer e transformar realidades, tanto a do pesquisador como do pesquisado, dando sentido ao processo, e referindo-se a processo, falamos de criação, de construção, semelhante a uma obra.

Esse mapeamento de linhas, que a cartografia designa constitui-se em revelar os movimentos, prestar atenção nas intensidades, sentir as conexões, provocar o olhar para entradas e saídas, desenhar a potencialidades dessas relações e os sentidos subjetivos para o pesquisado. Nesse sentido, o papel da cartografia é delinear a relação de forças entre aquilo com que o pesquisador se aproxima e se comunica no seu território/realidade e desenhar a forma pela qual a multiplicidade dos movimentos são vividos nessa relação.

Essa possibilidade que a cartografia nos dá para mapear e acompanhar os processos é muito pertinente no caso de Mar, pois o método reforça a dinâmica de revelação das potencialidades produzidas e nos coloca de numa postura aberta em relação ao pesquisado e ao território da pesquisa, formando um encontro de elementos e experiências de interação, planejando a realidade e sendo atravessados pelas linhas da intensidade da existência. O pesquisador direciona sua atenção para esses elementos que movimentam o campo da existência em forma de signos, que necessariamente são agentes de sentidos e movimentadores da realidade, o pesquisador está sempre à espreita, atento aos múltiplos movimentos.

Então, alinhando os elementos propostos anteriormente sobre o método investigativo da história de vida com o mapeamento cartográfico da experiência existencial de Mar, é criada a possibilidade de acessar os dispositivos que norteiam a construção de um adolescente que transita em territórios e busca uma afirmação habitacional de um espaço de reconhecimento. Nesse processo de busca identitária, Mar desenha uma trajetória particular, totalmente sua, que revestida de agenciamentos faz emergir formas que não só permitam sua sobrevivência, mas que também confeccionam um estado pleno de um corpo desejante. A escolha por trabalhar com Mar, permitiu construções de aprendizagem significativas, que não foram imaginadas no processo de construção da problemática. O desafio afatante desse percurso possibilitou um encontro com a construção da análise mais leve e menos dolorido do que o início da pesquisa.

CAPÍTULO 02

ENTRE O PATÓLOGIO E O NORMAL: O ESTIGMA DO CORTE

2.1 Algumas considerações a partir dos estudos da psicanálise e da psicologia

É necessário antes de engatar na discussão sobre os sentidos e possibilidades da autoescarificação, levantar o aspecto problematizador das definições médicas acerca do que é considerado normal, anormal, patológico, doença ou saúde. Não na intenção de contestá-las, mas como oportunidade de gerar um debate que possa enxergar essas definições como um fenômeno social que ao passo que se constrói, também se transforma e essas transformações permitem a análise do olhar sociológico, até mesmo para a compreensão de como o social produz e trata o sofrimento emocional dos sujeitos.

O conceito de anormal deriva de um processo de definição que se modifica de acordo com o tempo e o contexto social, cultural e histórico para determinada sociedade. As contribuições de Georges Canguilhem (2000) e Michel Foucault (1961) são o fio condutor para a compreensão das conceituações feitas em torno dos termos que são utilizados para indicar a normalidade ou a falta dela. As possibilidades colocadas por esses dois autores nos permitem acompanhar a articulação dessas definições historicamente.

Podemos pensar o liame normal e anormal como uma oposição. Nessa dicotomia não há um ponto de conexão entre as duas formas, ou podemos caracterizar normal e anormal não como oposição, mas como dinâmicas em disputa no mesmo campo, sendo o anormal uma extensão desviante do que é considerado normal. As regras e dispositivos que constroem a ideia de normal e anormal fazem parte de contextos estabelecidos pelas regras de seu próprio tempo. Esses acordos variam entre leis, grupos, normativas implícitas ou explícitas. O que importa destacar é que independente da forma que se apresentam, normal e anormal coexistem em sociedade e em todos os tempos.

As definições entre normal e patológico instiga um debate que gera diferentes abordagens e análises sobre suas fronteiras, esses debates se colocam no campo conceitual de forma flutuante, pela divergência de perspectivas. Canguilhem (2000) fez grandes contribuições nessa área, explorando diferentes direções sobre saúde e doença, entrando no campo filosófico e médico. Ele constrói um cenário do que já havia sido pensado até

então, sobre a definição ou diferenciação entre normal e patológico e cria uma perspectiva antagônica às visões que já circulavam na época sobre o tema. Retomando aos trabalhos de Auguste Comte, Canguilhem resgata historicamente o olhar do positivismo para fazer uma crítica ao que estava sendo considerado patológico. Até então o patológico era visto como uma variação quantitativa do normal, o que gerou inquietações no pensamento de Canguilhem e permitiu a elaboração de um pensamento problematizador sobre saúde e doença.

Ao trazermos Canguilhem para o debate compreendemos que o normal transfere tudo aquilo que está fora do seu padrão para comportamento desviante. Quando a definição do normal é apresentada e definida como comportamento frequente e forma socialmente aceitável, aquilo que foge desse arquétipo sofre dificuldades de compreensão, tendo em vista que vai sendo colocado em comparação com um modelo considerado normal. Se recorrermos ao sentido biológico, as mutações genéticas se encontram cercadas de obstáculos para o entendimento. A norma fornecida é contida na própria existência dos organismos. Se pensarmos por esse ponto de vista, o indivíduo pode ser reconhecido como padrão de si mesmo (Freitas, 2012), na compreensão da biologia que entende como norma a frequência em caráter qualificado, uma visão quantitativa da definição normal ou anormal.

Uma das concepções apresentadas por Canguilhem é a que tem como premissa a relação entre saúde doença por um ponto de vista quantitativo, a qual receberá suas críticas, pois de outro lado, o autor apresenta uma versão dessa relação pelo ponto de vista qualitativo. A ótica de Canguilhem considera que no processo da vida existe uma amplitude de possibilidades psicológicas e contextuais. Isso implica dizer que determinar uma norma para indicar um padrão entre a existência de saúde e doença faz com que estes conceitos se tornem um tipo ideal, ideal este que é inalcançável se levarmos em consideração seu vínculo com seu contexto e suas particularidades. Sendo assim, a perspectiva de Canguilhem contesta a noção de que doença se aplica a uma realidade objetiva disponível para avaliações do campo científico, indiferente ao contexto da vida do indivíduo.

Por esse ponto de vista, compreendemos que o conceito de normal e saudável não é fácil, estático ou pacífico (Freitas, 2012). Canguilhem acrescenta que este é um conceito polêmico e deve ser procurado na tensão entre a relação normal e anormal, não como oposição, mas como polaridade. Não se trata de uma dicotomia, até porque seu

ponto de vista parte da norma enquanto constituição sociocultural. Da mesma forma a noção de normalidade. Para Canguilhem:

Basta que um indivíduo questione as necessidades e as normas dessa sociedade e as conteste - sinal de que essas necessidades e essas normas não são as de toda a sociedade – para que se perceba até que ponto a necessidade social não é imanente, até que ponto a norma social não é interna, até que ponto, afinal de contas, a sociedade, sede de dissidência contida ou de antagonismos latentes, está de se colocar como um todo (CANGUILLHEM, 2000, p. 229).

Foucault (1961) fornece significativas contribuições para pensar nas delimitações do que pode ser normal e anormal. Seu debate tem início baseado no contexto de transformações que ocorreram no início da modernidade, incluindo, inclusive, as discussões do papel da medicina nessa época e as fortes relações de poder que a envolviam na administração e controle da sociedade, como uma nova ordem social, antes exercida pela religião.

Essa dinâmica examinadora voltada ao discurso médico e biológico ratifica movimentos de exclusões e segregações, já praticadas na Idade Média, por supervisão da religião. É justamente em torno da medicina moderna que Foucault traz ao debate as questões sobre os novos sentidos que os hospitais tomam, a relação entre a cura e a disciplina, e a clínica como ambiente que não só observa, mas que trata o doente. Todas essas questões contribuem para pensar na forma como a normalidade e o desvio dessa conceituação se dá.

Com a ascensão do poder médico, ao final do século XVIII, a medicina ganhava seu papel de destaque, estando cada vez mais presentes nos espaços para a construção e reprodução dos seus discursos que serviam para controlar os ditos doentes. O hospital passa de local de assistência para aparelho de formação, servindo e legitimando, inclusive, o aperfeiçoamento científico (Freitas, 2012). Após consolidada, a medicina fica lado a lado nas relações de poder com o judiciário, validando certo e errado, normal e anormal, saudável e patológico. Essa dinâmica traz para o campo do conhecimento a efetivação da normalização, do saudável, do são, da disciplina. O punir dá espaço para o curar.

Para Foucault, a norma é uma unidade que faz parte da disciplina e da regulamentação, agindo de forma controladora sobre os corpos e comportamentos sociais. A disciplina surge com esse intuito de exercer poder através da coerção necessária para que a normalidade prevaleça através do discurso da regra, formando condutas socialmente aceitas como normais.

As instituições são responsáveis por determinar o binarismo normal/anormal.

Mediante essas normatizações padronizadas, o lugar de exclusão é criado:

A divisão constante do normal e do anormal, a que todo indivíduo é submetido, leva até nós, e aplicando-os a objetos totalmente diversos, a marcação binária e o exílio dos leprosos; a existência de todo um conjunto de técnicas e de instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais faz funcionar os dispositivos disciplinares que o medo da peste chamava. Todos os mecanismos de poder que, ainda em nossos dias, são dispostos em torno do anormal, para marcá-lo como para modificá-lo, compõem essas duas formas que longinquamente derivam (FOUCAULT, 1961, p. 165).

O modo de vida socialmente aceito era o modo estabelecido pelo discurso do médico, vinculado à esfera do poder. Um poder que cura e delimita comportamentos. O papel da medicina na sociedade era ou é encarado como um modo de vida legítimo, um comportamento a ser seguido, padronizado através da norma. E tudo aquilo que foge a esse padrão cai na definição de anormal. O poder médico define o normal e controla o anormal. Esse poder instituído à medicina, além do caráter disciplinar, se estabelece como uma verdade legitimada pelo campo científico e, nesse contexto, o discurso médico estabelece com prioridade o afastamento dos ditos doentes ou anormais através da caracterização dos comportamentos.

Ações humanas, seguidas das transformações da vida social, distúrbios, comportamentos desviantes que fogem do normal preestabelecido, o que não funciona como deveria são encaixados no transtorno, na doença como um problema do sujeito. As condutas da vida cotidiana, o enredo social é posto num sistemático padrão, como se a vida social fosse estática. Assim seria se fosse um conjunto morto, mas é viva e se transforma nas dinâmicas e relações entre os sujeitos. É necessário estar atento porque, neste caso, o padrão deve ser quebrado. Canguilhem diz “a anomalia, a mutação, não são, em si mesmas, patológicas. Elas exprimem outras formas de vida possíveis” (Canguilhem, 2000, p. 113).

Os parâmetros da sociedade moderna, a partir da ascensão do racionalismo, tendeu a classificar os indivíduos em grupos de sujeitos pensantes e não sujeitos, os que não se enquadravam no modelo padronizado de normal. Essa noção de sujeito pensante gerava um movimento de exclusão através das clínicas. O desviante da posição de normal era excluído do convívio social através das internações. O saber médico executava esse poder de enquadrar e viabilizar os afastamentos de todo o comportamento fora do padrão.

2.2 O estigma da autoescarificação

Desde a Grécia Antiga o *estigma* é conceito presente nas sociedades, mas é a partir do século XX com Erving Goffman (1975) que o conceito passa a ser atribuído aos processos de formação social. O estigma do qual trataremos, aquele que atua a partir da marca forjada e inscrita no corpo, atinge negativamente a vida do estigmatizado, pensaremos através do conceito a prática de autolesão e os processos de construção estigmatizantes, compreendendo a situação por uma viés em que essa marca corporal, produzida pelo próprio estigmatizado gera um sentimento de impropriedade e marginalização no meio social. Ferir o corpo, é ferir estatutos e regras sociais das quais gera não só o estranhamento, como o desconforto e a inaceitabilidade, levando o indivíduo autolesionado à margem social.

O estigma se dá no contraste entre a presença física do estigmatizado e o não estigmatizado (os ditos normais, mas não trabalharemos com esse termo). Essa relação se dá pela presença corporal entre os indivíduos dos dois grupos nos ambientes estabelecidos onde as relações cotidianas acontecem de forma prevista e esperada, sem uma atenção particular. Desse modo, os não estigmatizados criam categorias e atributos quando um “estranho” se aproxima, esses pré-conceitos são transformados em “expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (Goffman, 1975, p.12). Porém, em contato direto com o estranho, essas expectativas dos não estigmatizados, tornam-se exigência sobre aquilo que o outro deveria ser. Goffman nos diz:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande (GOFFMAN, 1975, p. 12).

As categorizações feitas aos indivíduos são estabelecidas pela sociedade. Nesse sentido, Goffman apresenta duas identidades que o indivíduo estigmatizado possui; a identidade real e a virtual. A real diz respeito ao conjunto de categorias e atributos que a pessoa prova ter, e a virtual está relacionada aos atributos são exigências e imputações de caráter feito pelos que se consideram normais em relação aqueles que se colocam como estranho. Siqueira e Cardoso complementam:

Deste modo, uma dada característica pode ser um estigma, especialmente quando há uma discrepância específica entre a

identidade social virtual e a identidade social real. Pautando-se na relação entre as identidades real e virtual, pode-se afirmar que, o processo de estigmatização não ocorre devido à existência do atributo em si, mas, pela relação incongruente entre os atributos e os estereótipos. Os normais criam estereótipos distintos dos atributos de um determinado indivíduo, caracterizando, portanto, o processo de estigmatização (SIQUEIRA e CARDOSO, 2011, p.94).

O estigma é, para Goffman, um atributo depreciativo, numa perspectiva de relações. Estigmas são identidades deterioradas, por ações sociais que representam algo ruim dentro dos padrões da sociedade e, por esse motivo deve ser evitado, ou seja, o estigma é aquilo que foge das exigências preestabelecidas. Por tudo que já citamos nesse capítulo, é possível associar facilmente, a noção de estigma à prática autolesiva, já que está é vista como negativa aos olhos de quem não a faz e gera desconforto, por exemplo, naqueles que visam cuidar da saúde da sociedade. Por isso, em maioria dos casos, a prática é silenciosa, já que, temos a tendência de não entender e de lançar nossos olhares com exigências preestabelecidas, o corpo deve ser cuidado e a vida preservada.

Canções retratam o não entendimento do sofrimento emocional e a expressão disso através dos cortes corporais já há algum tempo. Renato Russo (1997) interpreta a canção Clarisse, que conta a história de uma garota de 14 anos, tomada pelos problemas de ordem emocional, pela a angústia e dor que fazia marcas em seu corpo com um canivete. Clarisse representa os jovens de várias gerações que incompreendidos e estigmatizados, sofrem o peso do não entendimento, um lugar em que muitos olham, mas poucos enxergam. A letra diz:

[...] Como uma ampulheta imóvel, não se mexe, não se move, não trabalha/E Clarisse está trancada no banheiro/E faz marcas no seu corpo com seu pequeno canivete/Deitada no canto, seus tornozelos sangram/E a dor é menor do que parece/Quando ela se corta ela se esquece/Que é impossível ter da vida calma e força/Viver em dor, o que ninguém entende/Tentar ser forte a todo e cada amanhecer/Uma de suas amigas já se foi/Quando mais uma ocorrência policial/Ninguém me entende, não me olhe assim/Com este semblante de bom samaritano/Cumprindo o seu dever, como se eu fosse doente/Como se toda essa dor fosse diferente, ou inexistente/Nada existe pra mim, não tente/Você não sabe e não entende [...] (LEGIÃO URBANA: CLARISSE, 1997).

O estigma se apresenta na perspectiva de Goffman, conforme três características: deformidades físicas, culpa de caráter individual e as consideradas marcas tribais, de raça, nação ou religião. Nessas tipologias encontramos em comum o mesmo aspecto sociológico “um indivíduo que poderia ser facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo

a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (Goffman, 1975, p.14). A estigmatização pode acontecer em níveis e variar de acordo com a exposição das características do sujeito que carrega o estigma, “o social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder e anula todos os que rompem ou tentam romper com o modelo social” (Melo, 2000, p.02). Carregar um estigma é carregar uma marca, que simboliza uma identidade social deteriorada, essa identidade não é natural, mas um conjunto de padrões criados.

O estigma é um processo de construção social que varia de acordo com os períodos e os contextos sociohistóricos, os atributos que desqualificam as pessoas se modificam de acordo com essas variáveis. A estigmatização não acontece como propriedade individual, mas é dependente de contextos, e esses contextos, dominado por quem não possui marcas estigmatizantes, proporcionam regras de não aceitação social. Siqueira e Cardoso diz:

O contexto histórico pode provocar mudanças no curso de estigma, propiciando alterações em suas descrições, nas categorias que o envolve e no processo de estigmatização, assim, pode-se dizer que a prática, a compreensão e a percepção de estigma são variáveis de acordo com a historicidade. Alguns estigmas perpetuam durante as épocas, porém, muitos são findáveis e característicos de um dado contexto histórico, social e cultural (SIQUEIRA e CARDOSO, 2011, p.96).

Os contextos sociais modificam a percepção de estigma, as direções intelectuais, morais, políticas e culturais determinam os elementos e características que constituem ou não o estigma, além do grau de aplicabilidade desses padrões. Esses meios de caracterizar atributos, determinando como natural ou anormal, são estabelecidos socialmente, as identidades e categorias que caracterizam o indivíduo, passam por esse sistema de lógica social.

A discussão feita acerca da definição do conceito de estigma é válida, pois estamos trabalhando com algo que é visto negativamente não só pela sociedade no geral, como também pelos profissionais da área da saúde que cuidam de indivíduos que se autolesionam. O discurso médico ocupa lugar importante nas questões estigmatizantes porque contempla os ideais de como devemos cuidar e preservar nosso corpo, evitando possíveis vulnerabilidades que se apresentam, ele é sempre convocado a nos explicar e dizer como devemos agir perante o corpo e como este funciona e apontando o que é ou não patológico. O ato de provocar em si dor, de forma premeditada e intencional, gera

estranheza naqueles que não conseguem enxergar que por trás da prática há uma intencionalidade comunicativa. O corte está ali para significar algo, nesse quesito, é essa nossa função, interpretar essa forma de comunicação.

Como já citado, a frequência maior das ocorrências de autoescarificação é em adolescentes. Algumas pesquisas já sinalizam o aumento do número de casos nos últimos anos, porém poucos estudos confirmam isso através de estatísticas, de dados oficiais. Além do mais, há uma dificuldade de comparação com estudos internacionais pelas diferenciações de nomenclatura e as formas metodológicas de realização dessas pesquisas. Mas, em todo caso, a prevalência da divulgação das ocorrências tem sido um dos fatores que influenciam o aumento da prática em adolescentes (Silva e Botti, 2018).

Vale ressaltar que, por mais que o campo da psicologia coloque como as principais causas da automutilação condições de vida estressantes como conflitos familiares e discussões com pais, rejeição por um namorado ou namorada e problemas escolares como o *bullying* (Harrington, 2001), caracterizando o fenômeno como psicossocial, é importante lembrar que esses adolescentes fazem parte de grupos socioculturais distintos. Dessa maneira, não é possível traçar um perfil completo dos sujeitos que se autolesionam. É preciso compreender as motivações e os diferentes contextos da autoescarificação e refletir que os grupos historicamente estudados pela psiquiatria, com um perfil caracterizado por esses “transtornos”, são diferentes dos sujeitos que hoje praticam a autolesão.

Silva e Botti (2018), *apud* Schmidt (2001) recomendam sobre a importância da contextualização e as diversidades compostas nessa relação entre tempo, cultura e definição:

Os conceitos de juventude e adolescência indicam fenômenos históricos e sociais (não existem do mesmo modo em todas as épocas históricas e em todos os meios de uma determinada sociedade), com diversidades internas (os segmentos juvenis de uma mesma geração podem ser, em algumas dimensões, tão diferentes entre si quanto de uma geração para outra), mas cujos componentes compartilham elementos culturais e atitudinais comuns, próprios da sua geração (SILVA e BOTTI, 2018, *apud* SCHMIDT, 2001, p. 186).

Não há unicamente uma forma de compreender a adolescência, como também de vivê-la. Existe uma diversidade de fatores e contextos que configuram sua composição,

sendo assim, são diversas as maneiras de vivenciar e conceber essa fase. Não podemos deixar de citar a complexidade social e psicológica da formação não só dos adolescentes, mas como dos sujeitos em geral, e para a compreensão dessa formação é necessário se aprofundar nas configurações das sociedades, nesse caso a contemporânea ocidental, porque os modos de cultura influenciam nos comportamentos.

O corte nos intriga. É inquietante. Para aqueles que se autolesionam, o corte parece acontecer como um acordo não anunciado, silencioso, sorrateiro. Ele busca sentindo, se encontra entre dimensões simbólicas, tentando diminuir algo, a dor, através da dor. E nesse caminho, entre a transgressão e a simbologia das expressões corporais, o ato do corte libera dor e sangue, e se coloca de forma estigmatizada para aqueles que não o praticam, a “própria palavra nos dá uma facada em nossa paz mental” (Bollas, 1998, p. 107). Fátima Florido Cesar apresenta um pouco da complexidade do entendimento desse ato e a postura de comunicação que ele se revela, diante do aviso profundo e sanguíneo inserido no corpo:

Antes de propor qualquer univocidade, precisamos pensar que estamos prioritariamente fora do campo do recalçamento: aqui, a clivagem domina e debruçamo-nos na tentativa de deciframento de vivências que tiveram extraviadas seu sentido. O não sentido pulsa aqui, com seu poder disruptivo, carecendo de simbolismo. Fica-nos como tarefa complexa e paradoxal uma escuta polifônica: de um lado, reconhecer esses movimentos/atos/paralisações do adolescente como retornos do clivado, acolhendo o “não sei” e a repetição do vazio traumático. Se, por um lado, os ataques ao próprio corpo pouco ou nada significam, de outro, podem vir a constituir uma escrita na pele com endereçamento, resguardando assim algo de comunicação (CESAR, 2019, p. 14).

Assim como o corpo é cultuado, reverenciado e estimado, ele também pode ser odiado e sofrer com as externalizações emocionais, principalmente, se durante a formação social primária do sujeito, ele tenha sido alvo de falhas no processo de interação social, tanto quanto evasivas como invasivas. Os laços familiares podem ou não aumentar a gravidade nessa relação corpo, emoções e adolescência. A narrativa de Mar nos permite pensar sobre a extensão e prolongamento de sentimentos cultivados na infância por relações conflituosas com seus pais. Observemos:

Lembro-me da vez que minha mãe guardou um dinheiro dentro do guarda roupa dela e ela me culpou pelo sumiço do dinheiro, ela tava com uma raiva de mim naquele dia, achei até que eu era um estranho. Ela foi ao quarto, pegou o cinto do meu pai e veio até o quarto, ela me

bateu com a fivela do cinto nas minhas costas, acho que por um minuto. Lembro que minhas costas chegaram a sangrar um pouco, eu mal consegui dormir, gente eu era só uma criança. Na manhã seguinte quando acordei o dinheiro tinha aparecido e ela não me pediu desculpas pelo que fez, mesmo sem eu ter feito nada. Enfim, acredito que minha infância não foi das melhores, eu queria ter tomado sorvete com meus amigos, brincado na rua, mas nunca foi como eu desejava. Talvez seja pela minha infância que eu sempre me culpo por coisas que nunca fiz.

O corte pode ser a tentativa de escapar da impotência submetida a seus corpos. Depois dele, a sensação de domínio sobre o próprio corpo é fugaz, o trauma persiste, o alívio é passageiro e o ataque ao corpo repete-se, tanto quanto para insistir o domínio como para comunicar, expressar o simbólico por trás da prática.

É necessário entender a gênese, nossa metodologia nos permite isso, buscar com profundidade, na história de vida da depoente o sentido do ato autolesivo. Nesse sentido, Cesar (2019) nos possibilita pensar na dimensão de endereçamento:

O endereçamento refere-se às múltiplas fontes traumáticas – aquela do próprio corpo invadido por desafios do enfrentamento da sexualidade, mas também à fragilização do vínculo com os pais. O adolescente precisa ser apoiado por estes para que possa completar sua constituição narcísica, ou seja, sua confiança frente a si mesmo e aos laços parentais – tanto os que se referem aos pais reais, quanto às imagens interiorizadas dos mesmos (CESAR, 2019, p. 15).

O adolescente se constrói através da relação com os pais, com os pares, com o todo. Esse processo não é solitário, não se faz sozinho, porém quando as problemáticas da sexualidade, das relações identitárias, dos cumprimentos ou não das funções maternas e paternas surgem, as inquietações em torno desses elementos significativos na construção do *eu* adolescente, podem descarregar no corpo o mal-estar desses vínculos conflitantes e a expressão das subjetividades recai em forma de cortes, marcando o sujeito.

A autoescarificação pode ser considerada um modo de subjetivação presente na contemporaneidade, se percebemos a prática como uma tentativa de busca por significação nas formas de vivências adolescentes. O corte pode estar sendo substituído pela linguagem, os adolescentes ao os inserirem em seus corpos respondem ao mal estar presente na estrutura de suas vidas. É um modo de atuação do corpo. De acordo com Cevaro e Nascimento:

a justificativa para a prática da automutilação relacionada às frustrações

relativas ao universo das descobertas adolescentes envolvendo intrigas escolares, isolamento social, crises familiares e as primeiras decepções amorosas. Esses autores perceberam que havia nos adolescentes sentimentos de culpa excessivos, oriundos de uma raiva contida que, promoveriam as agressões autodirigidas: tais ações ajudariam a amenizar alguns desses sentimentos (LOPES apud; CEVARO E NASCIMENTO, 2013).

Sigmund Freud (1996) usou a expressão *acting-out* para indicar a "existência de algo que escapa à cadeia associativa para deixar-se mostrar em um fazer, um agir, enquanto a passagem do ato" (Lopes, 2017, p.29). De acordo com a psiquiatria, essa ação de provocar em si mesmo cortes e dores, sem aparentemente explicação, aponta que a ação humana nem sempre visa bem estar. Para Jacques Lacan (1963), *o acting-out* é um ato de oposição do indivíduo em relação àquele que saiu do lugar do simbólico, o analista, fora da sua função. Em outras palavras, a prática é endereçada ao outro, sob forma de convocação.

Lacan teoriza a passagem do ato (irracional, impulsiva e destruidora) como um curto-circuito entre sujeito e objeto, diferente do *acting-out* que seria totalmente destinado ao outro. Essa é uma maneira de responder ao outro.

Le Breton (2010) trabalha com uma nova nomenclatura para entender esses processos, a noção de *atos de passagem*. Esses seriam os ataques corporais que tem como fundamento chamar a atenção de si e compaixão por si mesmo, deferente da passagem do ato, que leva a práticas destrutivas, como o suicídio, por exemplo. Os atos de passagem se aproximam do que Freud denominou de *acting-out*, pois estes são uma tentativa de restabelecer, através do corpo, laços sociais.

Podemos dizer que a autolesão funciona como o *acting-out*, tendo em vista que a ação deliberada dos cortes é endereçada ao outro, pois não há intenção suicida na maioria dos casos. Os cortes demandam algo. É possível pensar que os adolescentes que praticam a automutilação convidam os olhares alheios para si, na tentativa de comunicação. Em concordância com Lopes:

A automutilação funciona como um tipo de 'automedicação', uma forma de localizar a angústia difusa em uma parte do corpo sob a forma de dor. O discurso é sempre voltado para a "dor emocional", justificam os cortes como uma tentativa de amenizar a angústia (LOPES, 2017, p. 31).

A prática se apresenta como uma tentativa de encontro com o equilíbrio, para que

se sinta melhor. O sujeito, no ato do corte, tenta lidar com os sentimentos e emoções, e, nesse processo para atingir o outro, em busca de amenizar as angústias, ele fere a si mesmo, num ato agressivo, que gera dor e pode também gerar prazer.

Piercings, tatuagens, por exemplo, são marcas corporais ligadas à erotização e ornamento do corpo, segundo Costa (2003), porém a autoescarificação pode ser interpretada como a atuação corporal e psíquica do sujeito. São todas maneiras de se constituir subjetivamente. O corpo funciona como ponto de mal-estar, onde as angústias, medos e tristezas habitam (Lopes, 2017, p. 33).

Se pensarmos nas tendências da contemporaneidade, veremos que o corpo é alvo das imposições padrozinadas da imagem ideal, de um corpo plastificado, encoberto sob as altas referências midiáticas e tecnológicas, há uma manifestação de culto ao corpo, da beleza que condiz a esses padrões e aos discursos desse modo de estar no mundo. Para Leite et al (2015), a contemporaneidade produziu o que chamam de *reflexo da corporatria*. Essa discussão é importante no nosso trabalho, porque a passagem pela adolescência é constituída por marcas corporais, sejam elas tatuagens, piercings ou a própria autolesão. Esses cultos ao corpo podem provocar distorção da própria imagem e os cortes serem aliados a esse sentimento de insatisfação com o corpo, como forma de denunciar seus sentimentos através dos cortes. É possível que a autoescarificação esteja ligada ao desejo de comunicação dos adolescentes. Ao não conseguirem conceber de maneira desejada o afeto, a atenção, o lugar de fala, o corpo esperado, talvez o corte seja o grito externo, o discurso reprimido que a voz não foi capaz de lançar ao outro, a família, a sociedade.

Mas que tipo de comunicação é essa utilizada pelos adolescentes? A linguagem não verbalizada que atua pelo corpo. Mas por que o corpo? Os estudos de Teixeira e Nicolau (2010) denominaram a utilização do corpo para exteriorizar sentimentos de *meio de comunicação*. O corpo como interlocutor atua de forma inconsciente por meio dos cortes, tentando expressar tudo aquilo que o sujeito não consegue verbalizar.

A insatisfação com o corpo, conflitos familiares, problemas para lidar com os sentimentos, conflitos internos, término de namoro, sexualidade, e até a própria busca pelo prazer, podem ser motivações que levam os adolescentes a praticarem a autoescarificação. Mas, com um olhar mais sensível, é preciso entender que a prática não pode ser vista apenas por uma perspectiva negativista, emitindo nossos juízos de valores

sobre os indivíduos que a praticam, pois, como já citamos, o corte inserido na pele, pode também indicar uma situação de busca por equilíbrio. Lopes acrescenta:

Na maioria das vezes, as adolescentes que fazem a prática se valem dela como uma tentativa de estabilização, de algo que escapa à sua capacidade de conseguir lidar com os conflitos. É bem verdade que devemos ficar alertas para esse tipo de comportamento, pois, ao mesmo tempo em que a automutilação é uma forma de estabilização, pode ser que pela repetição o sujeito se fixe na pulsão de morte e ocorra o suicídio consumado. (LOPES, 2017, p.37).

O corpo adolescente é demarcado, é lugar da linguagem de si, da sua significação, daquilo que representa sua história de vida. Os cortes representam algo para além do dito, da palavra, do verbo. É uma intervenção com o objetivo de assinalar linguagens próprias, na tentativa de “nomear algo que é inominável” (Lopes, 2017, p. 38). O ato autolesivo, a atuação desse corpo marcado, convida o olhar do outro pra si, para mostrar e indicar algo. Os cortes entram em primeiro plano, as palavras em segundo, “e, então, no corpo que a fumaça escapa como na chaminé de uma casa; as palavras se tornam enfraquecidas, esvaziadas de sentido; é somente a atuação no corpo que minimiza essa angústia avassaladora” (Lopes, 2017, p.40).

A autoescarificação também pode ser um fato relacionado com a identificação histórica, isso ocorre quando a prática é repetida em sintonia por vários adolescentes, seja na escola, na sala de aula, ou quando um artista do qual os adolescentes são fãs, praticam e expõe. A identificação histórica é, então, a identificação em sintonia com o outro.

A prática também pode ser decodificada pelo viés melancólico, este estaria relacionado às exigências feitas pelo *supereu* (Lopes, 2017, p.36). O supereu, descrito por Freud (1923/1996) como instância psíquica, no quadro melancólico, tenta gozar de maneira fatal através da pulsão de morte, de forma autoritária. Este gozo provocado pelas autolesões é gerado pela impossibilidade de fugir do outro, ou até mesmo de um supereu demasiadamente inflexível. A situação do indivíduo, nesse caso, é um estado melancólico em que sentimentos como ódio e culpa se misturam com dor e prazer. De acordo com Lopes (2017, p.36), “as automutilações seriam consequências de uma energia da pulsão de morte que não foi amansada pela libido da pulsão de vida, tendo o próprio eu como alvo de investimento”.

Não podemos deixar de situar que as marcas corporais estão relacionadas com a subjetividade dos indivíduos autolesionados. Em concordância com Lopes:

Os sujeitos estão a cada dia silenciando mais e se recusando a uma construção de saber sobre si. O que está sendo colocado cada vez mais como dispositivo de fala é o corpo, para encobrir o vácuo que a fala deixou ao calar. Para a psicanálise, talvez isso possa se tornar uma encruzilhada, uma vez que a direção do tratamento está voltada à cura pela fala, ou seja, pela associação livre. No entanto, se é um fenômeno da modernidade tardia, a fala pelo corpo ou pelo ato – seja nos transtornos da oralidade, criminalidade, automutilações –, é possível que haja então o acesso desses corpos através de uma escuta mais abrangente que se dá na articulação do que se vê e daquilo que se ouve (LOPES, 2017. p.42)

A comunicação verbal pode se colocar como um difícil processo em que o falar lhe implica constrangimentos. Como viver sem comunicação? Sem dizer quando ama ou quando odeia, quando está feliz ou triste? De alguma forma expressamos esses sentimentos e emoções, nosso corpo, enquanto receptor dessas forças externaliza. O corpo não fala por si só, mas os cortes, como tentativa de comunicação, de dizer que algo, em sua trajetória, incomoda e alguém precisa saber e não será através da fala. O corte endereçado, projeta, talvez, um pedido de ajuda, incerto, mas que tenta, através do silêncio gritar as angústias de uma curta existência que sofre.

Pensando pelo valor de identidade, o corpo marcado pelos cortes pode indicar um pedido de decifração através do olhar do outro, marcando o sentido de identidade, singularidade, diferenciando-se do outro, à espera de ser lido, endereçados e dirigidos ao Outro (Lacan, 1964-65/2002).

Como indica Le Breton (2003), o sentimento de se sentir inconformado consigo mesmo faz com que o próprio indivíduo recorra ao seu corpo, através das marcas, como a própria escarificação, para se tornar agente transformador e proprietário do seu corpo, modificando-o para senti-lo:

A marca corporal revela uma dimensão de assinatura, sendo uma marca da subjetividade inscrita no corpo, sentido como propriedade por ser o meio encontrado para manifestar sua singularidade. Nessa perspectiva, a marca corporal é compreendida como uma “apropriação simbólica da inserção de si”. (LORENA, 2016, p. 64).

No entanto, se buscarmos as definições Le Breton, a escarificação atua como papel inverso, com o objetivo não de estabelecer propriamente a identidade, mas de um desejo de retirar algo colado no corpo, algo que enclausura o indivíduo em um sentimento inaceitável de si, da sua identidade atual. Trouxemos perspectivas de campos diferente para pensar a autoescarificação interdisciplinarmente, mas adiantamos que o modo pelo

qual Le Breton analisa o corte se aproxima muito mais da nossa proposta de pesquisa do que qualquer outra referência, o levantamento bibliográfico é essencial para que possamos construir nossa própria perspectiva de análise para traçar a trajetória de construção de si de Mar, e é exatamente neste ponto que queremos chegar, pois é onde as ações de Mar se encontram, forçando uma tentativa de fugir das pressões que o encurralam num corpo (orgânico, subjetivado e significado) que o “representa”, mas com o qual não se identifica, gerando um processo de desfazer-se de si mesmo.

A produção das suas marcas parece exercer uma função: dar sentido ao novo. Desprendendo-se do velho permeado pela angústia, os cortes são o preço a se pagar para fugir do que dói: um paradoxo em que a dor libera a dor, pois é através dela -a dor dos cortes- que ele se estabelece como sujeito sobrevivente, reestabelecendo a conexão com seu Eu.

Considerada um comportamento autoagressivo, a escarificação se torna uma opção recorrente para aqueles que se encontram em sofrimento e angústia, isso porque a ideia de inserir cortes no próprio corpo traz para o sujeito a ideia de controle, de alguém que pode puxar ou soltar as rédeas do seu corpo. Faz parte de um conjunto de técnicas de produção e governo de Si que podem ser agenciadas pelo sujeito.

Se autolesionar é a possibilidade de administrar as emoções, esse desvio simbólico tem sentido pela restauração do lugar de agente, dono de si. Contrapondo a ótica que acredita que a autoescarificação é autodestrutiva e pode ser relacionada ao suicídio, as práticas autolesivas configuram um processo de expressão de permanência da vida, da ação de forças vitais. Cortar-se é uma alternativa para assegurar a vida. É o resgate do sentido a partir de um sacrifício de dor. O que parece, aos olhos de quem está de fora, incompreensível, para o sujeito que se autolesiona se configura como um cuidado de si, uma forma de se acalantar. Nas palavras de Le Breton:

O invólucro do sofrimento é perfurado por uma agressão voltada a si mesmo, porque apenas ela é controlável. A incisão corporal é um freio para o colapso. O choque de realidade que ela introduz, a dor consentida, o sangue que corre, reconectam os fragmentos de si mesmo. Ela permite juntar seus pedaços. Ela alimenta a sensação de estar vivo e restaura os próprios limites. A incisão permite uma autorrepresentação, uma individuação que permite romper o sentimento de queda, de vertigem. A despersonalização é cortada rente ao ato (LE BRETON, 2010, p. 29).

A produção da dor fornece ao sujeito autolesionado a retomada do poder. Das vezes em que Mar se sentiu encurralado, aprisionado em um corpo que não se identificava, todas as vezes que as pressões do mundo externo reforçaram que ele era uma menina e portando deveria se portar como uma, sua pele era dilacerada, só assim ele poderia mostrar para si mesmo que aquela era sua vida e sendo sua, o controle deveria estar em suas mãos. Essa performance indica que o sentido foi dado. Mesmo que de forma inconsciente, Mar recupera a direção de tudo aquilo que o mundo tentou introjetar e controlar em sua vida. Mesmo que de forma agressiva, uma alternativa foi criada. Existem diversas formas de ser e estar no mundo, e a autoescarificação é a expressão de uma dessas formas, “eles preferem sentir no corpo uma dor que podem controlar para fazer frente a um sofrimento destruidor e sem limites, cujo controle lhes escapa” diz Lorena (2016, p. 65).

O doloroso dá lugar à crença de contemplação de um renascimento, neste caso, de um novo nascimento, onde sua melhor versão pode surgir e assim expulsar tudo aquilo que não cabe e não faz mais parte de si. Um novo sujeito é gerado, concebido através de dor e sangue. Esse processo de criação de si, que ao mesmo passo é também processo de desintegração abre o caminho para uma espécie de reconciliação com o todo, com o meio, com os pares, consigo mesmo, uma construção permanente da subjetivação operacionalizada através do sentido gerado pela prática de sobrevivência.

2.3 Desnaturalização da adolescência: uma crítica à definição da psicologia

É na adolescência que as autolesões tendem a aparecer e se colocam diante da esfera da investigação com muito mais frequência. Nesse sentido, é de total relevância contextualizar sociologicamente esse período. Podemos dizer que a adolescência se constitui pelo engajamento da construção de si, de existência e resistência às transformações recorrentes dessa fase da vida. De fato, ela é marcada também por condições biológicas e psicológicas, e nos propomos nesse trabalho a fazer pontes conectivas e multidisciplinares, principalmente com o campo da psicologia, porém daremos uma ênfase maior ao viés sociocultural

A adolescência atravessa tempo e espaço. No âmbito das sociedades humanas, ela se define de diversas maneiras, desde celebrações, ritos e cerimônias ou até mesmo de forma indiferente, sem atenção ao processo do adolescer. “Há uma dimensão da marca do corpo, do silêncio e do advento do sujeito que se torna responsável por si, perante a

autoridade” (Le Breton, p.07, 2017), não há como sair ileso, do mesmo jeito. A adolescência fornece ao indivíduo status de modificação.

O termo *adolescência* é recente. Só a partir do século XVI que “adolescência” passa a ser pensada nas sociedades modernas. De acordo com Le Breton (2017), as discussões sobre a adolescência partem, inicialmente, do campo da medicina, relacionadas à puberdade e também do campo da psicologia, já que a ideia de “crise” marca a peculiaridade desse período. Seguindo, já no século XVIII, a adolescência é fortemente vinculada às classes privilegiadas, já que a realidade das famílias operárias era inserir suas crianças no trabalho do chão da fábrica. Nessas condições, esses adolescentes, oriundos de classes subalternas não teriam tempo para mudanças ou “crises”.

No final do século XIX, com a urbanização e também com o crescimento das possibilidades de escolarização, a oportunidade de viver entre pares na mesma faixa etária aumentava e isso gerou tanto o sentimento, como a cultura da adolescência. Sobretudo na França, grande parte dos adolescentes concluíam os estudos aproximadamente com 12 anos de idade e ingressavam diretamente no mundo do trabalho, o que não permitiu a esses jovens participarem de uma moratória ao universo adulto. Os meninos eram marcados simbolicamente por uma mudança de status, já que estavam saindo da infância e fazendo parte das estruturas de trabalho que os formavam “homens”, apesar disso, não tinham os direitos dos adultos, já que o recrutamento militar poderia afastá-los de suas cidades e assim acabar com as construções referentes à juventude. Já as meninas, afastadas das possibilidades de escolarização, eram treinadas para espaço do lar, para os cuidados domésticos, servindo aos seus pais, irmãos ou maridos.

A partir do século XX, essas implicações aos adolescentes passam a ser transformadas. O engajamento da juventude urbana na Revolução Francesa e nas lutas operárias marcam não só a importância simbólica, como social dos jovens, passando a um patamar de visão no cenário social. Le Breton (2017), nos escritos sobre adolescência, mostra que a sociedade francesa a partir de uma releitura de Rousseau passa a enxergar o universo adolescente com um campo de crises, marcado pela puberdade e pelas mudanças fisiológicas. Passou-se a acreditar que esse período merecia uma atenção maior e uma proteção intensa. Nesse sentido, a educação tomou papel de destaque porque os jovens eram obrigados a estarem na escola sob tutela e coerção dos professores.

Atualmente, na cultura ocidental, não há ritos específicos que facilitem essa transição entre o deixar de ser criança e o tornar-se adulto. O próprio adolescente transfere ao corpo essa responsabilidade de demarcar essa passagem. Pode ser algo solitário e não

reconhecido socialmente, fragilmente simbolizado. A família, nesse processo, entra como aquilo que é estranho ao gosto e à identidade que vai se formando. É um período intenso de transformações, em que o adolescente deseja caminhar com seus próprios pés:

No movimento de deparar-se com os limites da existência, autoafirmar-se e romper com os grilhões da família e da infância, o adolescente vive a inquietante experiência de constituição de si sem um ponto fixo de anteparo. A família e – ou comunidade – não se encontram mais na centralidade desse processo (LE BRETON, 2017, p. 10).

O distanciamento da família é inevitável, é preciso se diferenciar. Mas não podemos deixar de tomar nota que a família contemporânea reconfigurou seus modos de existir, seu modelo de instituição não é mais o mesmo, preestabelecido, imutável e concreto, as relações simbólicas sofreram mudanças, dentro do sistema privado que é a família. Existe o compartilhamento de afetividade entre seus membros, mas, ao mesmo tempo, a precariedade faz parte da sua constituição. Os tempos mudam e com eles certezas também vão se perdendo. Os pactos familiares são reformulados constantemente gerando inconsistência e precariedade no sistema de tradições. A falta de referências leva o adolescente a uma constante e instável busca de si. De acordo com Le Breton, em algum momento da história, a família representou e foi suporte para os jovens dando amparo para as transformações do adolescente, mas hoje não é mais.

Nas últimas duas décadas, os estudos sobre a conceituação das noções de adolescência vêm crescendo, sobretudo na América Latina, não só em questões analíticas, mas também no desenvolvimento de políticas públicas e na diversidade das condições sociais em que estão inseridos os diferentes grupos de adolescentes.

Por esse ângulo, é mais pertinente pensar em *adolescências* para contemplar a pluralidade que possa apresentar essa categoria e enfatizar o caráter diversificado que ela representa, pois quando falamos sobre o tema, estamos lidando com diferentes realidades culturais, históricas e sociais. Compreender isso é pensar no caráter sociohistórico da construção da adolescência. Porém é importante ressaltar que os consideráveis avanços nas temáticas das pesquisas sobre o tema constroem um campo de perspectivas analíticas, tornando mais clara as análises, os enfoques e as estratégias para investigação nos diferentes campos, possibilitando inclusive, uma ênfase maior nas pesquisas qualitativas e nas subjetividades dos sujeitos adolescentes.

As características conceituais de adolescência, referente às construções históricas, sociais, culturais e relacionais, recorrentes dos diferentes processos e delimitações,

atravessam um ciclo de tensões sobre as noções e categorias que possam ser capazes de definir o processo dinâmico da adolescência. Se pensarmos pelo ponto de vista do desenvolvimento cognitivo e intelectual, esse período da vida é caracterizado por mudanças profundas na estrutura do pensamento. A criança passa por um processo de maturação intelectual, no qual vai abandonando a infância para inserir-se no mundo adolescente. Freitas completa:

Junto com o desenvolvimento cognitivo, começa na adolescência a configuração de um raciocínio social, sendo importantes os processos identitários individuais, coletivos e sociais, os quais contribuem na compreensão de nós mesmos, as relações interpessoais, as instituições e costumes sociais; onde o raciocínio social do adolescente se vincula com o conhecimento do eu e os outros, a aquisição das habilidades sociais, o conhecimento e a aceitação/negação dos princípios da ordem social, e com a aquisição e o desenvolvimento moral e de valor dos adolescentes. Adicionalmente, o conceito de adolescência, em uma perspectiva conceitual e aplicada, também inclui outras dimensões de caráter cultural, possíveis de evoluir de acordo com as mesmas transformações que experimentam as sociedades em relação a suas visões sobre este conjunto social (FREITAS, 2005, P.11).

Ana Bock (2004), professora do departamento de psicologia social da PUC-SP, constrói uma linha de pensamento muito pertinente para problematizar a visão naturalista acerca da noção de adolescência. Segundo a autora, a psicologia tem se esforçado para teorizar a naturalização do homem, naturalizando toda a esfera do psíquico, como se esta fosse característica inata, um dado sobre a estrutura humana, da qual nascemos com ela. Bock (2004) faz críticas a esse tipo de pensamento dentro do campo da psicologia porque desconsidera as questões sociais, culturais e históricas que envolvem o indivíduo. O sujeito nessa perspectiva não é contextualizado aos mecanismos externos que o constroem como ser social, cultural e histórico.

Para contrapor a perspectiva naturalizante da psicologia, Bock se baseia nas contribuições de Alexis Leontiev que se utiliza de uma perspectiva sócio-histórica para pensar o desenvolvimento humano. Para iniciar o debate, a autora traz duas categorias que levam o indivíduo humano ao seu desenvolvimento, que é o trabalho e a vida em sociedade. O ser humano se liberta das condições biológicas e parte para a criação, agora ele passa de ser biológico para ser sócio-histórico.

Lev Vygotski (1994) também traz contribuições nesse sentido, quando pensa o instrumento a partir do trabalho e o signo a partir do psicológico. Fazendo uma ponte de combinação entre essas duas vias, ele conclui que o ser humano foi além e que reconstruiu o interno a partir da operação do externo, o que ele chama de internalização. Essa

internalização permitiu ao ser humano ir além da condição animal e criar a humanidade. Isso só é possível porque existe o fator da internalização das atividades socialmente construídas e historicamente desenvolvidas. É nessa via que a psicologia humana se faz (Vygotski,1994, p.76).

Bock (2004) busca no pensamento de Leontiev justamente essa relação entre o humano, o biológico e o sociocultural. Porque, se o ser humano criou o humano, e isso não é passado geneticamente, mesmo sendo algo que perpassa geração em geração, de que forma essas características humanas se reproduzem? E a resposta se encontra, segundo Leontiev, na cultura material e imaterial (Leontiev, 1978, p.295). Através do trabalho, o ser humano humaniza, de maneira intencional, suas atividades. Dessa forma, cristalizamos tudo aquilo que nos difere de outros animais. Nossa capacidade racional cria e desenvolve cultura e essa nos faz capazes de internalizar disposições, mecanismos que não são herdados biologicamente, mas adquiridos, no tempo, pela cultura.

É importante compreender que esses processos de aprendizagem do indivíduo humano são atividades formadoras da “humanidade” e que mesmo se desenvolvendo de indivíduo para indivíduo de forma particular, são reproduções historicamente determinadas. Não é uma estrutura inata nem universal da condição humana, porque os processos históricos foram criações e conquistas da humanidade, e de acordo com Bock, os indivíduos humanos são candidatos a esses processos da humanidade “que está no mundo material, cristalizada nos objetos, nas palavras e nos fenômenos da vida humana” (Bock, 2004, p.31). Essa afirmação vai de encontro ao posicionamento da psicologia tradicional que acredita que a humanidade é algo natural do homem, bem como o psicológico humano. Em contraste, pensamos agora em aquisições, construídas a partir da materialidade e da força de energia utilizada nos objetos. O imaterial/psicológico humano se desenvolve juntamente com a criação do mundo material. Bock nos diz:

Estas idéias são importantes para nossas reflexões sobre a adolescência porque: primeiro, não supõem um desenvolvimento natural, do qual a adolescência é consequência; segundo, a diversidade que se apresenta como riqueza humana é construída pela humanidade por meio de sua ação transformadora sobre o mundo e, sendo assim, nada que se apresente em nosso mundo nos deve ser estranho; terceiro, se a humanidade é transmitida e apropriada pelo indivíduo a partir de seu contato com os instrumentos da cultura, fica evidente que as diferenças sociais, que implicam diferentes graus de acesso a ela, serão produtoras de diferenças no desenvolvimento psicológico dos homens (BOCK, 2004, p. 31).

Dito isso, podemos pensar a respeito da construção daquilo que entendemos por adolescência. Ela tem sido entendida, no âmbito geral do pensamento popular e também da psicologia como uma fase natural, que se apresenta ao indivíduo após a infância, a adolescência estaria no intermédio entre o infantil e o adulto. Diversos foram os esforços para caracterizar essa fase, e nesse contexto a apropriação das noções de adolescência foram se institucionalizando no seio das certezas da sociedade. A adolescência se caracterizou por crise, desenvolvimento, rebeldia, mudanças corporais, tudo isso fortemente ligado às considerações feitas pela psicologia que cuidadosamente focou seus estudos nessa definição do que é o sujeito adolescente.

Bock (2004) buscou desconstruir essa noção naturalizante da adolescência visando destacar as condições do processo social dos sujeitos que interfere diretamente no que entendemos por adolescência, já que as características colocadas por diversas vertentes do campo da psicologia referiam-se a fatores negativos e problemáticos, de ordem natural que precisavam ser superados. Além do mais “o adolescente como parceiro social é visto com desconfiança e suas ações são tomadas como imaturas. O jovem fica desvalorizado na sociedade e o mundo adulto, em seu conservadorismo, reforçado” (Bock, 2004, p.35).

Autores como Aberastury e Knobel (*apud* BOCK, 2004) influenciaram várias áreas do conhecimento com a noção de “síndrome normal da adolescência”, que via essa fase da vida quase como uma fase patológica que carregava em sua essência distúrbios, faltas, excessos e conflitos, de forma universal, desconsiderando os aspectos sociais, históricos e culturais. Posteriormente Becker e Calligaris (*apud* BOCK, 2004) desenvolveram estudos considerando os fatores socioculturais na construção do que é ser adolescente, porém tiveram pouco avanço, deixando ainda abstrato o conceito. Bock, em contraste, formula uma definição de adolescência levando em consideração os fatores sociohistóricos, construindo uma versão abrangente daquilo que pode ser entendido como adolescência:

A adolescência não é vista aqui como uma fase natural do desenvolvimento, como uma etapa natural entre a vida adulta e a infância. A adolescência é vista como uma construção social que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens. Estão associadas a ela marcas do desenvolvimento do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência como fenômeno social, mas o fato de existirem como marcas do corpo não deve fazer da adolescência um fato natural (BOCK, 2004, p.39).

Neste caso, deveríamos pensar sobre como se constitui a adolescência e não o que ela é, pois sua dinâmica deve ser interpretada por meio das relações e significações sociais que fornecem elementos para a formação do sujeito adolescente, construindo modelos a partir de referências e não apenas o mero andamento da ordem natural do corpo e mente. Para definir o que é esse processo da adolescência, devemos buscar compreender a totalidade social a partir da história e, por ela, o desenvolvimento da noção de adolescência e suas condições sociohistóricas.

A adolescência vai se construindo enquanto fenômeno social e apresentando funções psicológicas que são interpretadas a partir daquilo que os fatores sociais estabelecem por meio das ações históricas. Essa construção, primeiro social e depois psicológica, vai se institucionalizando entre as sociedades modernas ocidentais como uma possibilidade de formação da identidade social.

Adélia Clímaco (1991) sugere que entendamos o processo histórico da construção da adolescência, para depois compreender a forma como ela se coloca pra os jovens. Segundo a autora, as revoluções da sociedade moderna, em especial a industrial, proporciona novas formas de vida, dentre elas, o prolongamento dos jovens na escola para a qualificação do mercado de trabalho, já que os avanços tecnológicos cobravam isso daqueles que ofereciam mão de obra. Em contrapartida, o desemprego também os mantinha distantes do mercado de trabalho. Assim passariam mais tempo sobre a tutela dos pais e, conseqüentemente, ocupando o tempo no espaço escolar, distanciando os pais de seus filhos e aproximando um grupo social de semelhantes, os adolescentes. Bock reforça:

Podemos pensar que, a partir dessa nova situação social descrita por Clímaco, os jovens passaram a estar colocados em uma nova condição: o jovem, apesar de possuir todas as condições cognitivas, afetivas e fisiológicas para participar do mundo adulto, estava desautorizado a isso, devendo permanecer em um compasso de espera para esse ingresso; vai ficando distante do mundo do trabalho e, com isso, vai ficando distante das possibilidades de obter autonomia e condições de sustento. Vai aumentando o vínculo de dependência do adulto, apesar de já possuir todas as condições para estar na sociedade de outro modo. Essa contradição vivida pelos jovens foi responsável pelo desenvolvimento das características que refletem a nova condição social na qual se encontram. Quais características são essas? Aquelas descritas pela psicologia, mas que agora tomam um outro sentido, pois não são naturais; são construídas nas relações sociais (BOCK, 2004, p.41-42).

A noção de moratória (suspensão) cai muito bem para compreender esse processo. As condições sociais postas para os jovens gera o período conhecido como adolescência,

o qual não é necessário, no sentido biológico, mas sim uma condição posta pelo mundo adulto. A adolescência é uma invenção social do ser humano e ela determina um local de residência de significados para os jovens, seus contornos ganham desdobramentos diferentes ao longo dos anos e das civilizações, mas estes sempre com intenções e marcações sociais. A sociedade reconhece e institucionaliza esse momento, fornecendo a eles uma possibilidade identitária, “não há nada de patológico; não há nada de natural. A adolescência é social e histórica” (Bock, 2004, p.42).

CAPÍTULO 3

NARRATIVAS: ANALISANDO AS CATEGORIAS TENSIONADAS

Nos capítulos anteriores, nos dedicamos a categorização de alguns conceitos que norteiam a base dessa pesquisa e também na descrição metodológica do trabalho, evidenciando os métodos que nos trouxeram até esse momento. Corpo, afeto, estigma, adolescência e escarificação estiveram presentes na construção da pesquisa para que fosse possível mergulhar no universo de Mar. Agora, depois de tensionar interdisciplinarmente essas categorias, pensando, sobretudo, nas possibilidades de existência de Mar, uma pessoa transexual, tomaremos esse capítulo para analisar a partir dos conceitos trabalhados a produção de sentidos da autoescarificação do nosso entrevistado, estabelecendo a relação entre as categorias trabalhadas e a experiência de vida de Mar.

3.1 Afeto: ações provocadas

O afeto abrange campos interdisciplinares do saber, isso porque atravessa tanto a psicologia, a filosofia, sociologia e também a educação. Se pensarmos na necessidade sociológica de investigação nesse campo de estudos, veremos que a busca pela compreensão das emoções faz parte do processo de entendimento da relação indivíduo e sociedade, saindo da esfera macro e emergindo enquanto categoria de um campo específico, introduzindo-se numa dimensão microsociológica, proporcionando debates acerca da possibilidade da cultura e da sociedade interferir ou modular as experiências emocionais dos sujeitos, ou até mesmo produzindo um debate mais amplo entre subjetividade e processos coletivos.

Nesse sentido, pensar sobre o momento sociocultural que vivemos e a compreensão e análise da emergência do individualismo nas relações contemporâneas e relaciona-las

com as questões emocionais, nos leva a pensar, nessa pesquisa, sobre sentimentos como a dor, o prazer, felicidade, amor e também sobre sofrimentos gerados pelos meios sociais, que emergem de um conjunto de situações que geram danos nas experiências dos sujeitos. Essas expressões emocionais de sofrimento, são um subproduto de amplos processos, fruto de novos arranjos contemporâneos. Com a crescente do individualismo crises são geradas, percebidas e atribuídas aos processos pessoais de compreensão a partir e exclusivamente do indivíduo. Cabe a pesquisa uma sensibilidade a nível interdisciplinar para compreender essa privatização das emoções e do afeto.

A afetividade tem uma importância significativa na contemporaneidade, principalmente se pensarmos sobre a construção do sujeito e suas relações sociais a partir da ideia do Eu. De acordo com Stratton, o conceito de afeto tem como propósito significar a emoção, porém ele tange a algo maior e representa muito mais que isso, abrangendo uma amplitude de sentimentos, um conjunto de fenômenos psíquicos, experimentados através das emoções e externalizados de forma individual (Stratton, 1994, p.4).

Baruch de Espinosa em *Ética*, inaugura um tipo de novo paradigma para pensar os afetos que antes, num modelo cartesiano, eram vistos como paixões meramente apostas a razão, numa perspectiva mais platônica que separa o mundo inteligível do mundo sensível, Descarte, por exemplo, e outros, acreditavam que a razão traria solução para as paixões. Espinosa propõe um recorte diferente para a compreensão das nossas emoções e lança o conceito do afeto distinguindo-os entre afetos passivos e afetos ativos. O primeiro sendo de causa inadequada, e o segundo da causa adequada. Isso quer dizer que quando os afetos vêm de nós mesmo, provocados por causas internas, eles são ativos, quando a potência do afeto é determinada não por nós mesmos, mas por causas externas, por coisas que chegam até nós, o afeto resultante é passivo. Cita

Na filosofia de Espinosa não há oposição entre razão e afetos – duas expressões particulares da potência da natureza –, mas entre atividade e passividade. Como os afetos não são necessariamente paixões, a afetividade também não se constitui como uma influência perturbadora ao intelecto, como pretendia nos fazer crer a concepção cartesiana (p.14)

Mesmo quando a potência do nosso afeto vem de fora e não de nós mesmos, nós somos causa parcial desse afeto, porque se não fossemos causa de modo algum, as impressões que nos chegam não teriam nenhum eco dentro de nós e seríamos simplesmente indiferentes aos acontecimentos, ao invés do afeto passivo ser levado a agir reativamente, o sujeito será dependente de algum valor externo, não por ele ou pela sua

potência de agir, mas pela ação reativa à provocação externas. No caso do afeto ativo o que acontece é uma transformação e processamento do que chega até o indivíduo a seu favor, de uma maneira muito autêntica, ou seja, o que antes era visto como paixões, longe da racionalidade, sempre como afetos passivos, agora terá potência de ação. Espinosa classifica nessa distinção que determina se um afeto diminui ou aumenta nossa potência de agir. Nós só vivemos, pensamos e agimos a partir dos afetos.

A paixão, as emoções, o afeto, não significam um erro ou estar direcionado ao lado animalesco do homem, muito menos se contraria a razão, para Espinosa o homem pode conhecer a si próprio nas relações de modo a aumentar sua potência de agir, o homem sob a autoridade de si próprio e não do acaso, assim nossas afetações encontram em nós a causa adequada e passam a ser determinadas por nós mesmos. A razão vai ser pensada não mais como uma instância distinta dos afetos, mas como um gênero de conhecimento, um modo de condução da nossa compreensão do mundo que vai permitir que os sujeitos transformem os afetos passivos em afetos ativos. A razão em Espinosa é uma razão que não se separa mais da vida, dos afetos, da corporeidade, mas uma razão imersa no mundo sensível, existindo como uma auxiliar dos nossos afetos.

Se usarmos o exemplo da religião, para exemplificar os afetos em Espinosa, poderíamos dizer que a religião serve como meio para aumentar nossa potência de agir, servindo de conforto no momento de desespero, porém quanto menos compreendemos nossos afetos, maiores são os nossos desejos de dar a eles uma compreensão adequada, mas na busca para a compreensão dos nossos sofrimentos, muitas vezes encontramos soluções mágicas que não passam pela compreensão do afeto, agindo apenas como um paliativo. A religião serviria como essa solução mágica, enquanto conforto, uma causa externa. Mas mesmo quando ela nos reconforta ela pode ser geradora de afetos passivos, diminuindo nossa potência de agir. Esse conforto não permitirá trazer de dentro de nós uma compreensão dos afetos.

Sentimos de tristeza por exemplo, é um sentimento passivo, que pode ser desconfortável, mas se não há a compreensão do jogo passivo que gera esses sentimentos, as causas afetivas que nos deixam deprimidos. Continuar sendo algo que desvia a atenção de que o sujeito está gerando afetos passivos. Pode não chamar atenção para aquilo que me deixou triste, a compreensão disso, para que eu fosse causa e efeito. Quando não há uma elaboração psíquica sobre os afetos, não há compreensão, e não é possível recriar a si mesmo.

Winnicott trabalha com a categoria de defesa psíquica que o indivíduo trabalha a

defesa da realidade interna, uma fuga em direção a realidade externa, fugindo da realidade interna, as dificuldades e angústias eu me protejo me sentindo bem, não entendeu ainda que é possível recriar o seu próprio mundo através dos afetos ativos. Associa a sofrimento coletivo e busco na realidade externa um serviço positivo, mas que pode ser melhor compreendido. Criar a si próprio

Deleuze (1997, p.47) afirma “um corpo se define pelos afectos de que é capaz”. O conceito de afectos é diferente de afeto. Podemos dizer que os afetos são sentimentos, direcionados ao espírito que indica uma transição de um estado para outro, já as afecções são relacionadas ao corpo e estão conectadas a ideia de um encontro entre corpos, são signos que um corpo pode deixar no outro. Para Deleuze os afetos podem ser um tipo de afecção, mas não se restringem a elas.

Os fatos serão sempre transições que se realizam na afirmação da realidade como potência de existência. O afeto é a afirmação de uma perfeição maior ou menor, sendo uma porção da realidade presente no nosso corpo. Nesse caso, o espírito sofre um tipo de afirmação inconsciente da realidade. O afeto só existe na transição enquanto afecção a partir do corpo, na força de existir que é percebida no espírito. Múltiplos, confusos, complicados, e irreduzíveis, os afetos são uma variação em nós, dependente de uma realidade que está direcionada a diminuição ou aumento da capacidade de agir e da potência de existência. Assim, eles são das mais diversas naturezas, tristes, alegres, prazerosos ou doloridos, mas com a possibilidade de aumentar ou diminuir a força de existir.

Se o afeto possui essa predominância irreduzível em relação às ideias, é porque esses são conectados com as mudanças de estados corporais. O afeto é a menor afetação entre um corpo e outro, não sendo absoluto, nem definido por si mesmo, mas uma passagem de experimentação. O afeto, segundo Deleuze, é envolvido pela afecção, mas é outra coisa. Nesse sentido, os corpos são afetados nos encontros, por afecções no corpo e afetos no espírito.

Os corpos são afetados uns pelos outros a partir do encontro (afecções no corpo, afetos no espírito). É o primeiro conhecimento, a forma como os corpos se conhece. Podemos dizer que o afeto é uma transição de um estado a outro e a afecção é o próprio signo em efeito sob a presença de outro corpo, “a afecção é a afirmação de um corpo sobre o outro e também efeito que um corpo produz sobre outro” (Yonezawa, 2015, p. 189). A afecção não diz respeito as singularidades do corpo que afeta, mas por questões duplas como explicação-compreensão:

Logo, uma paixão pode ser expressiva, quando ela desenvolve, explica e implica o corpo, ao mesmo tempo, que este a envolve, compreende, co(i)mplicando-a. Mas a afecção é a maneira pela qual um corpo se dá conta de outro sem compreendê-lo; é como um corpo é marcado por outro, mas não é coisa que pertença como singularidade, nem de um corpo e nem de outro. Uma afecção é apenas um estado corporal, mas não a singularidade desse corpo. (YONEZAWA, 2015, p. 189)

Um corpo conhece outro corpo através das suas afecções, a partir daquilo que marcou. No corpo a força da ideia é ativada a partir da afecção, nesse sentido a ideia é inadequada pois não diz respeito as singularidades dos corpos. A afecção é uma fração compartilhada dos corpos, mas não o corpo afectado ou afectante em sua multiplicidade. Quando os corpos se encontram afecções são seguidamente produzidas, isso quer dizer que ideias surgem sucessivamente. É nessas ideias que o afeto se envolve. Segundo Deleuze, o pensamento só pensa pela força da violência que o faz pensar, dito isso a afecção como estado do corpo é uma inadequação.

3.2 Corpo, transitividade e devir

*“O corpo a gente transforma.
A alma a gente liberta.”* Marcela Albuquerque

O corpo é dispositivo de conexão com os sentidos, é uma máquina efetiva de criação política, para além das condições biológicas e físicas, o corpo humano perpassa por diferentes campos, seja ele social, filosófico, antropológico ou comunicacional, ele -o corpo- interage e se constrói no mundo como ferramenta da subjetividade, uma plataforma ampla que agênciava o agir pulsando a existência.

Como já discutido em seções anteriores, Deleuze e Guattari (), trabalham a noção de corpo sem órgãos, o corpo da experimentação, da criação, do desejo, atravessado pelas intensidades, que luta contra o organismo e se reinventa nas possibilidades do devir. Essa noção é muito bem vinda na construção desse trabalho, porque dá sentido a compreensão dos agenciamentos de Mar e a produção do seu corpo que transgride a expectativa social e desvia das estruturas orgânicas.

Mar é um garoto trans, que iniciou sua transição na adolescência, com uma família conservadora, numa cidade de interior. Existem várias angústias por trás desse processo, mas pelo que podemos identificar e pela própria fala de Mar, a maior de todas foi se sentir

preso em um corpo que não representava sua identidade. A partir dessa tomada de consciência, de sentir que aquele corpo não o representava por completo, Mar quebrou todas as barreiras que impediam sua existência de florescer e iniciou o processo de recriação de si, dando novos significados a potência de existir, produzindo sentidos novos no seu corpo, criando na transitividade sua identidade e se apresentando como homem.

Corpos são enquadrados em normalidades estabelecidas através de padrões comportamentais, se tornando um lugar de significados. Quando nascemos escolhem nossos nomes, e forçam uma identidade heteronormativa as nossas vidas. As expectativas em torno do sexo biológico e da performance do gênero, gritam a espera de uma concretização, forçando uma identidade, estabelecendo seus passos, seus gostos, sua sexualidade, seu gênero, limitando a existência, prescrevendo papéis sociais. Observemos sua fala em relação ao processo de reconhecimento de si e suas preocupações sobre ser um garoto trans:

Acho que todo homem trans, passa por uma pressão psicológica gigantesca acompanhadas de uma ansiedade gigantesca ou até mesmo depressão. eu comecei a ir me descobrindo e me aceitando no início de 2018, primeiramente me reconheci uma mulher cis lésbica né (a maioria da vivência trans se dá início por isso). Com isso, sempre passei por alguns momentos nos quais me atraía por mulheres, sendo que eu sempre achava isso uma loucura né. Mas eu fui entrando em uma grande descoberta tanto da orientação quanto minha identidade. Então eu fui pesquisando mais sobre vivências trans, teve também o fato da novela de Ivan né (ressaltar aqui a importância da representatividade) e assim fui abrindo mais minha cabeça para minhas diferenças. Meu processo de descoberta foi bem precoce em relação ao lesbianismo e transexualidade, pelo fato mesmo de tentar ter alguma relação com homens e nunca ter conseguido e isso me maltratava bastante (assim mesmo funcionava com garotas). Quando eu me dei por lésbica, eu não conseguia de forma alguma passar para ato sexual, daí vi que o meu grande problema estava na maneira em que eu não me via uma mulher cis e sim como homem trans. Então cortei meu cabelo, fui renovando guarda roupa e tem sido um processo extremamente confortável e ao mesmo tempo difícil, pois como já citei, todo processo de transição tem toda uma pressão psicológica. a ansiedade do dia de cirurgia, de como sua família vai aceitar, de como a sociedade vai te incluir, e não é fácil, até porque somos o país que mais mata trans e travestis no mundo e isso é algo gravíssimo, tememos muito por nossos corpos, coisa que muitos não respeitam e marginalizam! Já presenciei diversas cenas de olhares, até mesmo agressão verbal na qual dói bastante. Acredito que muita coisa na visão da sociedade deve ser corrigida, principalmente familiares de pessoas trans e travestis, pois temos grandes dados dessas pessoas em estado de rua, prostituição. Enfim, o abandono familiar para essas pessoas é bastante triste, mas uma grande realidade.

Pessoas transgêneros são aquelas que não se não se identificam com o gênero que

é atribuído a sua genitália de nascimento. O conflito entre sexo biológico e gênero é inevitável nesses casos e o indivíduo experimenta os dissabores da não identificação para com a expectativa social, além das tensões subjetivas que essa tomada de consciência pode gerar.

Quando Mar tomou conta de que não era uma garota lésbica, que seu corpo com características femininas não representava sua identidade, ela se viu como um garoto trans e deu início a transição, mudando as vestes, o cabelo e o pronome de tratamento. Desde o começo Mar tinha noção de que a transição seria difícil e aponta suas preocupações de forma muito coerente e contextualizada, expressando o temor de ser um garoto trans num país extremamente transfóbico e principalmente as reações familiares em relação a sua transição e também o temor porque o seu corpo seria, a partir dali, um alvo que estaria na mira daqueles que não conseguem aceitar a possibilidade do desvio do orgânico, para além da violência física, a hostilidade e estigmatização social que gera traumas emocionais, porém mesmo diante do temor, Mar enfrentou essas questões para assumir um corpo, uma identidade, um pronome que de fato lhe representa.

Judith Butler (1990) vai trabalhar com o conceito de *undoing gender* para elucidar que gênero não diz respeito a uma essência dada para que fosse vivida pelos sujeitos, mas vê o gênero como uma contínua produção de performances que podem ou não transgredir os padrões dualistas. *Undoing gender* é criado justamente para que possamos refletir sobre todos os riscos que correm os sujeitos que rompem com os padrões. Butler traz uma forte reflexão para pensarmos sobre as condições de vida dessas pessoas que desconstruem o gênero e nessa desconstrução passam a não serem mais reconhecidos como humanos e diante disso estarem em constante exposição a violência. O corpo carrega nossas marcas identitárias, é o lugar onde se projeta as diversidades e as incisões subversivas do gênero. Pensar um corpo trans é enxergar a performatividade da construção do gênero, que anuncia seu caráter de construção em trânsito, resistindo diariamente aos regimes dominantes do combo gênero-sexualidade.

Pensar o corpo e a experiência trans é refletir também sobre o devir, esse que está na ordem do desejo, da criação, da transitividade dos corpos. Segundo Deleuze e Guattari:

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e

através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p.67).

Nesse sentido, podemos dizer que o devir tem relação com uma multiplicidade de funções da existência, um processo de construção de possibilidades de formação, criando territórios subjetivos, plurais. Ele se encontra como ponto inicial para a criação, provocando o diferente das representações padronizadas, revolucionando a existência. O devir é uma potência revolucionária que, neste caso, desprende-se daquilo que repreende o corpo e aproxima-se daquilo que subverte os papéis de gênero instigados pela expectativa social, deslocando poderes dominantes, rompendo com a ordem. Assim, podemos pensar o corpo trans como um operador de forças em trânsito, emergindo do movimento, da criação, possibilitando o novo. Por isso a cartografia é uma aliada, pois embarcamos numa análise que permeia os atravessamentos dos corpos, imergindo na memória e na experiência, elevando o corpo a nossa compreensão.

Atravessado pelos processos de subjetivação, se deslocando nas emergências da existência, o corpo trans produz efeitos na composição e dinâmica da sua vida, sentindo a transitividade na pele, “trata-se muito mais de um devir outro, trata-se de uma etapa de tornar-se diferente daquilo que o corpo social repressivo nos destinou” (Guattari, 1985, p. 43). A criação do corpo trans é um processo inventivo, cuja força motora está ligada a subversão das ações corporais binárias de gênero, insurgindo a possibilidade:

Lidando com o corpo como uma superfície de criação para o preenchimento, acoplamento e saídas, maquiagens e indumentárias são acionadas para criar uma segunda face para o corpo-organismo, face essa onde investimentos são organizados. Este corpo não cessa de dizer: estou aqui e não sou isso; mas, ao mesmo tempo, não cessa de retrair por sobre si o rasgo intuitivo: eu sou mais que isso. (NEVES; LACAVA, 2020, p.13).

O devir trans aspira produzir no corpo desejanste o gênero ao qual se identifica que competem a uma gama de movimentos performáticos que entram em conflito com seu sexo orgânico. O sujeito trans suscita um processo de intervenção e transformação no corpo, no intuito de alcançar seu desejo no que diz respeito a construção do gênero e as alterações corporais:

A história do corpo não pode ser separada ou deslocada dos dispositivos de construção do biopoder. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo vivo da história do processo de produção reprodução sexual” (BENTO, 2006 p.87).

O ato transgressor do devir trans, possibilita uma desconstrução para a construção, elevando o corpo a potência dessa transitividade entre um e outro. A medida em que os elementos se incorporam, o corpo em potência se cria, culminando no resultado do desejo, do ser, da identificação, da performance, agregando significados antes proibidos, agora libertos.

Para Foucault, na modernidade as identidades são produtos de regimes históricos de disciplina que fazem efeito de forma moldante, na nossa subjetividade, definindo quem somos, a partir da ideia de normal e anormal. A identidade acaba ligada a processos de classificação normalizantes, onde o indivíduo se constitui a partir de modelos coercitivos. Com as inúmeras mudanças sociais, culturais e históricas de acesso a novas dinâmicas, o conceito de identidade toma uma proporção mais significativa e assim os caminhos para a discussão sobre a singularidade dos sujeitos são abertos.

Se pensarmos na ideia de identidade múltiplas, podemos pensar mais afundo nos espaços que se abriram para que performances que não se encaixavam na norma possam existir nas relações. A teoria Queer é um exemplo desse espaço para se pensar novas performances que fogem da heteronormatividade, pois tenta justamente expor os limites do binarismo homem-mulher entendendo que as categorias de gênero e sexo são fluidas e muita das vezes insuficientes para abarcar a multiplicidade das identidades.

A teoria Queer busca desconstruir o discurso que dita e categoriza as pessoas entre normal e não normal dentro dos processos de reconhecimento identitário a partir do gênero. Esses discursos dirigem os corpos a se sujeitarem a comportamentos disciplinares, sustentando o binário homem-mulher a partir de um poder que impõe essa atuação. Foucault entende esses discursos como práticas históricas e contingentes, mas que não possuem um teor intocável, a identidade pode ser passível de ruptura.

Butler também desempenha papel importante no que diz respeito a desconstrução dessa relação de dependência entre sexo e gênero, sugerindo, inclusive, a separação entre corpo sexuado e gênero construído socialmente, mesmo o sexo não sendo também, na sua perspectiva, totalmente biológico, já que para a autora ele também se opera como flutuante possibilitando outras formas de significação que podem ser construídos socialmente. Nessa perspectiva, Butler vai afirmar que a identidade de gênero se faz a partir atos corporais performativos e linguísticos que se encontraram em um processo de construção e reconstrução constante da identidade.

A identidade é uma prática, mas ela deve ser encontrada dentro de um sistema cultural que tem clareza sobre os efeitos do discurso normativo sobre os indivíduos. A

identidade é governada por estruturas que compõem uma matriz heteronormativa compulsória, o sujeito está cercado pelas regras dessa matriz que se reproduz. A subversão se torna possível através da contestação dos binarismos, produzindo possibilidades alternativas. Para Butler, a ideia normatizada de que existe uma concepção original do gênero é constantemente desviada nas práticas culturais produzidas por travestis, *drags*, lésbicas femininas, isso porque a performance é o motor que desnaturaliza o sexo e o gênero, entendendo essa performance como uma prática que produz efeitos constantes.

A performance rompe com as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade tornando possível a resignificação através da subversão dos modos binários. A performance proporciona a relação entre corpo e linguagem, não há dicotomia, mas conexão. O que é dito, por quem e como é dito, contribui para o processo de subversão corporal da norma. De acordo com Rojas:

O corpo treina, modifica-se e compromete-se com a prática contínua, buscando excelência em todo este processo, desafiando os ideais de gênero. A experiência, a experimentação, é o que dá sustentação às atividades práticas, e estas atividades envolvem um conhecimento tácito, um “saber como” prático e corporificado (ROJAS, 2005, p.38).

Nesse sentido, podemos dizer que a construção do corpo performativo e da identidade trans se faz na relação das práticas discursivas e dos processos que criam a subjetividade, gerando espaços de conflitos e também de construção de subjetividades, sendo assim a noção identidade refere-se principalmente ao processo de recriação daquele que inicialmente existia em outra forma. É importante pensar a identidade nesse contexto de confronto onde o desejo dos sujeitos se choca com poderes dominantes.

Aceitar que a construção da identidade é um processo de confrontação, implica dizer que existe uma experiência subalternizada, que está envolvida por opressões e modelos padronizantes. Admitir isso é admitir que há possibilidades de que grupos subalternos tenham vergonha de si mesmos, decorrente da "interiorização ou a eliminação dos traços que evidenciam as diferenças" (Reis, 2019, p.96). A cultura sempre mapeará o gênero nos corpos, fornecendo rótulos e categorias enquadrantes sobre gênero, afeto, sexo, performance. O corpo aparece como representante máximo da identidade, é a primeira referência, ele é evidente por si mesmo.

Destacar o poder enquadrante das estruturas sociais se faz necessário para compreender que as performances podem ser repetidas e reproduzir o padrão dominante

consecutivamente mesmo quando tenta-se subverter o gênero, isso porque as noções de feminilidade e masculinidade, mesmo nos corpos desviantes que não se identificam entre sexo e gênero, há forças externas que corroboram para isso, instigando o sentimento de não pertencimento, caso fisicamente não se pareça com o binário feminino-masculino. Isso marca um tópico da nossa discussão, que retrata o estigma que carrega um corpo trans e essa necessidade, menos que desviante, de enquadramento. Mas por outro lado, os que não se enquadram no discurso hegemônico e são apontados como desviantes e abjetos, são corpos desejanter e incorretos que desestabilizam o discurso normalizante e se constroem no ato performativo de ser em contraste.

Em devir se encontram os corpos trans e se reinventam ressignificando a existência, tornando possível suas identidades, num processo decolonial. A transexualidade é transitiva e transformadora, é um processo que ao mesmo tempo desforma (saindo do padrão pré-estabelecido) ele também forma (criando sua própria identidade de acordo com seu desejo e pulsão), o sujeito trans agencia sua potência de performance através da ação da criação, dando ao corpo uma nova significação. Essa elaboração de si, que parte do subjetivo para o corporal, experimenta através da potência do desejo um processo criativo de reinvenção, num percurso que desencadeia uma corporeidade que de fato representa o sujeito trans na sua singularidade. Esse corpo transitivo, que se desprende das amarras, sincroniza-se com a subjetividade e no cuidado da criação emerge dando forma e vida a sua identidade.

É nessa perspectiva que Mar se apresenta, como alguém que se viu em um corpo que não representava quem ele realmente se sentia e não se sentindo confortável, além de angustiado pelo conflito que o desconforto entre sexo e gênero gerou, e as expectativas sociais e principalmente familiares sobre seu dever enquanto garota cis e impactado pela disforia em relação ao corpo, Mar utilizou os cortes como uma ferramenta de alívio da dor. A autolesão como ele mesmo relatou teve início a partir do momento em que não se viu mais como uma garota, e o peso da não identidade corporal levou Mar a criar um mecanismo que pudesse amenizar o impacto dessa situação. O corte se apresentou para ele como um aliado que em um diálogo paradoxo a dor minimizava a dor. O ato autolesivo significou a passagem para a criação de uma nova identidade, uma identidade que finalmente pudesse representar a plenitude entre subjetividade e corpo. Esse corpo desejanter, potente, um corpo em devir, acionou a possibilidade do enfrentamento, da coragem, do afeto de ser e sentir como um homem, um homem que emergiu na transitividade e hoje vivencia esse processo criativo.

3.3 Duplamente estigmatizado

Mar é um garoto trans que se autolesiona. O peso dessas características o aprisiona num estigma social que o marca evidenciando que ele não cumpre com as expectativas, principalmente as relacionadas ao seu corpo.

Existem diversos recursos que auxiliam a pessoa trans na constituição da sua imagem, a imagem que representa o gênero a qual se identifica, esses recursos ajudam a integrar corpo e identidade no seu desejo de criação do Eu. Mar fala sobre o início processo, quando mudou as vestimentas, cortou o cabelo. São processos facilitadores, mas que suscita desafios sociais.

O conceito de identidade do eu de Goffman (1998) diz muito sobre isso, a identidade é a percepção do indivíduo sobre ele mesmo, a partir de como o outro o percebe e espera as ações. Nesse sentido, o estigma se apresenta como um conceito capaz de ilustrar situações vividas por aqueles que não conseguem a aceitação plena social, que são excluídos e afastados, pelo fato de não pertencer ao grupo da normalidade.

Os sujeitos trans são estigmatizados por não se adequarem ao sistema de normas ditadas pela sociedade, em que definem o indivíduo, seu gênero, pelo sexo de nascimento. A forma que esses sujeitos encontram para minimizar a violência do estigma é performando e adequando seu corpo no intuito de conciliar a percepção que tem de si, enquanto gênero para que o outro possa enxerga-lo dessa maneira e assim ser aceito socialmente, é um caminho de aceitação existencial e social, dar corpo a essa identidade que tem de si, mesmo que para isso a dor esteja presente, numa mistura de prazer e dor, o corpo se faz, o gênero se cria. Mar diz:

Com relação a minha vivência, eu me retraí bastante desde 2018 para cá, tanto pela questão da disforia com o meu corpo, quanto também pela aceitação familiar não ser algo tão fácil. por falas agressivas já ditas para mim, enfim por uma pressão gigante que venho vivendo desde a minha aceitação. com isso, tem sido tempos de descobertas comigo mesmo e isso eu acho incrível e que tenho certeza que muitas pessoas trans sentem o mesmo. um conforto em quebrar padrões (padrões esses que muitos lgbs incluem), conforto em me aceitar e em saber que a transição vem acontecendo em mim de forma tão rápida e linda.

As modificações no corpo se tornam uma questão importante no debate sobre a transexualidade, porque é através dela que indivíduos trans buscam atributos para caracterizar seu gênero, facilitando e favorecendo o senso da identidade do eu. É nesse

caminho que materializam suas pulsões, seus desejos, atravessam uma série de questões que levam ao sofrimento emocional, Mar toca no assunto, sobre a pressão desse processo, pois a vulnerabilidade corre lado a lado no enfrentamento dos estigmas. Silva e Ciqueira completam:

O enfrentamento da estereotipia de gênero, do estigma e do preconceito da condição de sujeito desviante em relação à sua sexualidade, além da falta de suporte e amparo social por parte da maioria dos grupos aos quais estes indivíduos integram. Diante de tais fatores, estes sujeitos seriam consequentemente considerados “anormais”, o que leva a uma repercussão negativa na identidade deste grupo, pois muitos(as) querem ser reconhecidos(as) enquanto mulheres (no caso de trans femininas) ou como homens (nos casos de trans masculinos) (SILVA; CIQUEIRA, 2014, p.35).

A relação entre identidade e gênero não diz respeito apenas a individualidade de cada um, mas ela se estende para a necessidade do reconhecimento e pertencimento social. Com o objetivo de serem aceitos, a pessoa trans inicia um processo de modificação corporal, demonstrando socialmente a decisão de transformação, que gera preconceito por estar se desviando da norma convencional. Mar desabafa:

Me distanciei bastante da minha família justamente pelo fato de me olharem e tratarem de forma diferente, apesar de saber que tudo tem um processo, mas não aceito discursos dos quais ferem a minha existência. então, minha questão familiar é um pouco complicado, porém é algo que nunca e nem jamais, impedirá de ser o que eu sou.

Aqueles que não se adequam às normas de comportamento da estrutural social são facilmente marginalizados e desclassificados, o estigma acompanha a pessoa que apresenta sinais e características desviantes. A população trans sofre esse estigma, por não cumprir com as expectativas sociais. O corpo trans é visto ainda como uma abominação social, quando pensamos nas diferenciações de estigma proposto por Goffman, o corpo trans gera desconforto, repúdio, desperta uma sorte de preconceitos nos ditos normais, o corpo trans é visto como imoral, ferindo os paradigmas da aceitação.

A característica central da situação de vida, do indivíduo estigmatizado pode, agora, ser explicada. É uma questão do que é com frequência, embora vagamente, chamado de “aceitação”. Aqueles que têm relações com ele não conseguem lhe dar o respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua identidade social os haviam levado a prever e que ele havia previsto receber; ele faz eco a essa negativa descobrindo que alguns de seus atributos a garantem (GOFFMAN, 1988, p. 11).

Mar relata em várias passagens o quanto a discriminação em relação ao seu processo de transição causa desconforto e afastamento afetivo da família e do mundo social. Ao performar para o mundo que ela não é ela, mas sim ele, o julgamento social recai sobre ele e torna ainda mais doloroso o processo. É fato, inegável, que nossa sociedade demoniza e violenta a pessoa trans. Segundo dados da ANTRA-Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2020), o Brasil é pela décima vez consecutiva o país que mais mata transexuais no mundo, enquanto a expectativa de vida da média nacional é de mais de setenta e seis anos, a expectativa de vida de pessoas trans é de trinta e cinco anos, em 2020 cento e setenta e cinco trans e travestis foram mortos, e a região nordeste concentra maior parte dessa violência. Além da violência moral e física a invisibilidade e apagamento social invalidam a existência trans, já que 90% encontram sua única fonte de renda na prostituição devido a falta de oportunidade no mercado de trabalho.

Hoje, na era da informação, Mar tem acesso a todos esses dados, diariamente pessoas trans são estigmatizadas e violentadas e apesar da pouca idade, Mar sabe que essa é uma possibilidade existindo enquanto pessoa trans. Mas isso não o impede de ver com bons olhos o processo de criação de si, enxergando para além das dores, visionando um futuro enquanto homem trans, encarando a noção de devir criando um corpo que desvia de toda expectativa, um corpo que foge daquilo que foi determinado pelo orgânico

Ser trans já é uma marca que socialmente carrega o peso do estigma, Mar é um garoto que carrega duas marcas. Além de todo processo em relação as transformações corporais, Mar ainda enfrenta a autoescarificação. Como já tratado nas seções anteriores, existe um discurso bastante legitimado de é necessário de que é preciso cuidar do corpo e preservar a vida. Se autolesionar, inserir na própria pele cortes que causam dor, infringindo o corpo através de atos cortantes, provoca mais uma quebra de contrato entre as normas regularizadoras da sociedade. A autolesão fere o lema da preservação à vida, porque para quem está de fora o corte se apresenta como um ato negativo que pretende reduzir a vitalidade do indivíduo, mas o percurso dessa pesquisa nos mostrou que o que acontece na verdade é um ato de resistência.

Mar não tem o objetivo de atentar contra sua vida, apesar de toda a angústia que as situações familiares, sociais e subjetivas provocam, ele deixa claro que gosta de viver, e o corte possibilita um paradoxo que se não nos desprendermos do nosso senso de “preservação à vida” não entenderemos o sentido das ações cortantes. Mais a frente discutiremos sobre esses sentidos. O que vale ressaltar nesse momento é esse caráter duplamente estigmatizante que ele carrega, pois seu gênero não corresponde ao sexo que

biologicamente lhe foi designado, o que gera conflito entre subjetividade, corpo e estruturas externas, levando-o ao agenciamento da resignificação do seu papel social, que rompe com uma série de expectativas, promovendo esse sentimento de frustração social, que verbera atitudes discriminatórias, adicionado ao agravante da autolesão que parecem extrapolar o limite do corpo gerando outro tipo de frustração social, a frustração referente as infrações corporais.

3.4 O que dizem as marcas?

Não se reconhecer em uma pele que o prende em uma identidade e provoca a angústia do sujeito enclausurado em um corpo e um gênero não aprovado. Embalado pela aflição de um corpo não desejante, a autolesão se apresenta, frente ao turbilhão de sentimentos que envolve o sujeito adolescente, como uma oportunidade de iniciar um processo de renovação. Batendo de frente com o mundo, o corte surge de maneira quase heroica, ele é o controle, o poder e a criação. Ele contém a dor de uma dor. Esse desvio simbólico representa a tomada de poder, como se quem praticasse a autolesão deixasse claro “eu estou no controle”. De acordo com Le Breton:

A pele envolve o corpo, os próprios limites, estabelece a fronteira entre o dentro e o fora de maneira vívida, porosa, pois ela também é uma abertura para o mundo, uma memória viva. É um termômetro do gosto pela vida. Ela envolve e incorpora a pessoa distinguindo-a dos demais. (LE BRETON, 200, p.)

Quando a pele não está de acordo com o desejo da subjetividade e aprisiona a verdadeira identidade da qual o sujeito deseja pertencer a lesão se instaura no corpo como mecanismo não só de recriação, mas de refúgio. É ali que o sujeito pode expressar dor, angústia, insatisfação e introduzir a dinâmica da criação de si, através do corte. Segundo Le Breton a pele exerce a função de amortecer as tensões, ela se permite ser a fronteira entre o externo e o interno e permite o indivíduo sentir os limites e autorizar os significados da existência. Ele completa dizendo que a relação de cada indivíduo com o mundo depende da solidez ou não da pele, ou seja, a forma como lidamos com esse amortecedor de tensões que nos permite avaliar os significados do mundo, dirá sobre nossa existência.

O corte pode ser uma forma de reorganização, a possibilidade de uma nova pele que vista melhor o sujeito, porque o sentimento de estar em um corpo que é seu, mas que

não representa você provoca a sensação de fracasso e a necessidade de subversão, de rebeldia de enfrentamento para criar possibilidades de incorporação do seu próprio eu, o corte é menos dolorido que se sentir errado e talvez no escuro sem dizer de fato quem é.

A passagem do adolescente, que saiu da infância e agora se encaminha pra vida adulta culmina numa metamorfose que provoca estranhamentos e as dúvidas sobre identidade, corpo, sexualidade parecem dilacerar o jovem que está em busca do encontro consigo mesmo. O abismo desse sentimento, de busca constante por identificação do eu é desconfortante, desestabiliza e no corpo recai a tentativa do encontro. O corpo precisa anunciar para o mundo que a identidade está sendo construída.

Para Le Breton, os ataques ao corpo são sobretudo um ataque contra os significados, é isso que Mar denuncia na sua prática autolesiva, que esse corpo a qual nasceu não pode representar quem ele é, esse corpo é insuficiente, e insuportável de ser aceito, porque não há vestígios de representação, a dilaceração da pele mostra a tentativa de ressignificar sua existência, é um ato que diz que ele não ficará no escuro por muito tempo, um novo corpo ressurgirá e o limite da pele não impedirá que isso aconteça, nem os embaraços da adolescência, nem a discriminação social.

O corpo se torna o alvo porque ele é e se apresenta para o mundo, a visibilidade se encontra na instância do corpo-pele, e por isso alterar, redesenhar e manipular o corpo-pele se torna uma ação imediata, porque ele é o cartão de visita para o mundo. A alteração do corpo consiste não só em alterar sua própria relação consigo mesmo, mas também a relação com o outro, com o mundo. O corpo-pele é um refúgio para o adolescente que não quer mergulhar na escuridão da impotência e diante disso ele precisa se impor, tonar ativo os desejos da subjetividade para que não padeça, porque na realidade, o corpo-pele é o meio para a recuperação do controle, é a resistência através da dilaceração, é sobrevivência no ato de ferir-se.

No quesito da automutilação, acho que era uma forma de descontar todo sofrimento e angústia dentro de mim. Era mais comum nos tempos em que eu não me aceitava. por recordar de momentos na minha infância, no qual me fazia sentir o que eu sou hoje e isso eu não podia aceitar, pois eu tinha um padrão a ser seguido. Os efeitos eram dolorosos, angustiantes, mas também me tirava um certo peso. Minha disforia não ajudava e eu via isso como um refúgio, meu corpo rasgado e queimado marcam o início de toda aceitação.

A autoescarificação está totalmente atrelada com o processo identitário de Mar e isso se confirma quando ele diz “meu corpo rasgado e queimado marcam o início de toda transição”. O corte é a própria externalização da dor e não importa para Mar se doía,

porque o que vinha de dentro era muito mais devastador. A dor da não aceitação era tamanha que a única forma de cura-la ou ao menos ameniza-la era ferindo o corpo, infligindo a pele, refugiando-se de todo o caos externo de um mundo intolerante.

Os incômodos internos são postos para fora, não pela fala, mas pelo ato cortante que externaliza as angústias na tentativa de organizar e entender esses sentimentos. As palavras não são capazes de explicar, de dar conta do que Mar sente, é por isso que seu corpo fala, sua pele grita e nos cortes ele encontra escuta. Quando as palavras não conseguem cumprir o papel da comunicação, a exteriorização do conflito interior reflete no ato do corte para que então, o corpo fale sobre aquilo que a linguagem verbal falhou em anunciar. O corte não só fala, mas grita, silenciosamente, emitindo um som visual, a impotência da comunicação eleva o corpo ao lugar de ação, ele está incumbido de comunicar a todos que algo não só não está certo, como também de que o sujeito, exercendo papel de agente de sua própria vida, criador de sua própria identidade, corpo e subjetividade, irá agora reivindicar sua própria forma, a forma escolhida pela sua potência desejante. É como se ele estivesse silenciosamente e simbolicamente dizendo “não aceito essa forma, construirei a minha própria”, mas esse silencioso simbólico é agressivo, causa marcas, físicas e mentais. Um adolescente reelaborando seu próprio eu, enfrentando a si e ao mundo. Diz Le Breton

Os atentados à integridade corporal, em princípio, em nada dizem respeito à hipótese de morrer. As incisões, as escarificações, as queimaduras, as agulhadas, os cortes, os esfolamentos, as inserções de objetos sob a pele não são um indício de uma vontade de se destruir ou de morrer. Não são tentativas de suicídio, mas tentativas de viver. (LE BRETON, p.28)

Como já mencionado anteriormente, o corte é vida para Mar, por mais que haja uma resistência social de enxergar a prática autolesiva como um meio para sobrevivência, o corte se apresenta como uma forma de continuar existindo e sobretudo resistindo às formas enquadrantes que o mundo social lhe impôs e pra continuar dia a pós dia, a saída é via corte, isso porque é através dele e da criação de si que Mar pode se permitir ser e traçar seu próprio caminho a partir do gênero e do corpo que se identifica, então ele encontra no corpo estranhado o refúgio e trilha nele e para ele um novo sentido, restaurando sua potência de vida, assumindo o controle. Ao contrário do que podemos imaginar, por mais que a autoescarificação seja agressiva, ela não é uma tentativa de

morte, mas de vida, de renascimento, possibilitando recomeços, permitindo que uma nova pele se faça e com ela uma nova vida. Essa conduta, por mais arriscada que pareça, é uma tentativa de recuperação do poder sobre si, do compromisso de Mar consigo mesmo, de se refazer, se recriar a partir do novo.

Se o ato do corte é a tradução do desejo de ser, o corpo através do corte é cura, mas ele é cura depois de provocar dor, porque esse corpo também provoca estranhamentos, sentimentos não desejantes. Toda a significação por trás do corte de Mar, recai na internalização, que foi desconstruída, de um papel social que desde a infância não era aceito. As falas de Mar proporcionam esse duro entendimento de uma infância marcada pela solidão de uma criança que não conseguia conexão com a família e consigo mesmo. Esse corpo que transgride explodindo os afetos, desestruturando expectativas, reivindicando reconhecimento, provocando a aceitação, é de recorrente de um longo processo de formação de estratégias de resistência. Mar produz cura no corte e vida na transição. O poder simbólico do corte representa mais que tudo a tomada de consciência pelo corpo desejado, pelo gênero que o identifica, pela vida não vivida que ele quer viver. O sangue é a substância de vida e a substância de morte (Le Breton, 2010, p.30), mas nesse território existencial, ele é a mais pura substância da vida, expurgando o afeto que sufoca, a palavra não dita, a ação não executada. Após drenar o desconfortável incômodo de não ser (ele mesmo), é gerado, na transitividade do devir, o corpo desejado. Mar é claro sobre o corte ser um escape para a própria não aceitação, que a prática autolesiva tem início a partir do momento que ele se enxerga como homem trans e só então a transição começa. O corte marca a produção do ser, de Mar, inundando a potência do desejo, na prática da construção do corpo que diverge e que transgride os enquadramentos sociais.

O corte estabelece a reconexão, um processo de integração de si com o corpo, subjetividade e corpo em sintonia, funcionando como um rito individual de deslocamento que leva Mar até seu lugar no mundo, embora haja consequências, o preço a se pagar é válido, já que a barreira foi quebrada e agora finalmente ele pode ser o homem que sonha ser. Embora doloroso, o corpo suporta, porque a sensação de experimentar a criação da nova identidade supera os males da dor física, tornando o corpo espaço de desejo e modificador de significados. O corte é dor, mas não é sofrimento. Os afetos angustiantes que provocam sofrimento estão na ordem do subjetivo, o físico captura essa dor e recorre a uma solução agressiva que gera dores controladas e menos agonizantes que as dores internas.

O corte seria talvez uma perda da lucidez? Não. O corte é a tomada dela. Mesmo que no momento da incisão, pareça que o jovem autolesionado esteja em um estado de transe e perda de controle sobre suas emoções que refletem na ação do corte. Nesse sentido, a ação do corte não é uma patologia deteriorizante que tira o sujeito da realidade e o faz transitar num colapso que se produz a partir da perda do controle, a prática do corte é tão consciente como a certeza de não se identificar com o corpo biológico.

Na mesma lógica do corte como via de possibilidade de resistência, de sobrevivência e de desejo de viver, de não morte, aqui também aparece como uma lógica de tomada de poder consciente, uma profunda intenção de não só canalizar emoções, como de reestabelecer os sentidos e se reconciliar com o corpo, não é uma atividade vazia de consciência, é um ato controlado que materializa a dor, através da produção da dor, servindo como analgésico aliviando as sensações de desconforto que foram geradas pelas expectativas do mundo social. A lucidez é uma característica da autolesão, no caso de Mar.

A pele faz parte de quem é Mar, é sua realidade, contempla e forma seu corpo, a pele está para ele como uma realidade imediata que mediante ao sofrimento precisa ser manipulada, precisa ser infringida, porque o corte é dor, mas também é cura. Se aquilo que envolve seu corpo não é capaz de dizer para o mundo quem ele é, o colapso da subjetividade, ao enfrentar esse eu não reconhecido, precisa amparar-se numa superfície que recebe dor e se restaura pra que não só o sentimento de alívio se apresente, mas inclusive o sentimento de renascimento que acalma o sujeito, é isso que o corte possibilita.

O sangue é como fonte de renascimento, quebrando as barreiras do corpo-pele, desafiando as vulnerabilidades de Mar. A asfixia de estar envolvido por uma realidade que não o satisfaz, por um corpo que não o identifica, por um gênero que não o reconhece é desfeito no momento em que o corte inunda sua pele, ali, no momento exato em que o corte é feito, tudo acontece, Mar recupera o fôlego, se sente não só livre, mas senhor da sua própria vida, criador da sua história, recuperando o controle das coisas. Tudo é ressignificado, o corte em si reapresenta o símbolo da restauração entre ele e o mundo, deixando claro que surgirá o novo.

A agressividade do corte choca não só a quem está de fora, mas também o cortante. E é nesse instante do choque que a produção de sentido se estabelece, é violento, mas é consentido, esse processo estabelece uma reconexão com a vida. O impacto permite a preservação, existe um limite para o corte, ele não é desenfreado, impensado, é uma

prática cotidiana que se aperfeiçoa e sabe muito bem o sentido, Mar tem uma lâmina específica, guardada numa caixa para isso. Por isso, não podemos pensar que o corte não é lúcido, porque ele suspende a sensação de perda, então intencionalmente e racionalmente ele é produzido.

Mar opera no corte a restauração com a vida, com o corpo, provocando a existência, cria, se recria, produzindo sentidos, estabelecendo posturas, refazendo o gênero, se permitindo ser, desapontando a lógica social do lugar do seu corpo. O sofrimento que é gerado na pele, atravessa o corpo e a alma, dando ao agressivo a possibilidade de cura. O corpo lesionado se restabelece elaborando sentidos, produzindo existência, criando o corpo desejado.

A escarificação é não somente uma marca em Mar, como também um processo de reconstrução, produzindo e sustentando, revelando e escondendo, convocando e excluindo sentenças. O corte é enigmático ao olhar do outro, mas Mar entende que naquele momento o corte produz decifração, de si, da realidade, do corpo, da subjetividade, Mar entende que esse limite entre o corpo e o mundo é golpeado, o corte discursa, e esse discurso avisa sobre o sentimento de pertencimento e de reconhecimento do próprio eu.

Quando Mar diz “eu me corto porque não me aceito” o ato do corte é uma reivindicação, um feito de resistência que anuncia sobre seu corpo e sua subjetividade que não aceitar o corpo e as expectativas sociais para com ele e implica na violação dos limites da pele, porque ele se sente invadido por um sentimento de busca e representação de si. Mar atua nesse processo de não aceitação que se transforma num sentimento de construção de uma aceitação. Não é que automaticamente o corte produza essa aceitação, mas ele permite essa sensação de tomada de controle, de que apesar da cobrança externa sobre seus papéis sociais com o corpo biológico, em algum momento Mar poderá se impor sobre sua vida e determinar as facetas da sua realidade, a realidade que é representada por um corpo masculino.

Importante destacar, que apesar de ser um ato de pertencimento, um ato consciente de produção de sentidos e de reconstrução da própria identidade, o corte é consequência de afetos que invadem Mar de forma angustiante. O afeto se faz categoria analítica essencial para analisarmos seu caso. Por diversas vezes ouvi falando sobre o caos que ele sentia que fosse a vida, a dor da não aceitação, os olhares de julgamento, a exclusão familiar, as dificuldades trazidas pela disforia, todos esses sentimentos culminaram para que Mar infligisse seu corpo-pele, isso porque a intensidade dos afetos corroborou para a

necessidade de uma atitude. Se era seu corpo que provocava o estranhamento do outro, era seu corpo que necessariamente seria violado, não para diminuir o estranhamento, mas para confrontar e reafirmar seu processo identitário.

O corte não se apresenta como falta, mas como excesso. É a partir de uma demasiada sensação de ser e de querer ser que ele se realiza. Mar sempre se mostrou ativo em todas as demonstrações de afeto, inclusive nas entrevistas disse ser hiperativo em relação aos sentimentos, sendo eles negativos ou positivos.

Eu sou muito hiperativo, triste ou alegre, magoado ou demonstrando amor, é inevitável, mas me sinto muito sozinho. Sempre fui uma criança sozinha. Nunca tive muito apoio da minha família. Me distanciei bastante dela justamente pelo fato de me olharem e tratarem de forma diferente, apesar de saber que tudo tem um processo, mas não aceito discursos dos quais ferem a minha existência. Então, minha questão familiar é um pouco complicado, porém é algo que nunca e nem jamais, impedirá de ser o que eu sou.

Na convivência com Mar, era perceptível o quanto os conflitos familiares, por falta de aceitação comprometiam seu comportamento. Maioria das vezes calado, poucas palavras, mas as poucas vezes que se expressava era algo muito intenso, ou falava muito alto, ou se irava com muito fervor dando socos na parede. Mar sempre carregou, desde a infância, um sentimento de estorvo em relação a família e aos amigos, mas principalmente em relação a família. Se sentia deslocado, pouco relevante e nunca ouvido. Não teve abertura para expressar seus afetos perante sua base familiar, muito menos para falar sobre seu processo de transição, sua construção identitária. Mar sabe muito bem sobre os desafios de ser uma pessoa trans no Brasil, da violência, do preconceito, da exclusão e não poder compartilhar isso, não poder verbalizar como ele tem sido afetado por esses processos de construção de si, da própria não aceitação, da identificação com um gênero diferente do esperado. Então esse sufocamento pelos afetos, decorrentes de um processo invisibilizante dentro da própria família, gera em Mar a necessidade de expressão, uma expressão simbólica, que possa representar a forma como os afetos lhe rasgam por dentro. Esse rasgar e exteriorizado e contempla o sentimento do jovem Mar.

3.5 O desejo de ser

Na passagem da adolescência para a vida adulta, nós, em algum momento vamos perceber que nossos desejos vão se tornar possibilidade de uma construção identitária, seja na vida acadêmica, seja no mercado de trabalho, nas relações afetivas e qualquer

outra área da vida que possa identificar quem nós somos. Algumas dessas tomadas de consciência identitária são menos expressivas, já outras são violentamente enérgicas e intensas, isso parte da potência do desejo de ser, de se tornar e se ver a partir de si e do outro como gostaria. Mar, nessa passagem, percebeu que cultivar um corpo feminino e uma sexualidade lesbiana não cumpria mais com as expectativas de quem ele deseja ser.

A disforia causou o mal estar de não se encontrar no próprio corpo, esse mal estar não diz respeito apenas ao olhar-se no espelho e não se reconhecer, para além disso, a disforia provoca na subjetividade o desejo, e na impossibilidade imediata da realização desse desejo os sentimentos desconfortantes ameaçam os papéis sociais esperados. Mar ao não se enxergar mais cumprindo esses papéis se incomoda com suas vestimentas, com o cabelo, com o modo de comportar e com sua genitália, ou seja, o desejo que move sua potência de existir é um desejo que visa outra coisa que não é o que ele é até o momento de descoberta, então começa a fazer parte de um grande desejo de ser, de se tornar e recriar si mesmo, mas entre a tomada de consciência sobre esse desejo, a vontade ser e a criação de si existe um processo muito doloroso, porque não é apenas decidir ser, há implicações nessa transitoriedade que movimenta os afetos de forma que o resultado dessas afetações culmina em um violento ato contra si mesmo.

O ato consentido do corte revela um lado da transição de gênero que é o desencadeamento da produção de um novo eu, um processo cuja finalidade é transmitir sua essência puramente transformadora que gera e é gerada, transformando corpo e realidade num múltiplo movimento reinventario. A noção de corpo sem órgão de Deleuze e Guattari se tornou uma perspectiva muito valiosa para analisar esse corpo do desejo que Mar providenciou pra si. O corte surge como processo da criação desse corpo pleno que emerge em meio aos posicionamentos fora da caixa.

O corpo de Mar é o desvio transgressor que se assume diante de uma proposta que quebra com a noção de unidade do corpo orgânico. Mar rasga esse corpo orgânico para resistir e reivindicar um corpo aberto ao desejo de ser, ser em plenitude diante da intensidade dos movimentos, produzindo algo que diverge do esperado e vai de encontro com a experiência afetiva da criação. Para criar esse novo corpo pleno, de desejos e potência, Mar recorre ao mecanismo do corte, para sobreviver as penalidades sociais, o corpo velho precisa passar por uma espécie de ritualização de morte para vida. O corte é o rito, a morte é o velho, a vida é o novo.

Como pode um corte em si mesmo iniciar um processo quase que revolucionário de criação de si? Essa experimentação violenta é envolvida por significados e produz

sentidos jamais esperados por aqueles que cobravam papéis sociais condizentes as expectativas geradas para seu corpo orgânico. No corte é possibilitado a supressão das dores internadas fruto de uma vida de invisibilidade, solidão e desconforto. Quando ele acontece é ativado em Mar afetos capazes de transformar essa dilaceração em processo criativo. Suprimir essas angustias requer sacrifícios, a pele entra no jogo, nela recai a incisão, o preço a se pagar, apesar de alto, constitui uma forma particular de Mar de rejeitar as imposições, resistir a falta de aceitação e criar sua trans-formação.

O corpo de Mar se apresenta como um corpo divergente em diferentes momentos, tanto na prática autolesiva, como um corpo que brinca com os limites da vida e nessa conduta de provável risco provoca um sentimento coletivo de interpretação de desejo de morte, o que já discutimos que não é a intenção, pelo contrário é um mecanismo para manutenção da vida, mas se coloca para outro como um desejo de autodestruição, carregando o estigma dessa ação, e diverge novamente quando passa a se identificar e constrói uma postura de autoaceitação como homem trans, quebrando qualquer expectativa familiar e social sobre seu papel no mundo como uma garota. Mar desvia o tempo todo das expectativas que recaíram sobre ele desde a infância e carrega consigo um peso muito doloroso de ser essa pessoa que desaponta essas expectativas, mas por outro lado, encontra refúgio na coragem de ser, de tomar pra si esse corpo que é divergente, mas que representa e alinha-se com o corpo desejante que sonhou.

A conexão entre subjetividade e corpo, constrói uma trajetória específica que constitui a história de Mar, o alinhamento do desejo com a ação de criação, transformou Mar em um garoto trans que enfrenta a realidade da sua existência, carregando consigo as consequências desse enfrentamento e possibilitar a si mesmo ser o que é. Finalizamos esse capítulo com a seguinte fala do nosso pesquisado:

Desde que me reconheci como homem trans, venho em processo de transição com minha mente e meu corpo. Acho muito superficial a forma como muitos abordam a transexualidade hoje em dia. A questão de "olhar-se no espelho e não se reconhecer". A transexualidade não se resume a isso. Existe trans que não passam por processo hormonal, cirurgias de resignação e até mesmo mudança de nome, por se sentirem completos e isso não diminui sua identidade. Não devemos generalizar a transexualidade a uma vivência só! Porém, reconhecer minha própria identidade foi libertador. Hoje, eu sei quem eu sou e me orgulho cada vez mais, do que estou me tornando. O processo não é fácil, já passei por várias situações constrangedoras. Olhares distorcidos, exclusão em meio social e familiar, até mesmo o uso do banheiro masculino. Isso e outras questões, me tornaram uma pessoa mais retraída e sozinha. Não me arrependo do que me tornei, pois sei que hoje, esse sou eu. Transicionar está além de um corpo hormonizado ou cirurgiado. Transicionar está na sua identidade, no que você

pertence em ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho se preocupou em desenvolver um suporte teórico que pudesse compreender os sentidos da autoescarificação por uma perspectiva não só sociológica, mas também utilizando como âncora as discussões da psicologia e da psicanálise, para fundamentar e contextualizar melhor nosso problema de pesquisa. Fizemos uso de algumas categorias analíticas que puderam orientar o trabalho e garantir o processo de análise nos setores que acompanham a vida de Mar, nosso entrevistado. Todo o aporte teórico nos levou a conhecer e destrinchar nosso caso de pesquisa, apresentando os relatos da história de vida de Mar, foi possível, através da sua experiência, trazer para os estudos das Ciências Sociais um pouco de como os sentidos são produzidos a partir de práticas pouco compreendidas, principalmente quando falamos de algo que fisicamente é agressivo.

Pudemos sustentar durante a análise uma perspectiva pouco convencional que trata a prática autolesiva como ato ou método de não apenas sobrevivência, como, sobretudo, resistência. O corte tem uma representação muito forte na vida de Mar pela questão da transição, da tomada de consciência de não se sentir confortável em um corpo e em gênero que não o representa por completo, então imaginemos a dimensão simbólica desse corte em um adolescente que está em processo de construção identitária subjetiva e fisicamente diferente dos outros adolescentes que fazem parte do seu ciclo social. Nesse sentido também trabalhamos com as possibilidades teóricas da adolescência, entendendo esse período não como algo dado e natural, mas como um processo de construção que está ligado a fatores sociais, culturais e sobretudo psicológicos.

Mar nos forneceu dados muito instigantes e desafiadores pra pensar a autoescarificação, provocando um olhar mais sensível e menos preconceituoso sobre a prática, levando realmente a pesquisa a traduzir o corte como um intermediário entre a dor e a cura. Apesar de poder se tornar uma conduta de risco, que traga consequências mais graves para o seu corpo ou sua saúde, não cabe a nós enquanto pesquisadores inserir nossos julgamentos, mas de fato possibilitar a pesquisa sociológica esse viés de compreensão.

A partir das vivências de Mar, da sua disponibilidade e abertura para contribuir com essa

pesquisa falando sobre seu processo transitório, podemos analisar como a prática de autoescarificação, nesse caso específico, tornou-se uma prática de sobrevivência, de luta para continuar, para apresentar ao mundo um novo corpo, criado e ressignificado a partir do desejo de Mar. A potencialidade dos atos cortante, proporcionou ao estudo, desmistificar a prática autolesiva como atos destrutivos, mas sim como tentativas de permanecer, resistindo as expectativas sociais.

O corte se traduz para Mar como discurso, a fala não dita. Não dita pelo preconceito, pelo medo da exclusão, pela falta de apoio, pelo desafeto familiar. A precariedade da comunicação na vida de Mar abriu espaço para ser também um requisito ao corte. A materialização daquilo que não pode ser comunicado é levado ao corpo, o sangue escorre como palavras. É uma estratégia de experimentação e quando há o alívio, a escuta do corpo, a sensação de controle, de renascimento, de criação, de ser agente da sua própria vida o ato cortante funciona tão bem que os danos corporais não parecem doer tanto quanto a escuta que nunca aconteceu.

Cartografar a dor de Mar, mapeando neste trabalho os processos de subjetivação de um adolescente trans, buscado identificar a construção dos significados do corte a partir da sua experiência de vida, possibilitou a construção de um pensamento sobre Mar que está interligado entre as condições de socialização da sua infância e modo que os afetos, a partir de então, foram se constituindo na sua relação ser individual-ser coletivo até culminarem na sua adolescência, momento do despertar de Mar para sua identidade.

Um adolescente, de uma cidade de interior, de uma família religiosa e conservadora aos dezessete anos percebe que o corpo biológico que foi concedido a ele em seu nascimento e os papéis sociais preestabelecidos não condizem com seus desejos. Expectativas e corpo não desejantes levaram Mar a desenvolver um mecanismo que pudesse amenizar a dor causada um conjunto de afetações que foram se intensificando ao longo da sua existência, perpassando a infância e atingindo de forma pesada na adolescência. Mar conta que ainda na infância percebeu que havia algo de errado e que não podia se permitir gostar de outra coleguinha na escola e reprimiu-se. O tempo passou e falhou em manter vínculos afetivos com garotos e se descobriu lésbica, porém algo ainda incomodava, se assumir como lésbica ainda não representava sua real identidade, até que os problemas com a disforia começaram a parecer e finalmente Mar pode se encontrar, transicionar e pertencer fielmente a sua identidade.

Nesse sentido, o trabalho pode analisar que Mar diante da necessidade de se conectar consigo e com o mundo, através do seu corpo que até então era inaceitável, viu

na autoescarificação a potência de transicionar, isso porque o corte além de proporcionar alívio emocional para as angústias que carregou desde a infância, também permitiu que ele surgisse como uma nova criatura, detentora de uma consciência e um passado que infelizmente não era possível apagar, mas que pela primeira o mundo o viria como ele realmente é. Diante de tanta impotência ao longo da curta vida, o corte possibilitou a Mar o controle da situação, a manipulação da lâmina, a infração na pele, o sangue, a dor, agressivo e consentido, tudo isso possibilitou Mar ser agente da sua própria vida, não porque o corte em si fez isso, mas o sentido que a produção desse corte se tornou para ele.

É preciso destacar mais uma vez que a história de Mar, apesar de muito corajosa, é uma história de dor, de momentos de exclusão, discriminação, invisibilidade familiar e não aceitação. A resistência é fator preponderante na sua trajetória, não só, a criatividade também, pois pode se reinventar mesmo quando não se sentiu confortável consigo mesmo. Sobreviveu e usou da autolesão como ferramenta para sobrevivência e não podemos negar que mesmo sendo um mecanismo potencializador, ainda sim é uma conduta de risco totalmente perigosa que pode causar sérios problemas. Agora com um olhar mais gentil sobre a prática autolesiva, posso perceber o quando isso pôde ser o salva vidas de Mar, mas não cairemos no negacionismo da gravidade do ato para sua segurança física.

Essa pesquisa teve o propósito de investigar os sentidos da produção da autoescarificação para Mar, um adolescente. Ao longo do processo percebemos que nossa garota entrevistada iniciou um processo de transição de gênero. Teoria e realidade aos poucos foram se encaixando, o olhar sociológico cumpriu o objetivo. O corte é para Mar saída e entrada e representa o auge da sua resistência e criação de si, a cura da dor, o progresso do corpo, sua subjetividade produziu um sentido e esse sentido é o de sobrevivência. As respostas não se esgotam por aqui, Mar é um sujeito único, com uma experiência e história de vida particular, mas a dor dele é compartilhada por outras infinitas pessoas mundo a fora, há muito a ser explorado.

Finalizando essa dissertação, agradeço a Mar por aceitar o convite e contribuir com a realização da pesquisa, a tarefa de compartilhar uma parte da sua vida para que pudéssemos desenvolver uma análise sobre um tema pouco pensando no campo sociológico foi de grande coragem de sua parte e um desafio para nós pesquisadores, pude ver através de suas lentes o doloroso processo de ser uma pessoa trans numa sociedade que pouco enxerga o diferente. Acredito que a pesquisa realizada, foi uma construção

coletiva, entre as partes envolvidas, de um olhar sensível a processos invisibilizados, poder traduzir esses processos para o campo acadêmico e para comunidade gera em mim um sentimento de gratidão. Aprendi com essa pesquisa o que eu não imaginava aprender, cresci como pesquisadora, mas ainda mais como ser humano. A experiência de Mar deu abertura para pensar sobre outras experiências e pensar também que o silenciamento daqueles que estão em angústia sempre deixa algo para ser traduzido, seja no silêncio, seja na pele.

Referências

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ARAUJO, Adriana Dias Gomide; BARROS, Vanessa Andrade de; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração**. *Pesqui. prá. psicossociais* vol.12 no.2 São João del-Rei abr./jun. 2017.
- ARAÚJO, J. F. et al. **O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão**. [S.l.: s.n.], 2016.
- ARCOVERDE, Renata Lopes. **Automutilação e produção de identidade**. Recife, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 20015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal Estar na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BECKER, D. **O que é a adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, Berenice. **O que é Transexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores**. *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.) vol.11 no.1 Campinas Jan./June 2007.
- BOLLAS, C. Flagelação. **Sendo um personagem**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. p. 107-113.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 14.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOTTI, Nadja Cristiane Lappann; SILVA Aline Conceição. **Uma investigação sobre automutilação em um grupo da rede social virtual Facebook**. *Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* 2018 Out.-Dez.;14(4):203-210.
- BRANDÃO, Ramon. **Foucault e o cuidado de si: os caminhos prováveis de uma subjetividade contemporânea autônoma**. Anais do Seminário dos Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, 2015.
- BRUCK, Mozahir Salomão. **Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano**. Revista do programa de pós-graduação em comunicação social-PUC Minas.

Minas Gerais, nº2, 2002.

BUTLER, J. **Desdiagnosticando o gênero**. Tradução de André Rios. *Physis*, v. 19, n. 1, p. 95-126, ago./abr. 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2015.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CALLIGARIS, C. **Adolescência**. São Paulo: Folha explica, 2009.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Tradução de BARROCAS, Maria Thereza de Carvalho; LEITE, Luiz Octavio Ferreira Barreto. – 5ª ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CESAR, Fátima Flório. **Morte e vida na adolescência**: da dor e da delícia de ser jovem. *Desidades*, número 22. ano 7. jan-mar 2019.

CLÍMACO, A. A. S. **Repensando as concepções de adolescência**. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

COSTA, A. **Tatuagens e marcas corporais**: atualização do sagrado. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003.

COSTA, Sâmara Araújo. **O corpo como ser no mundo na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty**. *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE* v.6 n.2 (2015): 267-279.

DeAngelis, T. (2015a). **A new look at self-injury**. *American Psychological Association*, 46(7), 58. Retrieved from: <https://www.apa.org/monitor/2015/07-08/self-injury.aspx>

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol.I. São Paulo: Ed.34, 1995.

DILTHEY, Wilhelm. **Introduction to the Human Sciences**. Edited by R. A. Makkreel & F. Rodi; trad. Michael Neville. New Jersey: Princeton University Press, 1989. (Selected Works, v. I).

ERIKSON, E. (1976). **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar.

FILHO, Kleber Prado; TETI, Marcela Montalvão. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.38, p., jan./jun. 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p.243-276.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Editora Forense Universitária, 4ª Ed,

1994.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In P. RABINOW e H. DREYFUS, Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRAGOSO, Tiago de Oliveira. **Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman**. Revista Perspectivas Sociais, Pelotas, Ano 1, N. 1, p. 109-124, março/2011.

FREITAS, Cláudia Rodrigues de. **“Normalidade”**: revisitando o conceito. 2012.

FREITAS, Maria Virginia de. **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais, 2005.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1905/2005a. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 7).

GIDDENS, Antony. **Consciência, self e encontros** sociais. In: A constituição da sociedade. Editora Martins Fontes, 1998. p. 47-109.

GOFFMAN, Evinger. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, ed. 7ª, 2002.

HARRINGTON, R. (2001). **Depression, suicide and deliberate self-harm in adolescence**. British Medical Bulletin, 57(1), 47-60, doi: <https://doi.org/10.1093/bmb/57.1.47> [Links]

HUSSERL, Edmund. **Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins**. (Gesammelte Werke, v. 10, editado por Rudolf Boehm). Den Haag: Nijhoff, 1966.

JATOBÁ, M. **O ato de escarificar o corpo na adolescência**: uma abordagem psicanalítica. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2010.

LACAN, J. **O seminário: livro 10: a angústia**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1963-1964/2005.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. [Trad. Sônia M. S. Fuhrmann] Rio de Janeiro – Petrópolis: Vozes, 2ª ed., 2007.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

LE BRETON, David. **Escarificações na adolescência**: uma abordagem antropológica. Horizontes Antropológicos, 16(33), 25-40, 2010.

LE BRETON, David. **Uma breve história da adolescência**. Belo Horizonte: PUC, 2017.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

Lopes, L. (2017). **A escola como cenário de narrativas da adolescência**: escuta analítica de adolescentes que praticam automutilação (Dissertação de Mestrado, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Brasil). Retrieved from: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5312839

LOPES, Lorena da Silva. **A escola como cenário de narrativas da adolescência**: escuta analítica de adolescentes que praticam automutilação, Fortaleza, 2017.

LORENA, Renata Guaraná de Sousa. **Um corpo para (de)marcar-se**: estudo psicanalítico acerca das escarificações na adolescência, Recife 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEAD, Georg Herbert. **Die Philosophie der Sozialität** (editado por Hansfried Kellner). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969.

Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 21 ago, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Versão online. São Paulo:

MOREIRA, J.; TEXEIRA, L.; NICOLAU, R. **Inscrições corporais**: tatuagens, piercings e escarificações à luz da psicanálise. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 585-598, 2010.

MOURA, Francisca de Jesus Cardoso; OLIVEIRA, Luizir de. **A cartografia como método de pesquisa filosófica o filósofo-cartógrafo mapeando territórios, acompanhando processos e criando procedimentos de pesquisa**. Revista Lampejo - vol. 9 n° 1.

NEVES, Thiago Tavares; LACAVA, Vyullheney Fernandes de Araújo. **Devir-trans**:

atravessamentos corporais, políticos e artísticos na cultura pop. Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura, v.9, nº2, edição de Dezembro de 2020.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al. **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração,** 2017.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Sobre memória e sociedade.** Revista Psicologia USP, v.19, nº1, 2008.

Organização Mundial da Saúde. (2008). **CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde.** 10ed. Retrieved from: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/cid10.htm>.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulinas, 2011.

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: A interrelação entre experiência, recordar e narrar. Civitas, Rev. Ciênc. Soc. vol.14 no.2 Porto Alegre May/Aug. 2014. Epub June 15, 2020.

Sancionada a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2019/abril/sancionada-a-politica-nacional-de-prevencao-da-automutilacao-e-do-suicidio>. Acesso: 30 de abril de 2019.

SANTOS, Luciano dos. **As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas.** Revista Rascunhos Culturais, Coxim/MS, v.2, nº4. 2011. p. 141-147.

SANTOS, Rosângela da Silva e SPINDOLA, Thelma. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?).** Revista Escritos de Enfermagem, USP. 2003. p.119-126.

Schmidt, J. P. (2001). **Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio.** Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC.

SILVA, B.; CERQUEIRA-SANTOS, E. **Apoio e suporte social na identidade social de travestis, transexuais e transgêneros.** Rev. da SPAGESP, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 27-44, mai./set. 2014.

SILVA, Sandro Luis Costa da; SILVA, Jerônimo Vieira de Lima; AZEVEDO, Maria Thereza Oliveira; **O Corpo que TRANSito: reflexões sobre performatividade a partir de memórias de corpos trans.** Cuiabá-UFMT e FBAUP-Portugal.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOCZEK, Daniel. **Comunidade, utopia e realidade: uma reflexão a partir do pensamento de Zygmunt Bauman.** Rev. Sociol. Polit. no.23 Curitiba Nov. 2004.

SPINOZA. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

YONEZAWA, Fernando Hiromi. **Só a alegria produz conhecimento**: corpo, afeto e aprendizagem ética na leitura deleuzeana de Spinoza. Educação: Teoria e Prática/ Rio Claro/ Vol. 25, n.48/ p. 186-199/ Jan-Abr. 2015.